

O XXV CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA



O início dos trabalhos. Relatório do Comité Central lido pelo camarada Leonid Brejnev. A realidade interna do PCUS no momento do XXV Congresso

Crónica de Albano Lima
nosso enviado especial

Pág. 6



UNIDADE CONTRA A REACÇÃO

Unidade contra a reacção, na defesa das conquistas alcançadas e pela consolidação e avanço da democracia. É esta a palavra de ordem que o Partido Comunista Português lança nestes dias difíceis da nossa jovem democracia, nos quais é mais do que nunca essencial fortalecer a barreira da resistência das forças militares e populares da democracia e do progresso social.

Unidade contra a reacção. Foi esta a palavra de ordem que, em dezenas

de sessões e comícios realizados nos últimos dias, dirigentes e militantes comunistas apontaram e debateram, em diálogo franco e aberto com homens e mulheres, muitos deles não integrados no nosso Partido, mas para quem ele cada vez mais claramente surge como o grande partido da esquerda. (Na foto, Sérgio Vilarigues na mesa que presidiu à sessão realizada em Vendas Novas).

Pág. 5

OS INCIDENTES EM BENAVIDA E CAMPO MAIOR

Os incidentes de Campo Maior e Benavida têm estado a ser utilizados para reacender a campanha anticomunista. No sentido de esclarecer devidamente o que se passou o Partido Comunista Português deu ontem uma conferência de imprensa no Centro de Trabalho de Alcântara.

Na página 2, publicamos um relato dessa conferência de imprensa e também a descrição dos incidentes que ocorreram no distrito de Portalegre.

RPA: UMA REALIDADE QUE SE IMPÕE AO MUNDO

Pág. 12

- Defender a Reforma Agrária é defender a Revolução — pág. 3
- Assembleias do PCP na Figueira da Foz e Ovar — pág. 4
- Protestos na RDA contra as ingerências imperialistas em Portugal — pág. 8
- Metalúrgicos em luta — pág. 8
- O fascismo no Brasil e a posição do Partido Comunista Brasileiro — pág. 10
- 100 mil presos já passaram pelas masmorras de Pinochet — pág. 10



Editorial

QUANDO SE GANHA COM A DIREITA É A DIREITA QUE GANHA

O momento que vivemos é talvez decisivo para os destinos do nosso País e do nosso Povo nos anos imediatos. É um momento que exige de todos os portugueses progressistas e patriotas a ponderação política de cada passo, uma aguda visão histórica da hora actual e do caminho que vamos percorrer e a consciência nítida de que muito do nosso futuro como país independente e livre, depende do que fizermos hoje e do que vai sair-nos das mãos para os anos vindouros.

Uma pergunta que devem fazer a si próprios aqueles a quem o circunstancialismo político investiu de responsabilidade e a que é preciso responder sem eufemismos nem transacções de consciência, é a seguinte:

— Quem nos ajuda e a quem ajudamos?

Algumas das figuras que hoje se movem na ribalta política promovidas a estrelas de primeira grandeza podem fazer de si próprios uma ideia não realista da sua estatura política.

Os holofotes da ribalta podem agigantar pigmeus mas não lhes altera a pequenez.

Os dirigentes políticos só serão grandes se é grande e nobre a causa que servem, só ficarão na memória do seu povo se ligarem cada um dos seus actos à união e à defesa dos interesses superiores do seu povo, mais precisamente das suas camadas de facto representativas e amplas — os trabalhadores.

Da resposta insofismável à pergunta que acima fazemos depende o lugar na História dos responsáveis políticos em evidência numa dada fase da vida do seu povo. Ao fim de algumas décadas o juízo da História reduz os pigmeus políticos à sua verdadeira dimensão.

Se não serviram o seu povo pode acontecer duas coisas: ou fizeram tanto mal aos seus concidadãos e à Humanidade — e serão lembrados com execração — ou foram simples peões de poderosas forças do mel — e quase ninguém se lembrará deles.

Hitler é um monstro inesquecível pela enormidade dos seus crimes. Mas Noske, quem se lembra de Noske, o dirigente da social-democracia alemã, que em 1919 liquidou a revolução socialista da Alemanha de Weimar e abriu as portas a Hitler?

Se, pelo contrário, tais responsáveis ligaram as suas vidas e os seus actos à causa sagrada do seu povo — como Liebknecht, por exemplo — mesmo sem rasgos de genialidade, o pensamento dos homens de amanhã virar-se-á para eles com gratidão e amor.

— Quem nos ajuda e a quem ajudamos?

Esta pergunta e o que atrás dizemos relaciona-se com os acontecimentos de há três dias no Alto Alentejo e com a conduta pessoal do dr. Mário Soares, como dirigente de um grande partido que se propõe como objectivo o socialismo.

Sem dúvida que os incidentes de Benavila e de Campo Maior devem ser vistos nas suas justas proporções. Não devem ser exagerados nem perturbar a visão serena dos problemas políticos em que se inserem as relações entre o PS e o PCP.

Os trabalhadores socialistas e comunistas, para além das contingências políticas actuais têm uma vocação comum, unitária, que os integra numa grande perspectiva histórica e social convergente.

Nos últimos tempos, apesar do contencioso delicado entre os dois partidos, têm-se multiplicado as acções comuns entre comunistas e socialistas em torno de objectivos comuns e certamente continuarão a multiplicar-se.

Contra o terrorismo fascista — que atingindo principalmente o PCP já atinge também militantes do PS; contra o aumento do custo de vida e pelo descongelamento das contratações colectivas, que afectam da mesma forma todos os trabalhadores, independentemente das suas tendências políticas; pelo reforço da unidade no movimento sindical e noutras frentes de luta.

Particularmente na defesa da Reforma Agrária, na luta comum de milhares de assalariados rurais e pequenos e médios agricultores nas regiões do latifúndio, tem sido possível immanar socialistas e comunistas, quer lá, trabalhando a terra e transformando radicalmente o panorama social do Alentejo, quer definindo e realizando um programa comum ao nível do próprio ministério.

O ministro socialista da agricultura, Lopes Cardoso, tem-se mostrado um homem aberto aos problemas complicados da Reforma Agrária, tem podido utilmente dialogar com os trabalhadores e os agricultores dos campos alentejanos sem que se tenham suscitado entre uns e outros questões intransponíveis.

Os inimigos da Reforma Agrária têm tentado denegrir e atacar por todas as formas essa conquista extraordinária dos camponeses do Sul e da revolução portuguesa. Inventam as calúnias mais absurdas: com base num ou noutro passo mal

orientado e perfeitamente natural numa situação tão injusta como a do Alentejo latifundiário, generalizam e tentam classificar de «ocupações selvagens» todas as iniciativas camponesas rigorosamente processadas no respeito pela lei; acirram os trabalhadores de umas terras contra as outras e inventam a segregação dos trabalhadores nas herdades colectivas desde que não perfilhem as ideias «comunistas» ou não sejam membros do PCP; choram lágrimas de crocodilo pela «desumanidade» das ocupações dos latifúndios e tecem outras deformações da verdade que não vale a pena referenciar.

Os reaccionários de Rio Maior e os caceteiros do CDS, do PPM e do PPD, bem acolitados pelos seus coadjutores do MRPP e da AOC, fazem destas e de outras calúnias a sua «artilharia» verbal contra a Reforma Agrária.

Ao fazê-lo, agem coerentemente em defesa dos seus interesses parasitários de classe, que nada têm de comum com os interesses dos milhares de pequenos e médios agricultores, proprietários ou rendeiros do Norte, Centro e Sul do País.

Fazendo-se eco dessas calúnias, dizendo-as ali nas barbas dos camponeses que sofreram durante décadas a opressão e exploração desenfreada dos grandes agrários e que edificam agora uma nova forma, colectiva, de exploração da terra à custa de um sacrifício voluntariamente assumido, o dr. Mário Soares prestou um mau serviço à Reforma Agrária, prejudicou o seu partido, ajudou aqueles que estão interessados em recuperar as posições perdidas e em liquidar essa grande conquista da revolução.

É lastimável que os auditores camponeses do dr. Mário Soares tenham perdido a calma e manifestado de formas menos próprias a sua indignação pelos insultos proferidos pelo secretário-geral do PS. Ainda mais se, e quando, comunistas.

Mas o dirigente de um grande partido democrático deve distinguir-se pela paciência e pela forma com que respeita e ouve os seus objectores, deve esclarecer com toda a clareza possível, dúvidas e questões levantadas por trabalhadores que dentro de pouco tempo, aliás, vão ter que optar por meio do voto por tal ou tal partido, por tal ou tal política.

É aqui que reside um dos aspectos mais inquietantes da conduta do dr. Mário Soares no Alentejo. Em fins de Abril estão previstas eleições para a Assembleia Legislativa, passo necessário para a plena normalidade democrática.

É de importância decisiva que as forças de esquerda, em que de longe preponderam o PS e o PCP, triunfem nessas eleições e assegurem com a sua vitória o curso democrático da revolução portuguesa. O triunfo das forças de esquerda garantirá a formação de um governo democrático de esquerda, a defesa das liberdades e das conquistas fundamentais da Revolução.

Só um governo representativo dessas forças poderá dar aplicação prática a esse documento básico da nossa democracia, que é a Constituição progressista que está saindo da Assembleia Constituinte, na discussão da qual frequentemente se immanaram deputados socialistas, comunistas e de outras formações de esquerda.

Infelizmente, as forças de esquerda não vão submeter-se ao eleitorado agrupadas numa vasta frente, o que lhe asseguraria uma vitória esmagadora. Mesmo assim a vitória é possível desde que as forças democráticas e de esquerda conjuguem a sua acção e dirijam os seus ataques contra o inimigo verdadeiro da revolução — a direita reaccionária.

O dr. Mário Soares exprimiu peremptoriamente no mês passado a posição do seu partido: nem unidade com o PCP — o único partido com o qual é possível uma alternativa de esquerda — nem com o PPD, este de uma forma menos peremptória.

A atitude do secretário-geral do PS no Alto Alentejo indica mais do que isso: indica que o anticomunismo vai de novo ser a grande direcção política da campanha eleitoral do dr. Mário Soares.

Afirmando, por outro lado, que o seu partido vai ganhar as eleições (não vemos bem como), repudiando as alianças à esquerda, significará isso que a direcção do PS conta com a ajuda das forças de direita para a sua vitória eleitoral?

Estarão de acordo com isto os trabalhadores socialistas? Estamos certos que não.

O PCP continuará a trabalhar a todos os níveis para que o contencioso com o PS não se agrave ainda mais, trabalhará para que os dirigentes socialistas encarem sob outro prisma as relações com os comunistas. Isto apesar da ausência de uma frente das esquerdas.

Mas uma vitória que se procura em aliança com as forças da direita nunca será uma vitória — será uma derrota. Uma verdade se extrai de todas as revoluções: **Quando se ganha com a direita é a direita que ganha.**

OS INCIDENTES EM BENAVIDA E CAMPO MAIOR

Graves acontecimentos ocorreram em comícios do PS em Benavila e Campo Maior. É tempo do dr. Mário Soares deixar de procurar os seus inimigos no PCP e procurá-los na direita reaccionária, nos grandes agrários e capitalistas

Num momento que é de unidade de todas as forças de esquerda, de todos os antifascistas na defesa das liberdades democráticas para sustentar o avanço da ofensiva reaccionária, verifica-se que alguns dirigentes do PS, nomeadamente o dr. Mário Soares, espalham o seu anticomunismo primário em terras do Alentejo, para daí irradiarem, justificando-se com o pretexto por eles próprios criado, uma ampla campanha anticomunista.

Num momento em que é real a aproximação de trabalhadores comunistas e socialistas na defesa das suas conquistas e dos seus mais legítimos direitos, aproximação que se faz sentir nomeadamente nos locais de trabalho e em todos os sítios onde as classes trabalhadoras convivem no dia-a-dia, apesar das notas apressadas do Partido Socialista afirmando que a sua cúpula não está interessada na unidade, num momento destes, vem a direcção do PS, aproveitando um acontecimento cuja principal responsabilidade cabe a alguns dos seus membros, encetar a campanha anticomunista em repetição do que já fizera nas eleições passadas.

Mas vejamos o que se passou em Campo Maior onde, segundo as afirmações dos elementos da direcção do PS, os acontecimentos tiveram início. Uma nota da Comissão Distrital de Portalegre do PCP explica:

«Depois do ambiente já estar bastante quente devido à intervenção do sr. Aires Rodrigues em que atacou o PCP e a Reforma Agrária, o dr. Mário Soares, a abrir a sua intervenção — talvez por engano — chamou aos trabalhadores amigos de Rio Maior. Esta abertura mereceu os aplausos de alguns grandes agrários e os protestos de um grupo de trabalhadores.»

Podemos admitir que o dr. Mário Soares, inflamado pelo discurso que proferia, tivesse cometido tal deslize. E o incidente ficaria sanado se o dr. Mário Soares tivesse aceite os protestos dos trabalhadores presentes e logo ali desfizesse o equívoco. Mas já não foi deslize quando no decorrer da sua intervenção teve expressões injuriosas para com os comunistas, chegando a dizer que «iriam sofrer as consequências no Alentejo, como estão a sofrer no Norte». Observa a nota da Comissão Distrital de Portalegre que a maioria das pessoas presentes constatou o anticomunismo do dr. Mário Soares e outros oradores, tendo mesmo alguns membros do PS pedido ali mesmo a sua demissão.

DONDE PARTE A AGRESSÃO

Mas não ficou por aqui a campanha anticomunista da digressão alentejana do dr. Mário Soares. E em Benavila iam ocorrer incidentes mais graves, que originaram um ferido.

E refere a nota da Comissão Distrital de Portalegre do PCP as atitudes tomadas em Benavila pelos dirigentes socialistas: «Aqui

disseram que os comunistas se julgam patrões do Alentejo, que pretendem instaurar uma ditadura, que até ao 25 de Novembro não se tinha vivido em democracia no nosso país, que o PCP era o responsável pelo 25 de Novembro e que a contestação que estava a ser feita era uma prova de que vocês são uns socialistas-fascistas, uns tiranos e uns ditadores.»

Na sessão do PS em Benavila, informa entretanto um comunicado da Secção de Informação e Propaganda do PCP, o sr. dr. Mário Soares começou a sua intervenção dirigindo insultos aos comunistas, o que provocou uma legítima indignação por parte da gente da terra. Quando um militante do PCP, António Diamantino Rosário Vieira, procurou acalmar os ânimos e criar condições para a continuação do discurso do dr. Mário Soares, foi agredido a murro e a pontapé e arrastado por lídio Torres e Marcelino Cucco. Estes indivíduos, que se dizem militantes do PS, foram detidos pelas autoridades, porque o povo de Benavila exigiu a sua prisão. Quando o camarada Vieira era conduzido para o hospital, foram disparados dois tiros sobre o automóvel que o transportava. O suposto autor desta agressão é um marginal conhecido por Chico Corréio. Nos acontecimentos, o único ferido hospitalizado é militante do PCP e os únicos detidos dizem-se militantes do PS.

A nota da Comissão Distrital de Portalegre do PCP acrescenta, por seu turno:

«Estranhámos que o dr. Mário Soares, no relato que fez sobre os acontecimentos não diga que o Francisco Costa, conhecido pelo «Chico Corréio», com largo cadastro por delito comum e um outro elemento que se diz do MRPP, estiveram na mesa a fazer a apresentação dos oradores e iniciaram o comício chamando gameleiros aos comunistas.»

E ao terminar: «A Comissão Distrital de Portalegre do PCP deplora os incidentes no distrito de Portalegre, mas responsabiliza o dr. Mário

Soares e os srs. Aires Rodrigues e Júlio Calha pelos lamentáveis acontecimentos.

«A Comissão Distrital de Portalegre do PCP apela para que todos os trabalhadores do distrito, comunistas, socialistas e de todos os partidos que afirmativamente estejam com a defesa das liberdades democráticas e com o avanço da Reforma Agrária se unam contra o inimigo comum: a reacção.»

COBERTURA E JUSTIFICAÇÃO

Na nota que publicou sobre o assunto, a Secção de Informação e Propaganda do nosso Partido afirma:

«Não é difícil ver nestes acontecimentos uma provocação destinada a excitar os ânimos e a dificultar qualquer aproximação entre militantes comunistas e socialistas, precisamente numa altura em que se desenvolvem esforços no sentido de, unitariamente, se fazer frente à reacção e se defenderem as conquistas populares.»

«Da mesma forma que condena esta e outras alterações à ordem democrática, o PCP não pode deixar de condenar a forma insultuosa como o dr. Mário Soares se referiu aos comunistas na referida sessão.»

«O PCP considera que é tempo do dr. Mário Soares deixar de procurar os seus inimigos no PCP e procurá-los na direita reaccionária, nos grandes agrários e capitalistas. «Lamentamos também que o Partido Socialista, com as afirmações feitas nos seus comunicados, esteja a dar cobertura e justificação ao terrorismo desencadeado em várias regiões do país contra as forças democráticas.»

E a terminar: «A SIP do PCP verifica que estes acontecimentos estão a ser exagerados e transformados por certos órgãos de Informação no ponto de partida para nova

campanha anticomunista e de envenenamento do clima político. Tal facto é tanto mais grave quanto se trata de órgãos do Estado, Esquecendo o pluralismo de que se reclama e que é seu dever, o «Diário de Notícias» não relatou os acontecimentos de Benavila, ao fazê-lo exclusivamente pela palavra do dr. Mário Soares. Por sua vez a RTP, censurou parcialmente as declarações prestadas a este respeito por Sérgio Vilarigues, da direcção do PCP, dando também uma visão deformada dos factos.

«O PCP considera necessário o apuramento rigoroso do que se passou e a informação imparcial dos acontecimentos.»

O VERDADEIRO INIMIGO

Entretanto, e apesar dos lamentáveis acontecimentos ocorridos e que estão já a ser amplamente utilizados pelos órgãos de Informação ao serviço da reacção, no intuito de levarem a água ao seu moinho, o Partido Comunista Português não esquece que o verdadeiro inimigo das classes trabalhadoras e do Povo português é e continuará a ser o fascismo, que espregueia todas as oportunidades para dividir, espalhar o terror e criar as condições propícias para fazer renascer a ditadura que durante dezenas de anos subjugou os portugueses. O Partido Comunista não esquece a importância fundamental da unidade de todas as forças antifascistas, unidade que procurou sempre fomentar com base nos legítimos interesses do Povo português, unidade que acontecimentos como estes, apesar de graves, não podem nem devem pôr em causa. Na unidade está a força de toda a esquerda. O regresso do fascismo, se não pouparia os comunistas, de igual modo também não deixaria no esquecimento os socialistas, todos os verdadeiros antifascistas.



Militantes comunistas reunidos em Benavila debateram os incidentes ocorridos no comício do PS

CONFERÊNCIA DE IMPRENSA

Ainda a propósito dos recentes acontecimentos ocorridos no distrito de Portalegre, nomeadamente em Benavila, Partido Comunista Português deu ontem no Centro de Trabalho de Alcântara uma conferência de Imprensa para a reposição da verdade dos factos, já que toda uma campanha reaccionária tem explorado os acontecimentos no sentido de renovar e atizar a campanha anticomunista.

Nessa conferência de Imprensa foi dado a conhecer que a Comissão Distrital de Portalegre do PCP tinha enviado à direcção do Partido Socialista uma carta convidando aquele partido a participar numa comissão de inquérito, composta por comunistas, socialistas e elementos partidários reconhecidos pela sua isenção, no sentido de se transmitir à opinião pública o relato fiel do que se passou em Benavila, onde um militante comunista depois de aconselhar calma aos seus camaradas, viria a ser esfaqueado na cara por militantes do Partido Socialista e a viatura onde foi transportado para o hospital alvo de tiros que, segundo se presume, foram disparados por um indivíduo conhecido pelo seu passado de cadastrado. A mesma comissão de inquérito deverá igualmente confirmar ou desmentir as afirmações proferidas posteriormente por elementos da direcção do PS.

Entretanto, a especulação que à volta do assunto tem sido feita por certos órgãos de Informação no sentido de se transmitir à opinião pública o relato fiel do que se passou em Benavila, onde um militante comunista depois de aconselhar calma aos seus camaradas, viria a ser esfaqueado na cara por militantes do Partido Socialista e a viatura onde foi transportado para o hospital alvo de tiros que, segundo se presume, foram disparados por um indivíduo conhecido pelo seu passado de cadastrado. A mesma comissão de inquérito deverá igualmente confirmar ou desmentir as afirmações proferidas posteriormente por elementos da direcção do PS.

LÊ-ASSINA-DIVULGA

CURSO BÁSICO DO COMUNISMO CIENTÍFICO

Documentos Políticos do Partido Comunista Português

DOCUMENTOS POLÍTICOS DO COMITÉ CENTRAL DO PCP

Vanguarda da classe operária, intérprete fiel das aspirações profundas das massas populares e dirigente das suas lutas, não admira que o PCP seja o alvo principal dos ataques de quantos se opõem à marcha para a democracia e o socialismo.

Uma faceta desses ataques são as grosseiras deturpações e calúnias acerca das posições e orientação política do PCP face ao processo revolucionário e às suas contradições e perspectivas. Daí a importância dos Documentos do Comité Central do PCP. Conhece-os e opor uma barreira à mentira, libertar-se dela; dá-las a conhecer e combata-las. Experiência histórica das lutas do povo português, os Documentos aqui reunidos são, por isso mesmo, um guia na sua caminhada para a liquidação da exploração do homem pelo homem.

Título: Documentos Políticos do PCP (2.º e 3.º volumes)

Códigos: 01.10 — 01.12
Preços: 50\$00 — 70\$00

edições Avante!

Pedidos a: CDL — Central Distribuidora Livreira, Rua Pedro Nunes, 9-A, Lisboa-1

1.º CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA DE CUBA

RELATÓRIO DO COMITÉ CENTRAL

DISCURSO DE ENCERRAMENTO

edições Avante!

A PUBLICAR BREVEMENTE

DEFENDER A REFORMA AGRÁRIA

Ninguém tem sido mais infamemente atacado e caluniado, ninguém tem sido vítima de maiores campanhas de falsidades e mentiras do que os trabalhadores agrícolas alentejanos

A reforma agrária é a maior transformação democrática realizada depois do 25 de Abril — afirmou no comício recentemente efectuado em Coimbra o camarada Álvaro Cunhal. Em cerca de milhares de hectares de terra, onde dantes havia incultos e fráguas culturais, crescem agora novas searas, reforça-se o efectivo pecuário, anuncia-se um aumento de produção. Desapareceu o desemprego, que dantes era uma flagelo do povo trabalhador alentejano. Onda dos trabalhadores rurais e dos pequenos agricultores, testemunho da sua elevada consciência, da sua organização, determinação e heroísmo, a Reforma Agrária está fazendo nascer uma nova e florescente agricultura para bem dos que trabalham a terra e para bem de todo o país.

Estas palavras são suficientemente expressivas. Elas permitem-nos avaliar até que ponto a reforma agrária é uma conquista decisiva das massas trabalhadoras e do movimento popular, uma das grandes conquistas que assinalam a determinação do povo português em cortar as raízes do passado e caminhar decididamente na construção de uma verdadeira democracia apontada para o socialismo.

Duas Tácticas

A reacção sabe-o. E por isso faz da luta contra a reforma agrária uma das suas principais actividades. Os objectivos são bem claros: fazer voltar aos campos a exploração desenfreada dos trabalhadores rurais e dos pequenos e médios agricultores, único processo de os grandes e ricos proprietários, os usurários, os capitalistas e os intermediários continuarem a manter os seus privilégios.

Na táctica utilizada os reacçãoários seguem os métodos mais adequados a cada região e respectivas realidades económicas e sociais. Assim, no centro e no norte do país a principal arma é o anticomunismo, na base da mentira e do boato, procurando tirar partido da desinformação e da ignorância instaladas por meio século de fascismo. No sul, as armas são o boato económico, o terrorismo e as campanhas tendentes a criar divisões entre os trabalhadores — entre os assalariados rurais, por um lado, e os pequenos e médios agricultores, por outro lado.

No sul, grandes proprietários cujas terras passaram às mãos dos trabalhadores e outros que se pretendem furtar à aplicação da lei, arregimentam laçaios, preparam e executam atentados bombistas, incendiam searas, roubam gado, espalham boatos sobre pretensas «ocupações selvagens». No centro e no norte, caciques locais agitam o espantinho do «comunismo», fazem querer que pequenos e médios proprietários estejam na iminência de ser expropriados «tal como está a acontecer no Alentejo», procuram enganar criados de lavoura, rendeiros, foreiros, pequenos e médios agricultores, a fim de os poderem continuar a explorar como até agora.

A campanha contra a reforma agrária insere-se na actual tentativa de recuperação capitalista e reacçãoária da economia nacional. Os que estão contra as liberdades, contra as nacionalizações, contra o controle operário, são os mesmos que pretendam o regresso dos patrões às empresas que um dia abandonaram à beira da ruína, os mesmos que pretendem o regresso dos latifundiários às terras que muitas vezes nem sequer cultivavam.

Campanha de Calúnias

É hoje impossível falar da reforma agrária sem referir os heróicos trabalhadores alentejanos. Durante anos e anos eles foram sujeitos à mais feroz exploração, obrigados por dever de subsistência a trabalharem uma terra cujos produtos apenas serviam para o enriquecimento dos grandes senhores e dos intermediários e especuladores. Depois do 25 de Abril, tomando verdadeiramente o futuro nas suas mãos, esses homens e mulheres, arrostando com todos os sacrifícios, vencendo as maiores dificuldades, ocuparam as terras incultas, melhoraram a produção organizaram-se em cooperativas e herdades colectivas, aplicaram elas próprias a lei e têm sido os seus executores de facto.

Entre os múltiplos obstáculos que tiveram de enfrentar e ainda enfrentam, um dos maiores é certamente a campanha de calúnias que contra eles e a diversos níveis e por várias vezes foi desencadeada. Ninguém tem sido mais infamemente atacado e caluniado, ninguém tem sido vítima de maiores campanhas de falsidades e mentiras do que os operários agrícolas alentejanos.

Na concretização da reforma agrária houve erros? É de admitir que sim, mas não é esse o verdadeiro cariz dessa profunda transformação social nas regiões do latifúndio. Hoje estão ocupados pelos trabalhadores centenas e centenas de hectares de terra; estão formadas e a funcionar centenas e centenas de cooperativas e herdades colectivas. São muitos os casos em que esses erros podem ser concretamente apontados? Não, não são. O facto das coisas aqui ou ali não terem corrido pelo melhor, o facto de aqui ou ali se terem cometido erros, não permite de maneira alguma que se façam generalizações, não permite de maneira alguma que certos senhores venham chorar lágrimas de crocodilo e, fazendo generalizações abusivas e injustas, pretendam pôr em causa a globalidade da reforma agrária.

Alguns dos que falam dos erros na concretização da reforma agrária seria bom que pensassem na ajuda e no apoio que poderiam ter dado aos trabalhadores alentejanos e nunca detram, seria bom que pensassem em tais erros, nos poucos e isolados casos em que realmente terão ocorrido, não serão em grande parte o reflexo do isolamento e da incompreensão a que os trabalhadores têm sido votados por certas entidades governamentais.

E se são verdadeiros democratas e progressistas, seria melhor que reflectissem, no inigualável exemplo de firmeza e determinação, no grande exemplo revolucionário que tem vindo a ser dado precisamente por esses que tanto criticam. E em vez de dar ouvidos a mentiras e calúnias, uma boa solução talvez fosse ir até ao Alentejo, visitar as herdades e cooperativas, falar com os trabalhadores, ver com os próprios olhos e não com os da imprensa reacçãoária o que realmente se passa em terras alentejanas.

A nossa posição

Pela nossa parte, comunistas, a nossa posição é bem clara: Sempre lutamos e lutaremos pela realização de uma reforma agrária que entregue a terra aos que a trabalham, os assalariados agrícolas e os pequenos e médios agricultores.

Sempre reclamámos e reclamaremos o imediato reconhecimento oficial das novas unidades de produção, desde que as terras ocupadas o tenham sido nos termos da lei da reforma agrária.

Sempre exigimos e exigiremos o apoio e ajuda técnica, créditos facilitada para aquisição de máquinas, alfaias, sementes e adubos às novas herdades colectivas e cooperativas.

Conforme o camarada Álvaro Cunhal recordou em Coimbra, o PCP orienta-se por duas regras de ouro: a primeira é a que a terra dos pequenos e médios agricultores é sagrada — não se toca nem num centímetro de terra; a segunda é a que os pequenos e médios rendeiros devem ser aliviados dos seus encargos e ser garantidos na posse da terra e nas beneliterias.

Sempre defendemos e defendemos imediatas medidas que atendam as reclamações dos pequenos e médios agricultores — quer sejam proprietários, rendeiros ou seareiros — no que respeita aos preços e escoamento de produtos agrícolas do leite e do gado, aos impostos, ao crédito agrícola.

Sempre defendemos e defendemos a aplicação da Lei do Arrendamento Rural, a extinção dos foros, a restituição dos baldios às populações.

A reacção acusa os comunistas de muitas coisas. Em realidade, a única coisa de que nos podem «acusar» é de que defendemos os interesses de todos os trabalhadores da terra, sejam eles assalariados agrícolas, agricultores, pequenos ou médios proprietários — e não os interesses dos latifundiários e grandes capitalistas. A única coisa de que nos podem «acusar» é de que defendemos uma verdadeira reforma agrária, necessariamente diferente e conforme as regiões do país, e cuja completa realização beneficiará não só os que trabalham a terra, mas também todo o povo português.

recortes



Boletim Célula dos trabalhadores comunistas da "Profabril"

Célula!... o que é isso?

Quando a direita fala de «célula comunista» a expressão reveste-se na sua boca, de um não sei quê do misterioso; procura, com isso, fazer passar pela espinha das pessoas o arrepiado de inquietação que é provocado pela evolução de um poder oculto, de uma sociedade secreta que se encontraría em todos os lugares e em nenhum lugar específico. A direita desejaria, com certeza, que o comunismo fosse aquele espectro de que MARX falava no início do MANIFESTO COMUNISTA, há 128 anos.

É certo que pode acontecer que esta ou aquela célula tenha, durante algum tempo, uma actividade tão fraca que as pessoas ignorem a sua existência, a ponto de considerá-la — «fantasma».

Contudo, na realidade, a célula nada tem de misterioso. Para milhões e milhões de pessoas, o panfleto que encontram metido debaixo da porta ou na caixa do correio, ou o cartaz que se cola numa parede, não evoca a ideia de qualquer Arsene Lupin da política, mas sim o nome e o rosto dos comunistas, em carne e osso, da sua empresa, do seu bairro, do seu prédio.

Essas pessoas já os viram distribuir panfletos e colar cartazes, já abriram muitas vezes as suas portas aos militantes ou simpatizantes que lhes iam propor a compra do jornal AVANTE ou os ESTATUTOS E PROGRAMA do Partido, pedir-lhes para assinarem uma petição, convidá-las para um debate, para uma sessão de esclarecimento ou para um comício do Partido; encontram-se com eles nos sindicatos, nas associações culturais e recreativas, bem como noutras organizações unitárias.

O QUE É ENTÃO UMA CÉLULA?

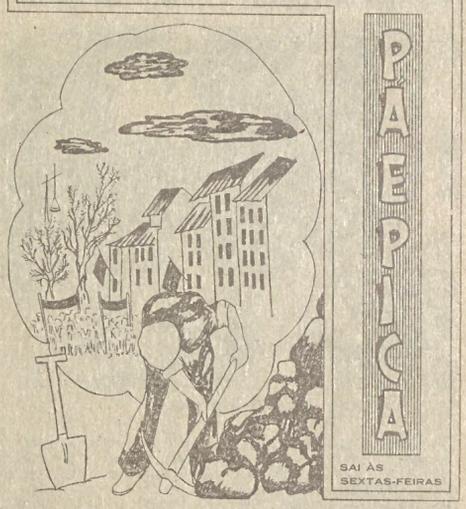
Não é um lugar onde os comunistas se encerram para se separarem do mundo. Trata-se de um grupo de comunistas unidos pelo seu trabalho ou pelo seu domicílio, um grupo que constitui o primeiro escalão da organização do Partido Comunista.

Da mesma forma que um organismo vivo é formado por células por intermédio das quais se relaciona com o meio ambiente, este organismo vivo que é o Partido Comunista Português, também se compõe de alguns milhares de células, graças às quais está em contacto íntimo e permanente com a realidade viva do nosso país. Mas a comparação é imperfeita, já que, no ser vivo, nenhuma das células tem existência autónoma. Ao contrário, uma célula do PCP dispõe de uma ampla autonomia, no que se refere à sua actividade no bairro, na aldeia ou na empresa, onde está organizada. Possui grandes possibilidades de iniciativa — inclusive quando se trata de aplicar as decisões dos Congressos, do Comité Central, das Direcções Regionais ou Locais, etc.

Quando a célula reúne, os comunistas debatem nela a situação política nacional e internacional, problemas que surgem na sua empresa ou no seu bairro, após a desencadear ou a desenvolver, questões que lhes são apresentadas por pessoas que trabalham ou vivem em volta dares. Nada daquilo que preocupa a população lhes é alheio. Depois, partindo das conclusões resultantes da discussão, tomam decisões concretas.

Como se pode concluir, nada há de secreto ou de misterioso nas reuniões de célula, já que aquilo que é debatido e decidido vem a ser, depois, o material das actividades públicas da célula. Quanto mais intensa é a vida política das células, maior é a sua actividade pública. Reciprocamente, uma grande actividade pública, orientada em todas as direcções, alimenta a vida das células.

ÓRGÃO QUINZENAL
DOS
TRABALHADORES DA SOC. DE CONSTRUÇÕES
JOAQUIM FRANCISCO DOS SANTOS, LDA.
SACAIVEM, 23 DE JANEIRO DE 1976 N.º 002



Os trabalhadores unidos na defesa da revolução

(...) O que podemos dizer é que nestes 30 anos, as massas trabalhadoras com a sua vanguarda, a classe operária, aliada a todos os que sinceramente querem estar na frente progressista, antimperialista e anti-imperialista, conseguiram vitórias num tal volume e de tal grandeza como nunca em séculos inteiros tinha acontecido. Nos dias que vivemos, o Mundo já não anda às ordens do capitalismo, hoje parte desse Mundo vive em regime socialista, e os grandes problemas da Humanidade, dos Povos, têm a defendê-los essa força imensa que é o Mundo Socialista, que tanto tem conseguido alcançar nos caminhos do progresso, não só para os seus países como para os povos de todo o Mundo.

Se tudo isto é verdade, não temos verdade é que temos de saber como agir, como lutar e onde lutar. Pensando no nosso caso em Portugal, repetimos, é necessário, é indispensável defender e consolidar as vitórias alcançadas, é necessário travar a marcha da direita, impedir o regresso do fascismo. E nesta luta é a classe trabalhadora que tem de desempenhar o papel que é seu, o da força mais interessada e mais revolucionária; mas tem de saber unirse sem sectarismos, tem de saber aliar-se às camadas progressistas e antimperialistas; tem que levar por diante as comissões de trabalhadores, as comissões sindicais, as comissões de moradores. Em resumo, tem que organizar e fortalecer à sua volta todos os que são pelo regime democrático e nacional, todos os que querem seguir rumo ao socialismo.

Por vezes estaríamos conosco, aberta e decididamente milhares de pessoas se os esclarecéssemos sobre problemas em relação aos quais têm dúvidas; estaríamos conosco sincera e devotadamente pessoas a quem desejásemos ideias erradas que lhe foram medidas nas costas por campanhas reacçãoárias de mentiras e calúnias, contra os trabalhadores, contra as organizações populares, contra o socialismo. Temos para isso que levar por diante também essa tarefa de esclarecimento, mas para isso temos que os saber esclarecer.

Quanto não há, gente honesta que sofre a exploração, mas a quem convenceram que os operários o que não querem é trabalhar, que os trabalhadores agrícolas cometeram roubos e desmandos, que nos países socialistas não há liberdade e tudo é imposto por partidos únicos, que a unicidade sindical é antidemocrática e contra os interesses dos trabalhadores; falam-lhes em «socialismo em liberdade», em pluralismo, em legalidade e legalidade, em ordem social. E ficam baralhados, ficam até convencidos. Temos que fazer um esforço por os esclarecer, dar-lhes a verdade para porem de parte as mentiras, as calúnias que lhes impingem; mas, voltamos a dizer, temos que saber explicar-lhes essas coisas. Uma ideia que nos surgiu para nos ajudarmos todos neste campo, foi abrimos no «Pá e Pica» uma secção de perguntas e respostas, onde todos os camaradas façam as perguntas que entenderem, peçam as informações de que necessitarem, a que procurarem responder da melhor maneira. Se acharem bem, comecemos já esta semana a pôr dúvidas, a perguntar, a pedir informações. (...)

N.º 12
30 JAN 1976

O MUSGAS

JORNAL DA COMISSÃO DE MORADORES

Musgueira — «Escola de Ladrões?»

É evidente que não. A Musgueira, o Casal Ventoso, etc... não são antros nem viveiros de aprendizagem dos tão atacados «gatinhos».

São, sim, os centros populacionais onde as classes laboriosas mais exploradas são obrigadas a procurar a chamada «casa para dormir». São os centros onde — produto da sociedade capitalista — pode que urge modificar — logicamente a longo prazo — para aqueles que nele são obrigados a ganhar foros de desemprego para aqueles que nele são iniciados, umas vezes por necessidade outras por alijamento de ganho fácil.

Mas associar Musgueira e seus moradores a bandas de gatinhos e marginais é a maneira mais fácil que os senhores burgueses encontram para esconder a verdadeira face do problema. Dizemos problema, porque ele na realidade existe. Mas não é só na Musgueira, nem só em Portugal. É em todas as sociedades capitalistas do mundo.

O que há a fazer é denunciar a verdadeira causa da criminalidade, causa essa que advém das estruturas de base da constituição das sociedades.

Há que promover a reabilitação dos presos de delito comum, com a criação de centros de trabalho, orientados numa linha de promoção cultural e profissional dos presos.

Mas não se trata só de tentar reabilitar os presos. Devem ser criadas principalmente condições de acesso a Escolas Técnicas, Liceus, Centros de especialidades, etc., para os filhos dos que labutam dia a dia nas fábricas, nos campos, nas oficinas.

Haja essa igualdade de condições e oportunidades e certamente que os «Senhores Justiceiros» deixarão de ter a justificação das «Musgueiras» para as contradições que o sistema político por eles ainda orientado revela em cada dia no respeitante à criminalidade.

Em suma, seja o verdadeiro povo trabalhador a orientar a constituição da sociedade em que vivem, e do cartaz que os «gatinhos» diminuído, especialmente aqueles que nos exploram e roubam a riqueza por nós criada no dia a dia da nossa «sobrevivência».

DELEGAÇÃO DO PCP NA BULGÁRIA NA ROMÉNIA E NA JUGOSLÁVIA

No prosseguimento da sua viagem a países da comunidade socialista, a delegação do nosso Partido, composta pelos camaradas Álvaro Cunhal e António Gervásio, depois da Checoslováquia esteve ainda na Bulgária, Roménia e Jugoslávia, encontrando-se actualmente na URSS, onde assiste aos trabalhos do XXV Congresso do PCUS.

Em todos estes países os nossos camaradas tiveram oportunidade de travar conversações que se revelaram da maior utilidade para o reforço dos laços mútuos e o melhor conhecimento das respectivas realidades.

Podemos hoje divulgar os comunicados conjuntos publicados no termo das visitas à Bulgária e à Roménia.

Partido Comunista Búlgaro e do Partido Comunista Português sobre o desenvolvimento da situação internacional contemporânea. O PCB e o PCP valorizam altamente a política de paz, leninista e construtiva do PCUS e da URSS, como factor decisivo para as mudanças nas relações internacionais. Foi assinado em Helsínquia, representa uma etapa importante na vida dos povos da Europa e do mundo. Os resultados da conferência revelam novas possibilidades para o desanuviamento internacional e para a sua conversão num processo irreversível, para o aumento do desanuviamento político-militar, para a afirmação dos princípios da coexistência pacífica entre os estados de diferente regime social. O desanuviamento do clima internacional favorece o desenvolvimento posterior da luta de classes nos países capitalistas. Foi sublinhado que para a realização prática das resoluções da Conferência de Helsínquia é necessário mobilizar e unir todas as forças progressistas, democráticas, amantes da paz no mundo.

Os dois dirigentes destacaram a participação activa do Partido Comunista Búlgaro e do Partido Comunista Português na preparação da Conferência dos Partidos Comunistas e Operários Europeus para assegurar o êxito da sua realização. Realizaram a decisão dos comunistas búlgaros e portugueses de continuarem a trabalhar para a consolidação da coesão e da unidade de acção do movimento comunista e operário internacional na base do marxismo-leninismo e dos princípios do internacionalismo proletário. Foi expressa a opinião de que o problema da unidade dos comunistas do mundo inteiro e da defesa da doutrina marxista-leninista está estreitamente ligado à luta contra o imperialismo, pelo desmarcamento da actividade divisionista da direcção maquista.

Durante as conversações, foi partilhada a opinião sobre o papel negativo e as consequências nocivas da propaganda reacçãoária imperialista que deturpa a política de paz consequente dos países da comunidade socialista e a realidade existente nestes países. Foi sublinhada a disposição do Partido Comunista Búlgaro e do Partido Comunista Português de intensificarem a luta contra todas as formas e manifestações de anticomunismo e de antisovietismo.

Os dirigentes dos dois partidos declararam o apoio activo dos comunistas búlgaros e portugueses aos povos da Ásia, África e América Latina que lutam pela independência nacional e pelo progresso social. Expressaram a solidariedade dos comunistas búlgaros e portugueses com a luta da República Popular de Angola sob a direcção do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e o Governo Angolano contra os agressores imperialistas e os seus servidores, pela consolidação da independência nacional e pelo desenvolvimento independente do país.

Os dois dirigentes dos partidos confirmaram a solidariedade sempre renovada do Partido Comunista Búlgaro e do Partido Comunista Português com a luta do Partido Comunista do Chile e as outras forças progressistas do Chile contra a junta militar fascista, pela libertação do camarada Luis Corvalán e dos outros prisioneiros políticos, pela vitória da justiça e da liberdade na terra chilena.

Os camaradas Todor Jivkov e Álvaro Cunhal salientaram com satisfação as boas e fraternas relações tradicionais existentes entre o Partido Comunista Búlgaro e o Partido Comunista Português e destacaram as novas possibilidades que se abrem para o aprofundamento e o alargamento da cooperação criadora entre eles no interesse da amizade e compreensão dos povos búlgaro e português, entre a Bulgária socialista e o novo Portugal democrático, em nome da unidade do movimento comunista e operário internacional e da paz no mundo inteiro.

Ao encontro assistiram António Gervásio, membro da Comissão Política do CC do PCP, Boris Velchev, membro do Buro Político e Secretário do CC do PCB, e Konstantin Tallalov, Secretário do CC do PCB.

relação ao desenvolvimento das relações entre os dois Partidos e alguns aspectos da vida política internacional, do movimento comunista e operário.

Em nome dos comunistas portugueses, o camarada Álvaro Cunhal deu alto apreço à actividade e aos resultados alcançados pelo povo romeno sob a direcção do Partido Comunista Romeno na construção da sociedade socialista multilateralmente desenvolvida na Roménia. Ao mesmo tempo, o camarada Álvaro Cunhal sublinhou a importância da solidariedade manifestada pelo Partido Comunista Romeno, pelo povo romeno com a luta do povo português pela defesa das liberdades e das outras conquistas da revolução portuguesa e pela construção de um regime democrático que corresponda aos interesses e às aspirações do povo português.

O camarada Nicolae Ceausescu reafirmou a solidariedade com a luta que os comunistas portugueses, junto com o Movimento das Forças Armadas, com as outras forças democráticas e progressistas, patrióticas, travaram e continuam a travar em defesa e promoção dos interesses dos trabalhadores, por transformações económicas e sociais progressistas, por um Portugal livre, independente e próspero.

De ambas as partes foram evidenciadas com satisfação as relações tradicionais, de estreita amizade, cooperação e solidariedade militante que se estabeleceram e se reforçam continuamente entre o Partido Comunista Romeno e o Partido Comunista Português. Foi realimentada ao mesmo tempo a decisão comum de estender e aprofundar os laços fraternais, internacionalistas, a colaboração de camaradagem entre os dois partidos, sublinhando-se que isto serve a ampliação das relações de amizade e colaboração entre a Roménia e Portugal, entre o povo romeno e o povo português, serve a causa da unidade dos partidos comunistas e operários, de todas as forças antimperialistas.

Durante as conversações foi realimentada a decisão dos dois Partidos de agirem pelo desenvolvimento das relações políticas, económicas, técnico-científicas, culturais e outros campos entre a Roménia e Portugal, no espírito dos documentos concluídos em Bucareste e Lisboa entre os dois Estados, considerando que isto serve o aprofundamento da colaboração e da amizade entre os dois povos, a causa da paz, entendimento e colaboração na Europa e em todo o mundo.

Foi sublinhada a importância do reforço da colaboração e das acções unidas entre o Movimento das Forças Armadas e todos os partidos e forças democráticas, progressistas de Portugal, em defesa e consolidação das conquistas democráticas alcançadas após a Revolução de 25 de Abril de 1974, contra a reacção, pela continuação do processo de avanço de Portugal a caminho da democracia e da independência, de acordo com a vontade e as aspirações ao progresso e bem estar do povo português.

Dando alto apreço aos resultados da Conferência para a Segurança e Cooperação na Europa, as duas partes sublinharam a necessidade de se continuarem os esforços pela edificação dum sistema de segurança no continente, que garanta o desenvolvimento livre e independente de cada nação, favoreça o desenvolvimento da cooperação na base da igualdade entre todos os Estados europeus, leve à consolidação da paz no continente.

Foi apreciado que nas actuais condições internacionais se impõe a urgência e a intensificação dos esforços de todas as forças revolucionárias, democráticas, progressistas e antimperialistas, na luta pela abolição definitiva da política imperialista, colonialista e neocolonialista, de dominação, de opressão nacional e social, pelo respeito do direito de cada povo de decidir a sua sorte sem ingerência alheia, pela paz, democracia e progresso social.

Neste quadro, foi saudada a conquista da independência pelos povos da Guiné-Bissau, Moçambique, Ilhas de Cabo Verde, São Tomé e Príncipe.

Saudando os brilhantes êxitos alcançados pelo povo angolano, sob a direcção do MPLA, contra a agressão imperialista e racista, o PCR e o PCP sublinharam a grande importância da proclamação da República Popular de Angola, evidenciando que o amplo reconhecimento internacional da RP de Angola e do seu governo corresponde aos interesses do povo angolano, das forças da democracia e do progresso, ao reforço da paz e da colaboração internacional. Ao mesmo tempo, foi realimentada a solidariedade com a luta do povo angolano pela defesa do direito de ser pleno dono dos seus destinos, para poder solucionar independentemente os seus problemas internos, de acordo com os seus interesses vitais em realizar e consolidar a unidade nacional, em defender a independência e a integridade territorial da RP de Angola, em desenvolver economicamente o país a caminho do progresso e da civilização.

O Partido Comunista Romeno e o Partido Comunista Português reafirmaram a sua decisão de continuarem a lutar pelo reforço da unidade e da colaboração entre os Partidos Comunistas e Operários, entre todas as forças democráticas, progressistas, antimperialistas, pelo triunfo da causa do socialismo e da paz.

De comum acordo, foi evidenciado que a visita a Bucareste do camarada Álvaro Cunhal, as conversações com o camarada Nicolae Ceausescu, ocasionaram um frutuoso intercâmbio de opiniões e de experiência, e constituem uma contribuição importante para o reforço das relações entre os PCR e o PCP, entre os dois países e povos amigos.

As conversações decorreram numa atmosfera de camaradagem, de amizade e cordialidade que caracteriza as relações entre os dois Partidos.

O PRÉMIO DIMITROV PARA ÁLVARO CUNHAL

Durante a estada na República Popular da Bulgária do camarada Álvaro Cunhal, foi-lhe entregue o Prémio Internacional Dimitrov, concedido em 1974, por ocasião do 30.º aniversário da fundação daquele país socialista.

Esta grande distinção para com o nosso camarada, que é simultaneamente uma grande distinção para com o nosso Partido, foi-lhe concedida pela sua destacada actividade na luta da classe operária portuguesa e no movimento comunista e operário mundial.

Comunicado sobre as conversações entre o camarada Nicolau Ceausescu e o camarada Álvaro Cunhal

Nos dias 19 e 20 de Fevereiro, o camarada Nicolae Ceausescu, Secretário-Geral do Partido Comunista Romeno, teve conversações com o camarada Álvaro Cunhal, Secretário-Geral do Partido Comunista Português, que fez uma visita à Roménia, a convite do CC do PCR.

Nas conversações participaram os camaradas Ilie Verdets, membro do Comité Político Executivo, Secretário do CC do PCR, Stefan Andrei, membro suplente do Comité Político Executivo, Secretário do CC do PCR.

Participou também o camarada António Gervásio, membro da Comissão Política do CC do PCP Português.

Durante as conversações foi feita uma informação mútua sobre a actividade e preocupações do Partido Comunista Romeno e do Partido Comunista Português, assim como um intercâmbio de opiniões em

VIDA DO PARTIDO

ASSEMBLEIA CONCELHA DE OVAR

Realizou-se no passado dia 21 a Assembleia Concelhia de Militantes do nosso Partido em Ovar, no decorrer da qual foi eleito por unanimidade e aclamação a nova Comissão Concelhia, cuja constituição já tinha sido amplamente debatida pelas bases.

Assistiram aos trabalhos o camarada José Bernardino, membro suplente do CC e da DROB, além de camaradas representando a Comissão Distrital de Aveiro do nosso Partido.

A forte implantação do nosso Partido junto da classe operária do concelho fica bem demonstrada, com a análise da composição social dos delegados à Assembleia:



A assembleia em Ovar

70% de operários e 26% de empregados.

Depois do camarada Manuel David Brandão ter aberto a sessão, Olga Almeida leu o relatório das actividades, significativamente repositivo da actividade dos comunistas locais. Usou finalmente da palavra José Bernardino, que se debruçou sobre o momento político e a posição do nosso Partido.

A noite realizou-se uma sessão cultural e de convívio, à qual também estiveram presentes simpatizantes e amigos do Partido.

SESSÕES EM ALPIARÇA E ALCANENA

No passado sábado efectuou-se em Alpiarça uma sessão de esclarecimento do nosso Partido dedicada às mulheres desta região, que contou com a presença de mais de 500 assistentes. Esteve presente a camarada Alda Nogueira, membro suplente do Comité Central, que, nomeadamente, analisou as tentativas de avanço e recuperação das forças de direita, salientando o papel que cabe às mulheres no processo revolucionário. Após a intervenção da camarada Alda Nogueira, seguiu-se um animado debate sobre os problemas da mulher.

Com a entusiástica participação de mais de 200 pessoas, realizou-se no domingo uma sessão de esclarecimento no Centro Cultural Recreativo Moreirense, em Alcanena. Esteve presente o camarada Joaquim Gomes, membro do Secretariado e da Comissão Política do CC.

Na sua intervenção, Joaquim Gomes analisou os problemas respeitantes às eleições, à situação política e à unidade da classe trabalhadora, após o que se seguiu um animado debate com a assistência e no qual se abordaram questões referentes à unidade com o PS e sua importância, à recuperação capitalista, ao ensino, à vida nos países socialistas e ao retornados.

MORREU UM CAMARADA

No passado dia 12 faleceu, em Corroios, num desastre de viação, o nosso camarada João Modesto Pato, trabalhador da Construção Civil na fábrica de explosivos de Santa Marta de Corroios.

Os militantes do nosso Partido associam-se à família e amigos do camarada agora desaparecido nos sentimentos de dor e pesar.

CANTO LIVRE EM ALMADA E SEIXAL

No prosseguimento das jornadas de convívio promovidas pela UJC, realizou-se, no passado domingo na Academia Almadaense, o Festival de Canto Livre Amador dos concelhos de Almada e Seixal.

Colaboraram nesta iniciativa, além dos oito conjuntos de jovens intérpretes, os artistas convidados para a mesa do júri: José Carlos Ary dos Santos, Maria do Céu Guerra, Fernando Tordo, João Fernando e José Pessoa, que actuaram com o Grupo Coral Operário Alentejano na segunda parte da sessão, entusiasticamente seguida pela juventude que ocorreu à Academia de Almada.

Das oito canções apresentadas,

de massas na defesa unitária da Revolução, foi ainda aprovada uma moção em que os trabalhadores presentes exigiram o imediato reconhecimento da República Popular de Angola.

ESTUDANTES DE CORUCHE VIGILANTES

Um grupo de estudantes da Escola Secundária de Coruche vem manifestar, através de um comunicado dirigido a todos os jovens e à população em geral, o seu repúdio pela situação criada não só neste estabelecimento, mas em todo o ensino médio.

«Colegas, estamos já em Fevereiro e continuamos sem saber qual o nosso futuro escolar. Acabámos de ter conhecimento oficial de cerca de 200000 estudantes do Ensino Preparatório e Secundário se encontram sem aulas. Por outro lado, 14000 candidatos a professores continuam desempregados», salientam os estudantes de Coruche.

Depois de abordarem outras questões ligadas ao problema estudantil, propõem a todos os colegas, aos pais, encarregados de educação e aos professores que em conjunto discutam o problema e se tomem medidas concretas para a sua resolução, pois existe a «ameaça de um chumbo colectivo».

CONTRA O AUMENTO DO CUSTO DE VIDA

As mulheres comunistas de Santarém, conscientes do actual momento político, alertam todas as mulheres progressistas contra as medidas antipopulares que têm vindo a ser decretadas.

«Só unidas poderemos lutar para que o Governo termine imediatamente com a saída de leis que nos fazem desaparecer os salários, com os quais não podemos fazer face ao custo de vida actual», salientam as camaradas da célula do Concelho de Santarém do nosso Partido.

SESSÃO DE ESCLARECIMENTO EM SALVATERRA DE MAGOS

Os camaradas António Bica e Carlos Pinhão estiveram presentes num comício organizado pelo nosso Partido em Salvaterra de Magos.

Mais de duas centenas de trabalhadores agrícolas reafirmaram a sua inabalável decisão de lutar por melhores condições de vida e de resolverem o grave problema do desemprego, que em algumas zonas como Glória do Ribatejo (onde existem 800 assalariados sem trabalho, Muge e Salvaterra) já constitui motivo de grande preocupação.

Foi ainda referida a importância da organização dos operários agrícolas e dos pequenos agricultores e da aliança entre eles, como forma de fazer avançar a Reforma Agrária. Neste sentido foi realçado o interesse da criação de Comissões de Apolo à Reforma Agrária (já existentes em Benavente e em formação noutras

localidades do distrito), as quais se propõem elaborar listas de propriedades cuja área esteja sujeita a expropriação e estimular o aparecimento de Comissões de Trabalhadores que organizem a actividade laboral nessas unidades colectivas.

SOLIDARIEDADE

Na aldeia de Alves (Mértola) existe uma colectividade fundada há cerca de quarenta anos por militantes já falecidos do nosso Partido. A Comissão de Aldeia pretende adquirir um aparelho de televisão, que tomará, certamente, a referência colectividade num centro mais atractivo de convívio para os trabalhadores rurais e para as crianças.

No entanto, por motivos de carácter financeiro esta iniciativa só poderá ser concretizada pela solidariedade militante de todos os camaradas. Aqui fica o apelo.

ENCONTRO DA JUVENTUDE RURAL EM MONTE-MOR-O-NOVO

Realizou-se no passado dia 14 em Montemor-o-Novo um Encontro da Juventude Rural das Herdades Colectivas do Distrito de Évora, numa iniciativa da UJC a que esteve presente a camarada Margarida Tengarrinha do CC do nosso Partido.

Durante esta jornada, representantes de cerca de doze unidades colectivas debateram as questões que envolvem a actividade da juventude alentejana: a criação de estabelecimentos escolares que proporcionem o acesso à cultura a todos os jovens trabalhadores, o desenvolvimento das campanhas de alfabetização, do recenseamento eleitoral e de sindicalização, que definem aspectos fundamentais no processo democrático.

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Distrito de Évora, Manuel Vicente, assistiu também a este Encontro da UJC, que constituiu mais uma importante jornada operária e popular.

«AVANTE!» 45 ANOS DE LUTA AO SERVIÇO DA CLASSE OPERÁRIA

«Durante os longos anos da ditadura fascista, o «Avante!» foi o organizador colectivo dos comunistas e de todos os trabalhadores, o mobilizador de amplas massas, o órgão de consciencialização e orientação imprescindível à actividade revolucionária do Partido Comunista Português».

Depois do relatório subordinado aos temas: Organização Interna do Partido, Agitação e Propaganda, Trabalho Unitário e Quadros, os camaradas presentes procederam à votação de moções — entre as quais foi aprovada uma de solidariedade fraternal com o MPLA, exigindo ao Governo o imediato reconhecimento da RPA — tendo-se registado intenso debate com a participação de vários militantes.

No decurso dos trabalhos foi recordada a figura do valeroso militante antifascista, o camarada João de Deus Estaleiros, que continua bem presente na memória do povo figueirense.

Depois da eleição da Comissão Concelhia, que tem 62 por cento de operários, 20 por cento de assalariados (empregados), 14 por cento de intelectuais e 2 por cento de camponeses e comerciantes, sendo de 12 por cento a presença de mulheres, o camarada Pires Jorge encerrou a Assembleia.

A par de uma análise da situação política actual, Pires Jorge esquematizou em linhas gerais a importância das tarefas a desenvolver, nomeadamente o trabalho de mobilização e propaganda que terá de ser empreendido nos próximos tempos.

O fim dos ataques e atentados terroristas e a unidade de todas as



OS COMUNISTAS DA FIGUEIRA DA FOZ MELHORAM A ORGANIZAÇÃO E O TRABALHO

A I Assembleia Concelhia da Figueira da Foz, a que estiveram presentes os camaradas Pires Jorge e Carlos Luís Figueira, do CC, salientou a necessidade de reforçar o trabalho geral de organização, de melhorar o funcionamento das células e organismos de base e de apoiar todas as formas unitárias de organização popular.

Integrada no amplo esforço de organização operária e popular que os comunistas portugueses vêm desenvolvendo intensamente a todos os níveis, realizou-se no passado dia 21, a I Assembleia Concelhia da Figueira da Foz do Partido Comunista Português.

Depois de ouvida a «Internacional», principiaram de imediato os trabalhos. Presentes na mesa todos os camaradas da Comissão Concelhia da Figueira, Joaquim Pires, do Comité Central, Carlos Luís Figueira, suplente do CC e Joaquim Serra, todos da DORB.

Centenas de trabalhadores, delegados e convidados, enchiam por completo o salão onde decorreu a Assembleia. Na sequência da leitura de um extenso e profundo relatório subordinado aos temas: Organização Interna do Partido, Agitação e Propaganda, Trabalho Unitário e Quadros, os camaradas presentes procederam à votação de moções — entre as quais foi aprovada uma de solidariedade fraternal com o MPLA, exigindo ao Governo o imediato reconhecimento da RPA — tendo-se registado intenso debate com a participação de vários militantes.

Do momento de grande entusiasmo vividos durante esta sessão, salienta-se a distribuição dos cartões do Partido aos militantes que se filiaram recentemente.

forças interessadas no avanço do processo democrático, rumo ao socialismo, constituíram também pontos que o camarada Pires Jorge viria a abordar.

Das discussões havidas na Assembleia Concelhia saíram as principais directrizes do trabalho a fomentar pelo Partido na zona da Figueira da Foz. A necessidade de reforçar a organização, o funcionamento das células e organismos de base e o apoio militante a todas as formas unitárias de combate antifascista, integradas no movimento popular de massa, constituíram os temas dominantes que, no futuro, irão mobilizar os comunistas da Figueira.

Dos momentos de grande entusiasmo vividos durante esta sessão, salienta-se a distribuição dos cartões do Partido aos militantes que se filiaram recentemente.

«FOICE E MARTELO»

«Trabalho, embora modesto, de militantes comunistas da Figueira da Foz, este número de «Foice e Martelo», comemorativo da nossa primeira Assembleia Concelhia é, apesar da sua singeleza, um motivo de júbilo para todos nós. Porque foi uma manifestação de força de vontade. Porque foi um produto da dedicação ao Partido por parte de muitos operários militantes. Porque nos obrigou a todos a uma verdadeira luta contra o tempo. Porque vencemos: VIVA O PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS!» — este o texto inserido na primeira página do número especial do «Foice e Martelo», órgão da Comissão Concelhia da Figueira da Foz do nosso Partido.

Fruto da aplicação revolucionária dos comunistas figueirenses, que decidiram oferecer ao «Avante!» o primeiro exemplar da tiragem facto que registamos com emoção e orgulho, o «Foice e Martelo» apresenta nas suas páginas a mensagem operária e camponesa.

Embora produzido em cima da hora, contém textos importantes para a compreensão dos

problemas que afectam a população local, notando ainda, alguns acontecimentos ligados à vida quotidiana dos trabalhadores.

Entre os diferentes artigos que compõem esta edição, alguns alusivos ao «Avante!» e ao «Militante», reproduzimos um texto subordinado ao tema: UNIDADE — uma palavra de ordem que vem dos tempos difíceis em que se faz referência ao aparecimento dos órgãos unitários «A Terra» e «O Têxtil».

«Não é de agora que o Partido se preocupa com os problemas dos camponeses e dos operários têxteis. Nas duras condições de clandestinidade com a cadeia e a tortura e a esprelha em cada esquina, vieram à luz do dia dois órgãos unitários fundamentais para as lutas então travadas pelo campesinato e trabalhadores dos

têxteis. Eram duas publicações que congregavam os esforços dos trabalhadores progressistas, não admira que os comunistas também lhes tivessem dado o seu apoio.

Ora, a nossa região é um altopiano de operários têxteis (cerca de 2000) e de pequenos e médios agricultores. Com a evocação das duas publicações clandestinas, seguem algumas opiniões esta tarde defendidas na I Assembleia Concelhia do Partido.

E convém salientar: o espírito de unidade que sempre presidiu à elaboração dos dois órgãos que hoje evocamos tem de continuar, é mesmo imprescindível que se robusteça e renove. Porque só com a unidade dos camponeses, só com a unidade dos operários, será possível prosseguir a revolução e caminhar rumo ao socialismo.

AGOSTINHO SABOGA

A Assembleia Concelhia da Figueira da Foz do Partido Comunista Português, homenagem ao corajoso militante antifascista, o nosso querido camarada Agostinho Saboga.

Por proposta da célula dos Estaleiros Navais do Mondego, aprovada por aclamação, o Centro de Trabalho do PCP na Figueira da Foz passou a denominar-se desde o passado dia 21, «Agostinho Saboga».

Publicamos em seguida um texto inserido no «Foice e Martelo», no qual se simboliza o respeito e a admiração de todos os democratas, de todos os revolucionários:

«AGOSTINHO SABOGA» permanece vivo na memória de cada um de nós, comunistas figueirenses. Corajoso, coerente, esclarecido, trabalhador infatigável na

defesa dos interesses do nosso Povo, soumo muitos anos de prisão nos cárceres tenebrosos de Salazar. Última dos algarzes da Pide, gravemente enfermo, foi um amplo movimento internacional de solidariedade, por parte das forças progressistas de vários países, a razão determinante para a sua última libertação.

«Regressado ao nosso convívio, dele ainda colheu seus frutos, em conselhos e ensinamentos, grande número de progressistas figueirenses. «Mas os efeitos do longo cativeiro nas masmorras da Pide eram por de mais evidentes, Agostinho Saboga deixou-nos numa altura em que muito havia ainda a esperar dele.

«Morrer, porém, não morreu. O querido Camarada e Amigo continua a caminhar ao nosso lado.»

FUNDOS PARA O PARTIDO UMA TAREFA DE TODOS

Os comunistas portugueses preparam-se para mais uma dura batalha, para mais um esforço de mobilização em que as organizações do Partido se vão empenhar na tarefa de levar a todo o povo a imagem do Partido Comunista Português, o grande partido da esquerda, frente antifascista que desenvolve consequentemente a luta pela defesa das conquistas democráticas e pelo reforço do movimento operário e popular.

A expansão orgânica do Partido, as suas responsabilidades como organização de vanguarda operária e a sua contribuição para o desenvolvimento da sociedade democrática a caminho do socialismo, são factores que exigem uma intensificação da campanha de fundos.

Espera-nos, pois, uma grandiosa tarefa. A mobilização do povo, a unidade dos trabalhadores e um amplo movimento de consciencialização, terão que ser levados até ao fim. Um reforço de todas estas actividades passa obrigatoriamente pelo fortalecimento do Partido dos trabalhadores, do Partido da classe operária.

A imaginação e a capacidade de todos os simpatizantes e militantes do PCP já deram provas da sua força. Todas as iniciativas, como vendas de objectos e rifas, passeios, festas, leituras, a par da recolha de dadas e quotizações, terão de se estender e ramificar, aproveitando todas as possibilidades que estiverem ao nosso alcance.

Fortalecer o PCP é garantir a construção do Portugal democrático, livre e independente a caminho do socialismo. Levantemos de norte a sul do País uma grandiosa campanha de fundos!



PIRES JORGE EM VILA VERDE

Vila Verde é uma terra com tradições de luta antifascista.

Ontem, nas severas condições da ditadura, hoje, na marcha do processo democrático rumo ao socialismo, os habitantes de Vila Verde continuam firmes e unidos na construção de um Portugal livre. É o esforço quotidiano dos trabalhadores pelo progresso da sua Terra, é a resistência de um punhado de homens e mulheres que ajudaram os comunistas durante a clandestinidade.

No passado dia 20, o camarada Pires Jorge conversou durante algumas horas com os trabalhadores de Vila Verde, num ambiente de amizade e confiança. Depois de se relembrares episódios e momentos da luta contra o fascismo, o camarada Pires Jorge teve algumas considerações sobre o actual momento político e as linhas mestras de orientação que o nosso Partido aponta nesta fase do processo democrático.

INTELECTUAIS COMUNISTAS

Reunidos em plenário, os militantes do Sector Intelectual de Lisboa exigem medidas contra o terrorismo e reclamam a readmissão dos trabalhadores suspensos e o fim da programação tendenciosa e reaccionária nos órgãos de Informação estatizados.

O Sector Intelectual da Organização Regional de Lisboa do nosso Partido levou a efeito, no passado dia 21, um plenário a que estiveram presentes várias centenas de camaradas onde, nomeadamente, foram aprovadas três moções.

Relativamente à onda de terrorismo que vem abalando o nosso país, os militantes afirmam: «Considerando o com preocupação, por um lado, a situação antidemocrática que vigora em vastas regiões do país, onde dominam poderes locais reaccionários que não asseguram o exercício das liberdades e a tranquilidade dos cidadãos; e, por outro lado, o crescente ritmo da actividade bombista, que praticamente se institucionalizou como forma de acção da direita fascista;

Verificando que, até agora, as autoridades constituídas não tomaram medidas decididas e eficazes para pôr cobro a esta situação;

Tendo em conta as próximas eleições para a Assembleia Legislativa que, para não serem uma burla em vastas regiões do

país, devem ter lugar no respeito pela ordem democrática e pelo livre exercício das actividades políticas;

Os militantes do Sector Intelectual da Organização Regional de Lisboa do PCP, reunidos em Plenário, exigem:

1) medidas energicas contra as organizações terroristas clandestinas (ELP, MDLP, etc.);
2) a prisão e castigo de todos os responsáveis directos por actos terroristas e de quem os instiga;
3) a garantia do exercício das liberdades em todo o território nacional».

Tomando em conta que o MPLA é o único movimento de libertação que exprime os desejos do povo angolano e que é a única organização que luta pela independência nacional, os intelectuais comunistas aprovaram uma outra moção onde saúdam o MPLA, o presidente Agostinho Neto e o Governo da República Popular de Angola, pelas vitórias alcançadas, contra a intervenção dos agentes do imperialismo, e exigiram o seu imediato reconhecimento. Após uma análise da situação criada nos

órgãos de comunicação social, foi ainda aprovada outra moção:

«Reunidos em plenário, os militantes comunistas do Sector Intelectual da DORL do PCP.

Considerando que o afastamento destes trabalhadores visava, como veio a acontecer, criar um largo terreno de manobra às forças de direita, que sempre foram predominantes nos órgãos de comunicação social, com a consequente manipulação daqueles órgãos por essas forças, que tomam invariavelmente posição pelo patronato contra os trabalhadores, pelo imperialismo contra os movimentos de libertação, pela direita reaccionária contra o progresso social;

Reclamam:
1) Fim da perseguição e discriminação ideológica nos órgãos de Informação estatizados, com a readmissão de todos os trabalhadores progressistas arbitrariamente suspensos, sejam quais forem as suas opções ideológicas;
2) Fim à programação tendenciosa e reaccionária, tendente à criação de um clima propício ao regresso do fascismo,

GANHAR A UNIDADE CONTRA A REACÇÃO

As próximas eleições para a Assembleia Legislativa, a grande ofensiva das forças reaccionárias e as responsabilidades que cabem à direcção do Partido Socialista nas dificuldades económicas que as classes trabalhadoras sentem foram alguns dos temas abordados pelo camarada Sérgio Vilarigues em Vendas Novas

Falando para a população de Vendas Novas, no cinema daquela localidade, o camarada Sérgio Vilarigues, membro do Secretariado e da Comissão Política do Comité Central do PCP, abordou detalhadamente os grandes problemas da vida política portuguesa, respondendo no final às perguntas que lhe foram colocadas por alguns dos presentes.

Dando início à sessão, usou da palavra o camarada Manuel Valenciano, da célula da Cooperativa Sol Nascente, salientando que se algumas dificuldades existem em algumas cooperativas agrícolas isso deve-se, única e exclusivamente, ao deficiente apoio por parte do Governo, onde se faz notar alguns sectores toda uma actividade sabotadora para destruir a grande conquista dos trabalhadores rurais que é a Reforma Agrária. Sobre este assunto recordou que naquela mesma sala, no decorrer de uma sessão de esclarecimento do PS em que estiveram presentes cerca de cinquenta pessoas, um elemento da cúpula do PS, Manuel Alegre, tinha feito críticas injustas e atacado a Reforma Agrária.

Frisou a seguir a necessidade da unidade entre os pequenos e médios agricultores com o operariado agrícola, pois a Reforma Agrária foi feita para servir os interes-

ses das classes trabalhadoras e de todos os que aspiram a uma vida melhor e ao progresso do nosso país e camarada Vilarigues continuou:

«Alguns camaradas, e não só, têm-se-nos dirigido dizendo que o PPD, por exemplo, deve ter nas suas fileiras muita gente simples, mesmo bastantes trabalhadores, em particular, dos Serviços e funcionários públicos. É exacto. Na verdade a demagogia política dos dirigentes políticos do PPD tem conseguido enganar não poucos trabalhadores e muitos mais pequenos e médios camponeses, comerciantes e industriais que envenenados pela propaganda anti-comunista que lhes tem sido injectada através dos anos, pensam erradamente que aqueles senhores defendem os seus interesses e que somos nós, comunistas, que ameaçamos a sua propriedade e haveres.

«Tendo presente esta dura realidade, esses elementos enganados não podem nem devem ser confundidos com os capitalistas e serventurários dos monopólios e dos grandes agrários nacionais e estrangeiros que dirigem o PPD.

«Patrões, aqui e ali, levantam a cabeça, recuperam empresas que antes tinham deixado cair na ruína, recorrem à repressão contra os trabalhadores. Devemos dizer com

consumo e dos serviços, o que significou um duplo golpe no nível de vida dos trabalhadores e outras camadas laborais da população de fracos recursos económicos.

«O trabalhador que antes comprava 12 ovos agora só pode comprar 9 ou mesmo apenas 6; se antes podia comprar 1 quilo de carne, agora só pode comprar 750 gramas, quando não menos. Ou não será assim, camaradas?

«Os ricos, esses podem continuar a fazer a mesma vida. Para eles não há restrições de espécie alguma. Os seus carros luxuosos, os seus barcos de recreio, os seus aviões particulares, as suas festas, as suas pândegas, os seus lautos banquetes, continuam a ser um insulto às privações e sacrifícios exigidos do povo trabalhador. Ou não será assim, camaradas?

«Quer se goste, quer não, e nós preferíamos não ter que o dizer, a direcção do PS tem grandes responsabilidades nesta situação. Para o compreender basta atentar nos Ministérios que detêm e dominam inteiramente ou quase sem partilha.

«Se assim não é que se responda publicamente às seguintes perguntas: «A direcção do PS continua fiel ao Programa do PS ou renega-o no todo ou em parte?

andar para diante e trabalhar tranquilamente com denodo para que a terra produza mais e melhor. E preciso não desmobilizar, não abandonar a vigilância sobre os inimigos da Reforma Agrária porque eles não desarmam enquanto não forem completamente derrotados.

Vamos ter em breve eleições legislativas e, também neste terreno, é preciso bater os partidos reaccionários.»

NÃO À ABSTENÇÃO

Sobre este assunto o camarada Vilarigues afirmou: «Surtem aqui e ali ideias de abstenção, procurando mesmo explicar-se a sua importância com argumentos do seguinte teor: «Numa região onde não temos hipóteses de fazer eleger alguém, se fizéssemos campanha pela abstenção e conseguíssemos que o partido X, em vez de 90 por cento obtivesse apenas 70 por cento, isso teria grande importância política.

«Pergunta-se: porque não fazer campanha por 20 por cento de votos para o Partido dos trabalhadores ou simplesmente para a esquerda?

«Camaradas, a ideia da abstenção é errada e, por isso, deverá ser combatida com energia onde quer que surja. A abstenção serviria objectivamente os partidos reaccionários, que com poucos ou muitos votos seriam facilitada a tarefa de levarem uma maioria de deputados à Assembleia Legislativa onde, naturalmente, se apresentaria a legislar contra os trabalhadores pela liquidação da Reforma Agrária. Votar, pois, e em massa no Partido dos trabalhadores, no grande partido da esquerda o PCP.»

MANOBRAS DA REACÇÃO

E mais adiante: «As forças de direita — CDS e PPD — vêm manobrando no sentido de travar a institucionalização do regime democrático pondo em causa o articulado da Constituição já aprovado; exigindo o regresso dos militares aos quartéis. Visam assim a liquidação do espírito do 25 de Abril nas Forças Armadas e a submissão destas a novos chefes reaccionários. E quando tudo parecia indicar que o Pacto iria ser, enfim, assinado o PPD vem pô-lo de novo em causa com a exigência, absolutamente inaceitável pelo PCP, da realização de eleições simultâneas para a Assembleia Legislativa e a Presidência da República.

«Com esta última manobra política o PPD aspira colocar na Presidência da República um reaccionário ou, pelo menos, um mandarete dos círculos capitalistas reaccionários. Ceder a esta sujeira exigência do PPD seria na prática comprometer todo o processo revolucionário em curso e eventualmente mergulhar o país em perigosos confrontos. Todas estas exigências e a maneira arrogante como são feitas parecem indicar que a direita reaccionária, consubstanciada no aspecto legal no PPD e no CDS, está envolvida na acção conspiratória que está em curso, com fortes apelos externos, tendente a liquidar as liberdades democráticas e as outras conquistas da nossa Revolução e a implantar no nosso país uma nova ditadura.

Vejam-se as viagens dos dirigentes desses partidos e de outras personalidades reaccionárias aos centros principais dos monopólios e do imperialismo.»

A JUVENTUDE E AS ELEIÇÕES

Por último e depois de ter defendido a liberdade do acto eleitoral e condenado toda a actividade terrorista que apenas pretende criar um clima de insegurança e limitar as liberdades, o camarada Sérgio Vilarigues recordou que mais de 200000 jovens atingiram o direito de votar e que a juventude por natureza aspira ao progresso pelo que deve ser ganha para votar bem. E acrescentou:

«As últimas eleições para a Assembleia Constituinte o Partido Comunista, o grande partido dos trabalhadores portugueses, obteve um pouco mais de 700000 votos. Nas próximas eleições para a Assembleia Legislativa o PCP pode chegar a 1 milhão de votos ou mesmo mais. Attingi-lo, ou não, depende de nós mesmos. Depende de sabermos popularizar os objectivos do nosso Partido expressos no seu Programa, assim como a plataforma política eleitoral a aprovar pela Conferência Nacional do partido no dia 14 de Março.

«As últimas eleições perderam-se mais de 300000 votos dispersos pela maioria dos distritos, sem qualquer resultado tangível em deputados para outros grupos que concorreram às eleições. Desta maneira não se serviu a esquerda, antes pelo contrário, serviu-se a direita e a reacção. Persistir nesta linha dispersiva, sem quaisquer hipóteses de obter resultados positivos quanto à eleição de candidatos é servir objectivamente as forças da direita reaccionária. Sendo assim, impõe-se-nos a tarefa de tudo fazermos para ganhar nas próximas eleições todas as posições honestas de esquerda a fim de votarem esquerda — isto é no grande partido dos trabalhadores, o PCP, com a certeza de que

na futura Assembleia Legislativa terão nos comunistas deputados porta-vozes combativos a pugnarem pela defesa dos seus interesses.»

AUMENTAR OS VOTOS

E a terminar: «Para 1 milhão de votos deve ser uma palavra de ordem para todos os militantes e simpatizantes comunistas. A cada membro do

Partido deverão corresponder 10 votos.

«Nas últimas eleições para a Assembleia Constituinte o conselho de Vendas Novas votou bem. Dos 8058 votantes, 3543 ou seja, 44 por cento votaram no PCP. Foi um belo resultado. Estou seguro que aqui tudo será feito para obter nas próximas eleições para a Assembleia Legislativa a percentagem de 50 por cento dos votantes.

«Um Partido Comunista forte pela justeza da sua linha política,

pelo número e qualidade dos seus militantes, pela sua capacidade de acção, pela sua estreita ligação com as massas trabalhadoras da cidade e do campo e com as outras camadas laborais — pequenos camponeses, comerciantes e industriais — um partido desta natureza continua a ser indispensável para defender as regalias e direitos conquistados pelo nosso povo e para se avançar seguramente pelo caminho que aponta para um Portugal verdadeiramente

democrático — para o socialismo.» No final foram colocadas perguntas sobre os mais variados assuntos, nomeadamente sobre o significado da Assembleia Legislativa, quais as razões por que o PS e o PPD puseram entretanto ao reconhecimento do Governo da República Popular de Angola e ainda sobre a unidade entre o PCP e o PS bem como sobre os dois «imperialismos», perguntas a que o camarada Vilarigues respondeu detalhadamente.



ses destes sectores e só com o seu apoio e a luta comum poderá singrar. A criação de uma cooperativa de consumo que irá funcionar experimentalmente foi outro ponto focado.

O camarada Lidio, membro da Comissão Concelhia de Vendas Novas do PCP e da célula da construção civil naquela vila, abordou problemas que se colocam à sua classe, focando nomeadamente o aumento do preço dos materiais de construção que de modo nenhum favorecem as classes trabalhadoras, interessadas em edificar a sua pequena casa de habitação.

Seguidamente, o camarada Diamantino, membro da Comissão Distrital de Évora do PCP, saudou o reconhecimento do governo da República Popular de Angola no que foi correspondido por uma vibrante salva de palmas, gritando a assistência «MPLA, MPLA». Mais adiante, referindo-se ao sector metalúrgico, que só no concelho de Vendas Novas engloba mais de setecentas operários em duas empresas de montagem de automóveis, recordou que para se reconverter o sector automóvel é necessário reconverter primeiro os trabalhadores, pois o operariado daquela zona é oriundo, na sua totalidade, do sector agrícola e apenas está preparado para montar peças em série. Por isso, apontou a necessidade do operariado poderem aprender novos ofícios de maneira a que a reconversão do sector automóvel seja eficiente. Por último, frisou a importância da unidade entre os trabalhadores do campo e a classe operária, unidade que se deve estreitar ainda mais na luta, para que assim possam opor uma barreira intransponível à reacção exploradora.

A OFENSIVA DA REACÇÃO

Dando início ao seu discurso, que foi seguido atentamente por todos os presentes, o camarada Sérgio Vilarigues começou por abordar a ofensiva da direita contra a democracia portuguesa, ofensiva essa com expressão política legal nomeadamente nos partidos CDS e PPD.

A RESPONSABILIDADE DO P. S.

Apontando a responsabilidade da direcção do PS, da qual «não pode desligar-se a chamada política de austeridade que, na realidade, não tem sido outra coisa que uma política de restrições contrária aos interesses dos trabalhadores», o camarada Sérgio Vilarigues afirmou: «Congelou-se a contratação colectiva, isto é, os salários, ao mesmo tempo que se aumentaram os preços dos géneros de amplo

clareza que isto só é possível porque o governo, com preponderância do Partido Socialista, está ele próprio a seguir uma política de entrega directa e indirecta aos donos que as tinham abandonado ou delas tinham sido expulsos por má gestão e por autêntico roubo de valores que não lhes pertenciam. Tais são os casos da Têxtil Manuel Gonçalves, da Martins & Rebelo, da Facar, dos Supermercados A. C. Santos, Pão de Açúcar e Nutri-CP?.

«A direcção do PS é contrária à recuperação capitalista ou, pelo contrário, é favorável no todo ou em parte a essa recuperação? Na hora que passa creio ser legítimo fazerem-se tais perguntas e reclamarem-se respostas claras.

«A economia portuguesa precisa de recuperar em bases nacionais para servir a grande massa dos trabalhadores e do povo e nunca para servir a recuperação capitalista e dos grandes agrários.»

PEQUENOS CAMPONESES

Frisou entretanto que estes problemas começam a ser compreendidos por homens oriundos de vários sectores políticos e de diferente opinião, civis e militares, que em certa altura se deixaram encantar e confundir pelo velho e esfarrapado espantalho do «perigo comunista» e fazendo notar que tal compreensão vem citar melhores condições para unir e organizar as massas trabalhadoras e todas as forças progressistas interessadas em defender as conquistas da Revolução e construir uma sociedade mais justa onde não possa ter lugar a exploração do homem pelo homem.

«Aliados naturais do proletariado rural, os pequenos camponeses são ganhos para a defesa da reforma Agrária e da Revolução na medida em que sintam e vejam na prática que se respeita a sua propriedade e se facilita o cultivo da mesma e a venda dos seus produtos a preços compensadores. Mais do que isso, é necessário distribuírem-se mais terra se se prova que a que possuem é insuficiente para permitir ao agregado familiar um nível de vida desalagado.»

NÃO ABRANDAR A VIGILÂNCIA

Reafirmando depois todo o apoio do PCP aos pequenos e médios agricultores, apoio que sempre se manifestou e que está claramente expresso no Programa do PCP aprovado no VI Congresso de 1965, data em que Sá Carneiro — que agora se afirma grande defensor dos pequenos e médios agricultores — ainda não sonhava ser deputado à Assembleia Nacional do regime fascista, o camarada Vilarigues enumerou alguns dos pontos expressos no Programa do PCP salientando «que alguns pontos do nosso Programa já estão realizados ou em via de realização». E acrescentou: «Não nos iludamos, porém, pensando que de agora em diante é só

reaprova a recuperação pelos padrões das empresas que arruinaram, nomeadamente a Têxtil Manuel Gonçalves, a Martins & Rebelo, a Facar e os Supermercados A. C. Santos, Pão de Açúcar e Nutri-CP?.

«A direcção do PS é contrária à recuperação capitalista ou, pelo contrário, é favorável no todo ou em parte a essa recuperação? Na hora que passa creio ser legítimo fazerem-se tais perguntas e reclamarem-se respostas claras.

«A economia portuguesa precisa de recuperar em bases nacionais para servir a grande massa dos trabalhadores e do povo e nunca para servir a recuperação capitalista e dos grandes agrários.»

AMEAÇADAS AS CONQUISTAS

Recordando que apesar das belas palavras que se ouvem vindas de vários quadrantes sobre a defesa das conquistas da Revolução, como sejam as nacionalizações dos sectores base da economia nacional e as garantias do prosseguimento da Reforma Agrária, essas conquistas correm perigo.

No entanto, salientou, «é animador observar que núcleos do PS, e mesmo um ou outro elemento preponderante deste partido, um pouco por todo o país, e na própria Assembleia Constituinte, protestam e levantam a sua voz contra tentativas de recuperação pelos padrões de certas empresas e em defesa da Reforma Agrária. Por que isto é animador e porque desejamos sinceramente chegar à unidade de acção a nível de empresa, local, regional e nacional, não podemos deixar de reafirmar a enorme responsabilidade que pesa sobre a direcção do PS pela ofensiva da reacção fascista que hoje se observa a todos os níveis da vida nacional.»

A RESPONSABILIDADE DO P. S.

Apontando a responsabilidade da direcção do PS, da qual «não pode desligar-se a chamada política de austeridade que, na realidade, não tem sido outra coisa que uma política de restrições contrária aos interesses dos trabalhadores», o camarada Sérgio Vilarigues afirmou: «Congelou-se a contratação colectiva, isto é, os salários, ao mesmo tempo que se aumentaram os preços dos géneros de amplo



SESSÃO DE ESCLARECIMENTO NA AMADORA

Com a participação do camarada Octávio Pato, foi vivamente debatida a posição do Partido perante importantes problemas da actualidade nacional.

Nas indústrias químicas Pereira & Brito, Lda., complexo fabril situado na Amadora, que engloba mais de 500 trabalhadores, realizou-se uma sessão de esclarecimento promovida pela célula local do PCP, com a presença do camarada Octávio Pato, membro do Secretariado e da Comissão Política do CC do nosso Partido.

A sessão foi atentamente seguida por algumas centenas de trabalhadores, que tinham, no momento, terminado o seu trabalho. Na mesa encontravam-se, também, os camaradas Marreiros e Raposo do secretariado da célula local e o camarada Marques da UJC.

Abindo a sessão, o camarada Marreiros citou aspectos do actual momento político, denunciando-se com mais pormenor, no aumento do custo de vida e suas causas. Em seguida apelou para a unidade dos trabalhadores em torno da construção duma sociedade mais justa, sem explorados nem exploradores, tendo, no fim, alertado para a onda de terrorismo que assola o país, afirmando que são os que aqui mais falam em liberdade e pluralismo que incitam ao terror em várias localidades.

Posteriormente, tomou a palavra

o camarada Pato, que esquematizou em linhas gerais a situação política, as formas de luta a desencadear pelas classes trabalhadoras no momento presente e respondeu a algumas questões colocadas.

«Abandonando qual o problema central existente no nosso país referiu-se à salvaguarda das conquistas da Revolução — as liberdades democráticas, as nacionalizações, a reforma agrária, o controlo operário.

«Depois de relatar factos da ofensiva da direita no campo da recuperação capitalista e de acções de forças esquerdistas que parecem identificadas com a contra-revolução, salientou que são já muitos os militares e civis dispostos a formar numa barreira ao avanço da reacção.

Sobre a campanha eleitoral, o camarada Octávio Pato frisando a importância da liberdade democráticas em muitas zonas do país onde está instalado um poder local reaccionário, considerou como tarefa das forças progressistas e fundamentalmente das forças de vanguarda, associar à campanha eleitoral a luta contra a reacção. Referindo-se ao atraso das eleições, que só favorece o avanço da contra-revolução,

cuipou o PPD de tal facto, afirmando:

«É o PPD que pode e deve ser responsabilizado pelo atraso da Constituição; é o PPD que pode e deve ser responsabilizado por não se ter ainda assinado o Pacto; é o PPD que pode e deve ser responsabilizado pelo retardar das eleições. O PPD ao fazer tudo isto, tendeu por em causa o MFA, o CR, o próprio Presidente da República e substituiu-o por um reaccionário da sua confiança.»

Expondo a importância das eleições na actual fase da Revolução, e da obtenção de uma maioria de esquerda na Assembleia Legislativa, concluiu a sua intervenção, apelando para a unidade de todos os trabalhadores, sejam socialistas, comunistas ou somente antifascistas, salientando que o PCP está confiante que a classe operária, as massas trabalhadoras, as forças progressistas, unidas ombro com ombro, barrarão o caminho ao fascismo e defenderão as liberdades e as conquistas alcançadas.

Entrou-se, então, no período de perguntas e respostas, em que se constatou uma grande participação dos trabalhadores presentes.

Sobre o atraso do Governo português no reconhecimento da RPA, o camarada Pato afirmou que tal se deve ao enfundamento da direcção do PS e do PPD ao imperialismo internacional e, particularmente ao americano.

«Quanto à aliança Povo/MFA, salientando que o PCP sempre considerou o reforço desta aliança como fundamental para o avanço e consolidação do processo revolucionário, apelou para a unidade das massas populares com o MFA e para a unidade das várias tendências no seu seio.

A finalizar, e em resposta a outras questões, o camarada Octávio Pato frisou, mais uma vez a necessidade da unidade entre socialistas e comunistas, eliminando sectarismos existentes, que apesar da oposição de dirigentes do PS, se tem concretizado em diversos contactos entre a JS e a UJC e entre células locais de fábricas, pois só assim se conseguirá afastar o perigo do fascismo consolidar as conquistas da Revolução e caminhar na Portugal democrático rumo ao progresso social e ao socialismo. Esteve presente também o camarada Domingos Lopes.

A POLÍTICA DE UNIDADE DEBATIDA EM ÉVORA

Com a participação do camarada Dias Lourenço, realizou-se em Évora uma animada sessão de esclarecimento do PCP, a que estiveram presentes numerosos socialistas

Cerca de 1000 pessoas enchem literalmente o Teatro Garcia de Resende, em Évora, para assistir à sessão de esclarecimento do PCP, na qual foram debatidos os problemas mais agudos do momento actual. Participou Dias Lourenço, em nome da Comissão Política do CC, que fez uma exposição inicial das principais questões da actualidade política e da posição do PCP. António Murteira, da Comissão Distrital de Évora, que abordou os aspectos mais significativos da Reforma Agrária, e ainda o camarada Custódia Chibante, que abordou o tema do custo de vida e os salários.

António Murteira refutou com números as críticas dos adversários da Reforma Agrária, salientando que em herdades colectivas onde antes crescia o mato hoje se colhe o trigo, a cevada, os pastos. Lá onde no passado o desemprego constituía um flagelo para os assalariados rurais e suas famílias, há agora falta de braços e os salários melhoraram consideravelmente — o que veio animar também as actividades comerciais na região. Herdades onde antes labutava um número reduzido de trabalhadores empregam hoje oitocentos, mil e mais de mil camponeses.

A Reforma Agrária modificou o panorama social das regiões do latifúndio e essa é uma conquista histórica dos trabalhadores alentejanos.

Custódia Chibante abordou a situação difícil das famílias devido ao aumento do custo de vida. Em dada altura do seu discurso, atacando os responsáveis por essa política, disse: «É certo que esses senhores podem, através das notas oficiais, que hoje atafuham os jornais, arranjar as mais brilhantes explicações económicas e fazer as mais tentadoras promessas.

É certo que hoje o ministro das

Finanças, Dr. Salgado Zenha, pode utilizar os canais da Televisão para apresentar os empréstimos dos países capitalistas e exploradores como o «abre-te sésamo» das portas da felicidade para o povo português.

«É certo, igualmente, que o ministro do Comércio Interno Dr. Magalhães Mota, utilizando igualmente a TV tem e faz de apresentar ao nosso povo tabelas de preços sem nenhuma relação com a verdade.

Mas, nem o primeiro nos disse ainda as condições políticas impostas por esses países para efectuarem tais empréstimos ou como vamos pagar, nem o segundo conseguiu ainda explicar

por que motivos tais tabelas não se cumprem. Os comerciantes em Lisboa, fíem-se já quando alguém reclama, dizendo que isso são preços da Televisão...»

No final, num vivo diálogo com a assistência, entre a qual se encontravam numerosos socialistas, Dias Lourenço respondeu a inúmeras questões, incidindo sobre a situação política, o custo de vida e os salários, a escalada do terrorismo fascista, o reconhecimento da República Popular de Angola, a Reforma Agrária, a recuperação capitalista a que certas forças se empenham na hora actual e o problema das eleições.

Com particular força foram abordadas as questões do inimigo principal — a direita reaccionária, como salientou Dias Lourenço — e da unidade de forças democráticas e de esquerda.

Particularmente, foi realçada a necessidade duma política unitária entre comunistas e socialistas com os militares progressistas, como verdadeira alternativa democrática. Política unitária para a futura Assembleia Legislativa e para a formação de um governo de esquerda.

O diálogo com a assistência teve momentos de entusiasmo e a sessão acabou no meio de câncões progressistas e revolucionárias.

CAMARADA, VAI E PARTICIPA E LEVA AMIGOS TAMBÉM

Para os próximos dias, estão previstas as seguintes iniciativas do nosso Partido: HOJE, sessões de esclarecimento na CARRIS, pelas 16 horas, com Octávio Pato e no Clube Recreativo Bento Gonçalves, no Fafó, às 21 e 30. Ainda hoje, o camarada Jaime Serra, da Comissão Política do Comité Central, visita, pelas 16 e 30, as instalações da Companhia Portuguesa de Pesca, onde irá dialogar com os trabalhadores.

AMANHÃ, sessões de esclarecimento no Centro de Trabalho da Tráfaria com o camarada Francisco Miguel do Comité Central e no Clube

dos Falcões em Almada, ambas com início marcado para 21 e 30. Entretanto, o Organismo dos Empregados do Comércio de Lisboa promove pelas 21 horas no Centro de Trabalho de S. Bernardo, à Estrela, uma sessão de esclarecimento subordinada ao tema Esquerdismo, que contará com a presença dos camaradas João Paulo Guerra, Falé e Jorge Cordeiro. Na Casa do Povo de Alcains, o camarada Dias Lourenço vai intervir numa sessão de esclarecimento marcada para as 21 horas.

NO SÁBADO, sessões de esclarecimento no

cinema de Vila Viçosa pelas 15 e 30, com a presença do camarada Octávio Pato, e em Cebeiros de Cima, no antigo cinema, pelas 16 horas, com a participação do camarada Dias Lourenço.

NO DIA 29, o Centro de Trabalho do nosso Partido de Pombalinho vai organizar uma jornada de trabalho na Cooperativa Estrela Vermelha, no concelho de Arraiolos, distrito de Évora.

NO DIA 4 DO PRÓXIMO MÊS, o camarada Octávio Pato desloca-se ao Arsenal do Alifeito, onde estará presente, numa sessão de esclarecimento.

O XXV CONGRESSO DO PC DA UNIÃO SOVIÉTICA ASSINALA UMA ETAPA DE IMPORTÂNCIA DECISIVA NA MARCHA PARA A EDIFICAÇÃO DO COMUNISMO

MOSCOVO — Apontado ao futuro, na criação da base material e técnica do comunismo, o 25.º Congresso do Partido Comunista da União Soviética assinala uma etapa no caminho da história do homem e na marcha do povo soviético para a construção da sociedade comunista. Fértil em elementos preciosos que interessam a todos os povos, o relatório do Comité Central do PCUS faz uma referência destacada à Revolução Portuguesa que «acabou com um dos últimos regimes fascistas do nosso tempo e levou à liquidação do último império colonial». Reafirmando a força do processo revolucionário, o relatório do CC do PCUS, pela voz do camarada Brejnev, expressa «a ardente solidariedade dos comunistas soviéticos e de todos os soviéticos para com o povo revolucionário de Portugal, para com os comunistas e todos os democratas portugueses».

Teve início anteontem, 24 de Fevereiro, em Moscovo, o 25.º Congresso do Partido Comunista da União Soviética. Aprovada a ordem de trabalhos, o camarada L. Brejnev, secretário-geral do PCUS, iniciou a leitura do Relatório do Comité Central, que se prolongaria por mais de 6 horas. Balanço geral da política soviética nos últimos cinco anos, repertório da actividade do Partido e das massas trabalhadoras, o documento do CC foi frequentemente interrompido por calorosos aplausos dos cinco mil delegados (eleitos por quinze milhões e meio de militantes do PCUS) e dos secretários-gerais e outros representantes eminentes dos partidos irmãos e de formações democráticas de 96 países.

No anfiteatro, por trás da tribuna da imensa sala do Palácio dos Congressos, no Kremlin, tomaram lugar os chefes das 103 delegações estrangeiras. Além do camarada Álvaro Cunhal, secretário-geral do nosso Partido, estavam presentes os secretários-gerais e presidentes dos países socialistas da Europa, Fidel Castro, Primeiro-Ministro cubano, os representantes do MPLA, Frelimo e PAIGC, os secretários-gerais do PCI e do PC dos Estados Unidos e um membro do CC do PCF. Estavam ainda representados o PCE, pela camarada presidente Dolores Ibarruri, e os partidos comunistas de muitos outros países, incluindo o Brasil, o Chile e o Uruguai. Presentes também altos representantes de partidos socialistas, entre eles Carlos Altamirano do Partido Socialista Chileno.

Acontecimento de elevada projecção na vida soviética e na política mundial, o 25.º Congresso do PCUS, que chamou a Moscovo mais de 800 jornalistas estrangeiros, além dos 250 correspondentes de todo o mundo acreditados no país. Terminará os seus trabalhos no dia 5 de Março com a primeira reunião do novo Comité Central, eleito no dia anterior.

Na mesa da presidência do Congresso estão, entre outros, os camaradas do Bureau Político do Comité central do PCUS. Além de Leonid Brejnev, viam-se, nomeadamente na mesa, os camaradas Podgomi, Kossiguine, Gromyko e Suslov.

A apresentação dos partidos estrangeiros representados no Congresso foi sublinhada com fortes ovações. Calor especial dos camaradas soviéticos mereceu o nosso Partido, bem como o MPLA e os partidos irmãos do Chile, Cuba e Vietname.

Lembrados pelo camarada Suslov, os dirigentes comunistas e outros destacados democratas, falecidos no último quinquénio, foram homenageados com um minuto de silêncio. Entre os nomes citados, figuravam Salvador Allende e Amílcar Cabral, mortos na luta pela libertação dos povos. Por proposta do PCUS, constante do Relatório, será

erguido em Moscovo, um monumento em homenagem às vítimas do fascismo e do imperialismo, aos que já desapareceram e aos que sofrem nas prisões pela sua dedicação à causa dos povos.

O primeiro dia do Congresso foi assinalado pela intervenção do camarada Brejnev, que apresentou o Relatório do Comité Central cuja discussão só terminará no próximo dia 1 de Março.

Documento apontado ao futuro, o relatório do CC não se limita a um balanço das grandes conquistas alcançadas na política interna e externa da União Soviética nos últimos cinco anos. É também um programa de acção, que apela para a energia do povo soviético tantas vezes demonstrada no passado. Não se limita aos êxitos obtidos, que são incontáveis. Critica as imperfeições, aponta os erros, corrige o caminho percorrido e alguns sectores.

ARDENTE SOLIDARIEDADE COM OS POVOS DE PORTUGAL E ANGOLA

Numa destacada referência a Portugal, o documento do CC do PCUS afirma a dado passo:

«A Revolução Portuguesa acabou com um dos últimos regimes fascistas do nosso tempo e levou à liquidação do último império colonial. Confirmou-se de novo plenamente que a Revolução é uma poderosa alavanca da renovação social das grandes massas e das imensas forças latentes do povo. E se hoje o entrelaçamento das forças políticas, despertadas para a vida pela Revolução antifascista, ainda apresenta um panorama heterogéneo e às vezes contraditório, uma coisa é completamente clara: o Povo de Portugal é pela criação no país de sólidos alicerces para o desenvolvimento democrático e pelo progresso social. A União Soviética está categoricamente contra toda e qualquer ingerência nos assuntos internos de Portugal. O Povo Português, como outro povo qualquer, tem o direito de seguir o caminho que ele próprio determine. Permite-me que expresse desta tribuna a ardente solidariedade dos comunistas soviéticos e de todos os soviéticos para com o Povo revolucionário de Portugal, para com os comunistas e todos os democratas portugueses.»

Quanto à República Popular de Angola, o Relatório do CC do PCUS lembra que «logo ao nascer este Estado progressista se tornou alvo de uma intervenção estrangeira. É obra do imperialismo e dos racistas sul-africanos, inimigos jurados da África independente, bem como daqueles que assumiram o indecoroso papel de seus cúmplices. Por isso — prossegue o documento do CC — a luta de Angola em defesa da sua

independência encontrou o apoio das forças progressistas em todo o Mundo e o êxito dessa luta torna-se mais uma prova de que ninguém pode quebrar a ansia de liberdade dos povos.

A atitude da União Soviética para com os complexos processos nos países em desenvolvimento é nítida e determinada. A União Soviética — acrescenta o relatório — não se imiscui nos assuntos internos de outros países e povos. O respeito pelo direito sagrado de cada Povo e de cada país de escolherem a sua via de desenvolvimento é um princípio leninista. Porém, não escondemos os nossos pontos de vista. Saudamos os países que escolheram o caminho do progresso, da democracia e da independência nacional e consideramo-los como nossos amigos e camaradas de luta.

O nosso Partido tem prestado e continuará a prestar apoio aos povos que combatem pela sua liberdade — sublinha o Relatório do PCUS. A União Soviética não procura nenhuma vantagem para si, não deseja concessões, não visa o domínio político e não solicita bases militares. Actuamos tal como a nossa consciência revolucionária e as nossas convicções comunistas nos indicam.»

O Relatório do CC do PCUS assinala que o quinquénio de 1971-1975 provou que o rumo elaborado pelo 24.º

Congresso estava certo. Provam-no os resultados alcançados. Fiel ao legado leninista, o PCUS indicou a tarefa essencial que consiste em melhorar a situação das massas trabalhadoras, assegurando uma «considerável melhoria do nível material e cultural da vida do povo».

UM RUMO CERTO E FIEL AO LEGADO LENINISTA

Indicada também pelo Congresso anterior, «a via para essa ascensão, isto é, o aumento decisivo da eficácia da produção social na base do progresso técnico-científico e da aceleração do crescimento da produtividade do trabalho», traçou um rumo

ensinamentos de Lenine, que preconizava medidas que «conduzam de facto, à paz, se não se pode falar ainda da eliminação completa do perigo de guerra», a União Soviética alcançou grandes êxitos na sua política de paz, nos últimos cinco anos. Êxitos que interessam a todos os povos e com uma importância verdadeiramente imprecável.

«No domínio da política externa — assinala o documento do PCUS — o XXIV Congresso apresentou o programa da paz. O seu sentido principal era alcançar a viragem no desenvolvimento das relações internacionais, apoiando-se na força, na coesão e na actividade do socialismo mundial, na sua aliança cada vez mais sólida com todas as forças progressistas e amantes da

seus organizações tornaram-se mais combativas e os comunistas tornaram-se mais activos e com mais iniciativa. O nosso povo compreendeu profundamente a política do Partido e apoiou-a incondicionalmente, de todo o coração. Apoiou com obras, com trabalho de vanguarda e com a convergência da emulação socialista a escala nacional. Como resultado, tornou-se ainda mais sólida a unidade entre o Partido e o Povo, foram criadas condições para que o novo quinquénio seja assinalado com novos êxitos em todas as esferas.

Nos nossos calendários está escrito: 1976, ano 59.º da Grande Revolução Socialista de Outubro. Não são só palavras. As realidades actuais do povo soviético são uma continuação directa da causa de Outubro. São a encarnação prática dos ideais do grande Lenine. O nosso Partido é e será sempre fiel a esta causa e a estas ideias.»

OS ÊXITOS NA ECONOMIA TRIUNFO DE TODO O POVO

Sob o lema vitorioso da construção do comunismo, a economia soviética progride sem crises, nem inflação. Neste ano do 25.º Congresso do PCUS, terminados os cinco anos do nono plano quinquenal (1971-1975), o rendimento nacional aumentou 76 mil milhões de rublos (28 por cento) e os fundos produtivos de base cresceram 50 por cento. O seu valor ascendia, no final do ano passado, a mais de 800 mil milhões de rublos. Os últimos cinco anos, o volume da produção industrial aumentou 43 por cento e a agricultura avançou consideravelmente. Em 1976 o nível de vida dos soviéticos é muito mais elevado do que no início do último quinquénio.

Enquanto se agravam todas as contradições do sistema capitalista, as massas trabalhadoras e todo o povo da União Soviética caminham para a vitória do trabalho comunista. Em 1975 o volume total da produção na indústria dos países capitalistas desenvolvidos diminuiu aproximadamente 10 por cento, mas numa série de ramos, como o da indústria automóvel, da metalurgia e da indústria têxtil, a redução é calculada em 15-20 por cento. Na União Soviética, segundo números aqui divulgados há poucos dias, tendo em conta o índice 100 para 1950, a produção nacional total, que era de 304 em 1960 passou para 689 em 1970 e atingiu 987 em 1975. A produção de meios de produção considerando o mesmo índice para 1950, de 327 em 1960 passou para 781 em 1970 e alcançou 1138 em 1975. Nenhum outro país no mundo poderá anunciar um progresso tão seguro ao serviço do homem.

Limitamo-nos a citar apenas dois indicadores básicos do fomento da economia nacional da URSS. Muitos outros poderíamos escolher. Em todos eles, os aumentos adquirem grande alcance e significado, seja na produtividade do trabalho na indústria, seja no comércio externo; na produção de bens de consumo, ou na produção agrícola. A União Soviética caminha em primeiro lugar na extracção mundial de petróleo e de ferro, na fundição deste mineral e do aço, na produção de locomotivas eléctricas e diesel, na produção de cimento, nas construções de betão armado, na produção de açúcar, gorduras animais e outros artigos. Melhor se compreenderão os grandes êxitos soviéticos na economia, se acrescentarmos que, ainda em 1950 por exemplo, a fundição de aço na URSS representava apenas 30 por cento do total dessa mesma fundição nos Estados Unidos, o maior país capitalista.

«A tarefa essencial do décimo plano quinquenal é a realização consequente das directivas do Partido Comunista, cujo objectivo é elevar o nível de vida e o nível de cultura do povo através de um desenvolvimento dinâmico e proporcional da produção social e do aumento da sua eficácia, da aceleração do progresso técnico-científico, do crescimento da produtividade do trabalho, da máxima melhoria da qualidade do trabalho em todos os sectores da economia nacional.»

Para a execução dessa tarefa essencial, apontada pelo PCUS, conta o trabalhador soviético com a quantidade e a qualidade excepcionais dos meios técnicos e científicos já existentes e que serão enriquecidos nos próximos cinco anos. Conta ainda o trabalhador soviético com a energia e a capacidade de trabalho de um povo que tem tudo ao seu alcance, tudo o que uma vida de homem pode produzir para ele e para todos os homens.

AUMENTOS DE SALÁRIOS PARA 75 MILHÕES DE TRABALHADORES

Ao anunciar as grandes opções da economia nacional para o período de 1976-1980 (décimo plano quinquenal), a discutir pelo 25.º Congresso do Partido Comunista da União Soviética, o CC revela que durante os últimos cinco anos os aumentos de salários beneficiaram mais de 75 milhões de trabalhadores. No decorrer do nono plano (1971-1975), o Estado soviético gastou uma verba quase duas vezes maior do que no quinquénio anterior para elevar o nível de vida de todo o povo. Os rendimentos por habitante aumentaram 24 por cento.

As rendas de casa nunca ultrapassam os 20 rublos (cerca de 600\$00) incluindo água, gás e outros serviços a cargo do Município. O preço que paga uma família soviética pelo aluguer de um apartamento não chega a atingir um terço do que gasta o Estado para a conservação do mesmo apartamento. Segundo um cálculo recente, cada família soviética paga, em média, por ano, por cada metro quadrado de superfície habitável, 1 rublo e 45 copeques.

«A remuneração do trabalho, principal fonte dos rendimentos da população, foi consideravelmente aumentada. Os salários dos

operários e empregados aumentaram, em média, 20 por cento e os trabalhadores da agricultura passaram a ganhar mais 25%. O salário mínimo, vencimento e ordenados de operários e empregados da produção material (categoria dos salários médios) foram aumentados em todo o país. Os vencimentos dos médicos, professores e pessoal dos estabelecimentos pré-escolares foram também aumentados. Os impostos foram suprimidos ou reduzidos para várias categorias de trabalhadores», revela o Comité Central do PCUS.

A construção da base material e técnica do comunismo, no desenvolvimento da maneira de viver socialista, terá no décimo plano quinquenal, que agora se inicia, uma nova etapa de grande importância. O aperfeiçoamento das relações sociais e a formação do homem novo vão passar, nos próximos cinco anos, por uma intensificação ainda maior. Haverá aperfeiçoamentos e novas realizações decisivas em todos os campos da actividade. A produção social aumentará e será melhorada a utilização das possibilidades da economia nacional através da multiplicação da riqueza de todo o povo e da consolidação do poder económico e defensivo do país.

«A tarefa essencial do décimo plano quinquenal é a realização consequente das directivas do Partido Comunista, cujo objectivo é elevar o nível de vida e o nível de cultura do povo através de um desenvolvimento dinâmico e proporcional da produção social e do aumento da sua eficácia, da aceleração do progresso técnico-científico, do crescimento da produtividade do trabalho, da máxima melhoria da qualidade do trabalho em todos os sectores da economia nacional.»

Para a execução dessa tarefa essencial, apontada pelo PCUS, conta o trabalhador soviético com a quantidade e a qualidade excepcionais dos meios técnicos e científicos já existentes e que serão enriquecidos nos próximos cinco anos. Conta ainda o trabalhador soviético com a energia e a capacidade de trabalho de um povo que tem tudo ao seu alcance, tudo o que uma vida de homem pode produzir para ele e para todos os homens.

É o mundo inteiro — devemos repeti-lo sempre — que beneficia afinal com as conquistas de um país onde as riquezas nacionais são obra e proveito de todo o povo, de um país onde o rendimento nacional é distribuído em benefício das massas trabalhadoras e de toda a população.

«E devemos repetir também, nestes dias em que decorre aqui em Moscovo, o 25.º Congresso do PCUS, que a vontade de ganhar e merecer o futuro manifestada pelo homem soviético, pelos trabalhadores desta grande nação de 254,3 milhões de habitantes, se desenvolve em democracia, na democracia socialista soviética, que estabelece e garante o Estado de todo o Povo, a igualdade de direitos das pessoas e das nações e a liberdade do indivíduo.»

É uma democracia construída e melhorada pelo poder de crítica e autocrítica que os trabalhadores exercem na prática. É um regime edificado por trabalhadores livres da exploração e da opressão. É a sexta parte dos homens do mundo inteiro que verdadeiramente têm de seu o Estado e a Sociedade.



«A nossa via é a via da verdade, a via da liberdade, a via da felicidade do povo» — salientou o camarada Leonid Brejnev ao apresentar o relatório do Comité Central do PCUS

A REALIDADE INTERNA DO PCUS NO MOMENTO DO XXV CONGRESSO

Qual a realidade interna do PCUS cujo XXV Congresso está a decorrer e à volta do qual mobiliza todo o povo soviético e se centram as atenções do movimento operário internacional e das forças progressistas de todo o mundo?

Por todo o mundo, mesmo nos países em que a imprensa é o reflexo do Estado dos monopólios, corre a notícia da realização do XXV Congresso do PCUS e da extraordinária mobilização de todo o povo soviético para este grandioso acontecimento iniciado a 24 de Fevereiro. Os trabalhadores são informados que o Partido Comunista da União Soviética realiza mais um Congresso: o XXV.

Mas sabemos as largas camadas populacionais o que é o PCUS, quem o constitui, o que se propõe, qual a importância do Congresso para esta organização, condutora dos destinos do povo que, na realidade, se encontra mais avançada na tarefa revolucionária de edificação da sociedade comunista?

A resposta a estas questões é dada por uma análise, ainda que breve, sobre a realidade interna do PCUS. Dizia Lênine que «o carácter de qualquer organização é, natural e inevitavelmente, determinado pelo conteúdo da sua actividade». A actividade do PCUS, desde a sua fundação, é no sentido da construção da sociedade comunista. Jamais sucedeu na história do PCUS «a divergência entre a palavra e o facto».

O PCUS e a sua realidade interna por altura do XXV Congresso demonstram que a missão histórica do partido, a da edificação do comunismo, é uma realidade constantemente em evolução porque é profundamente vivida por todo o povo soviético.

O QUE SE PROPÕE O PCUS?

Com o PCUS estão indissolúvelmente ligadas todas as grandes vitórias dos trabalhadores da URSS na transformação revolucionária da sociedade. O Partido dirigiu a grande Revolução Socialista de Outubro de 1917, que conduziu ao poder a classe operária, com o apoio de milhões de camponeses pobres. Sob a direcção do Partido cumpriu-se a grandiosa tarefa da edificação socialista: a industrialização do país e a colectivização da agricultura.

Nos difíceis anos da guerra civil (1918 - 1920) foi graças ao Partido que se tornou possível a derrota da contra-revolução e a intervenção estrangeira. O Partido foi a força organizada e inspiradora do povo soviético na terrível guerra patriótica de 1941 - 1945 que terminou com a derrota dos invasores nazis. Com o Partido Comunista estão estreitamente relacionados todos os êxitos do povo soviético na reconstrução da economia nacional depois da guerra e o fortalecimento posterior do regime socialista. Nos anos que se seguiram à Grande Guerra Patriótica, sob a direcção do PCUS, o povo soviético construiu, com o seu trabalho abnegado, a sociedade socialista desenvolvida. Na actualidade o Partido Comunista mobiliza e organiza os soviéticos para levarem à prática o grandioso programa da edificação do comunismo.

O PCUS é o dirigente político do povo, que elabora, sobre uma base científica, a política interna e externa do país, unindo nos mesmos objectivos os esforços de todas as classes e grupos sociais, todas as nações e povos da URSS, tomando sempre em consideração tanto os interesses comuns dos trabalhadores, como os interesses específicos, nacionais, dos povos que integram a União Soviética. O Partido reúne nas suas fileiras os homens e mulheres de vanguarda, representantes de todas as nacionalidades. Pela sua ideologia e política, pela sua composição e estrutura, o PCUS é um Partido de internacionalistas-leninistas, uma extraordinária personificação da camaradagem e estreita amizade dos trabalhadores da URSS, da inquebrantável unidade de todo o povo soviético.

Lênine dizia que o Partido é a vanguarda organizada da classe operária. Não se trata de uma simples soma de colectividades mas do seu conjunto, harmonizado num sistema coerente único de organizações ou de células. Lênine era um resolutivo adversário da improvisação organizativa, da instabilidade na estrutura do Partido, porque um Partido deste tipo seria incapaz de tornar-se a vanguarda da classe operária e de dirigir a sua luta revolucionária, luta que exige o máximo de organização e de disciplina nas fileiras do Partido. A classe operária, afirmava Lênine, não recusa o espírito de organização e de disciplina; por isso o seu Partido revolucionário não terá medo de manter este espírito. Na luta pelo poder, a classe operária tem como única arma a organização, e esta organização necessária é-lhe proporcionada pelo Partido, intérprete dos seus interesses. «Para ser verdadeiramente um intérprete consciente — escrevia Lênine — o Partido deve ser capaz de estabelecer relações de organização que assegurem um certo nível de consciência e elevem sistematicamente este nível». São estas relações de organização e de estrutura que o Partido leninista levou à prática no decurso dos anos da luta revolucionária pelo socialismo e pela edificação do comunismo.

QUANTOS SÃO OS CANDIDATOS A MEMBROS E OS MEMBROS DO PCUS?

No momento da sua fundação em Março de 1896, o Partido Comunista da União Soviética, ainda sob o nome de Partido Operário Social-Democrata da Rússia, POSDR, contava nas suas fileiras somente com algumas dezenas de militantes reunidos em torno de Lênine. Actualmente é de 15 milhões o número dos seus militantes. Todos os comunistas soviéticos se agrupam em mais de 350 000 organizações de base importantes sectores, em todos os centros que asseguram o funcionamento da sociedade e do Estado. Este facto garante a influência do Partido em todas as esferas da sociedade soviética e no seu desenvolvimento dirigido pelo Partido.

Hoje os comunistas constituem 9 % da população adulta do país: em cada 11 cidadãos com mais de dezoito anos, um é membro do Partido.

Em cinco anos, entre o XXII e o XXIV congressos, o número de militantes aumentou 1984000 e em dois anos, a partir do XXIV congresso, 336 mil.

De 1971 a 1974 foram admitidos no PCUS 2 018 750 candidatos a membros e 1 956 113 membros.

É significativo o facto da afluência dos trabalhadores ao Partido se intensificar nos períodos mais graves da história da URSS. Na dura época da guerra civil, ingressaram no Partido dezenas de milhares de pessoas. Em 1924, no período da promoção leninista, fizeram-se membros do Partido 240 mil operários. Nos anos da Grande Guerra Patriótica, contra o invasor nazi, nos anos mais difíceis de 1941 e 1942, tornaram-se candidatos a membros 1 368 160 soldados, oficiais, operários, kolkhosianos e intelectuais. No decurso da guerra mais de cinco milhões de pessoas engrossaram as fileiras do Partido.

QUEM SÃO OS CANDIDATOS A MEMBROS DO PCUS?

Uma das questões essenciais da política do Partido é a militância. Da composição do Partido, da consciência e organização dos seus membros dependem, em larga medida, o seu bom funcionamento, unidade e combatividade.

A questão da pureza nas fileiras do Partido foi expressa por Lênine com toda a clareza no II Congresso do POSDR. Ao examinar o projecto de Estatutos, Lênine salientou «Temos que nos esforçar por levar cada vez mais o nível de membro do Partido e a sua importância...». Fiel aos ensinamentos de Lênine, o PCUS exige muito dos que pretendem incorporar-se nas suas fileiras. No XXIV Congresso do PCUS, novas teses estatutárias foram aprovadas, dificultando a admissão ao Partido com o objectivo de melhorar qualitativamente a militância e a formação dos comunistas.

Entre os candidatos a membros contavam-se em 1971 - 1974 (por organizações territoriais do Partido, em percentagem do total):

- 57,4 % — operários
- 11,5 % — kolkhosianos
- 24,4 % — engenheiros, peritos, agrónomos, professores, médicos e outros especialistas
- 5,3 % — outros empregados
- 1,4 % — estudantes.

Entre as mulheres e os jovens cresce o número de militantes. Entre 1971 - 1974 foram admitidos como candidatos a membros do Partido 588 721 mulheres (29,2 % do total dos admitidos como candidatos) e 382 139 jovens do Komsomol (organização da juventude), ou seja 68,8 % do total dos admitidos como candidatos.

QUEM SÃO OS MEMBROS DO PCUS?

Na actualidade, 55,4 % dos militantes são operários e kolkhosianos. Desde o XXIII Congresso, mais de 1 362 000 operários entraram no PCUS e a sua proporção passou de 37,8 % para 40,7 %. A proporção de kolkhosianos reduziu-se um pouco, mas o número global, relativamente a 1966, aumentou em mais de 170 000 pessoas.

Cresce consideravelmente o número de intelectuais. Como resultado da política do Partido no sentido de incrementar o desenvolvimento da revolução científico-técnica e elevar o nível cultural e científico do povo, o número e importância dos comunistas empregados mais de dois terços são engenheiros, agrónomos, professores, médicos, homens de ciência, da literatura e das artes.

QUAL O GRAU DE INSTRUÇÃO DOS COMUNISTAS?

O poder soviético transformou radicalmente o nível cultural do povo soviético. A elevação do nível de instrução geral entre os soviéticos, reflecte-se naturalmente na composição do Partido, como se verifica pelo quadro seguinte:

Superior		
1966	— 1 934 587	% 15,7
1973	— 3 209 605	% 21,6
Superior incompleto		
1966	— 315 366	% 2,5
1973	— 328 493	% 2,2
Médio		
1966	— 3 816 180	% 30,9
1973	— 5 344 433	% 36,1
Médio incompleto		
1966	— 3 402 057	% 27,5
1973	— 3 406 208	% 23,1
Primário		
1966	— 2 889 138	% 23,4
1973	— 2 532 292	% 17,1

Verifica-se pois, que em 1971, 59,9 % dos comunistas tinham instrução superior ou média.

De ano para ano cresce o número de comunistas especializados em diferentes domínios: em 1927, representavam 2,2 % do total de militantes, 35,6 % em 1966 e 46,1 % em 1974.

São militantes do Partido grande número de homens de ciência, membros da Academia de Ciências da URSS, das Academias das repúblicas federadas, doutores e outros especialistas. Em 1950, 2144 doutores e 14 463 candidatos a este título eram membros do Partido; em 1973 estes números eram respectivamente de 16 592 e 132 708.

QUAL A ESTRUTURA NACIONAL DO PCUS?

O Partido Comunista da União Soviética é um Partido de internacionalistas-leninistas tanto pela sua ideologia e política como pela sua composição e estrutura.

«O Partido agrupa os melhores filhos de todas as repúblicas e povos do país. O Partido constitui a mais extraordinária encarnação da camaradagem combativa e da amizade dos trabalhadores da URSS e da unidade destrutiva de todo o povo soviético. No nosso país, todos os comunistas independentemente da sua nacionalidade, militam num mesmo partido, no Partido de Lênine. Têm os mesmos direitos e os mesmos deveres e respondem de igual modo pelo destino do país», disse Brezhnev nas comemorações do 50.º aniversário da URSS.

O PCUS agrupa, pois, nas suas fileiras representantes de mais de 100 nacionalidades e grupos étnicos que povoam o país soviético.

QUAL A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NO PCUS?

A mulher soviética participa activamente na vida política, económica e cultural do país. Na economia, ciência, cultura e no campo social a mulher desempenha um papel importante. Trabalha na indústria e na agricultura, nas organizações científicas e laboratórias, nas escolas e hospitais, em organismos estatais e no sector dos serviços à população. Aumenta



constantemente o número de mulheres no Partido, como se verifica nos seguintes dados (relativos a 1 de Janeiro do ano respectivo), em percentagem do total:

1920 7,4
1946 18,7
1973 23,0
1975 23,8

Em 1975 (1 de Janeiro) 3 645 991 mulheres militavam no PCUS.

QUAL A IDADE DOS COMUNISTAS?

O PCUS reúne representantes de várias gerações. Militam nas suas fileiras bolchevistas que participaram no período anterior à revolução, na Revolução de Outubro e na guerra civil ao lado de Lênine, combatendo heroicamente pela liberdade do povo e lançando os fundamentos do socialismo na URSS. Encontram-se também no PCUS aqueles que nos primeiros quinquénios forjaram o poder económico do estado soviético, os que durante a Grande Guerra Patriótica defenderam o país com armas nas mãos. A jovem geração de comunistas constitui uma percentagem considerável do Partido. Nos anos que se seguiram ao XXIV Congresso do PCUS, mais de 90 mil pessoas de idades até 25 anos tornaram-se membros ou candidatos a membros do Partido.

Vejam a distribuição por idades, em percentagem, segundo dados de 1 de Janeiro de 1973, relativamente aos 15 milhões de militantes do PCUS:

Até 25 anos 5,7 % do total
de 26 a 30 anos 7,4 % do total
de 31 a 40 anos 31,0 % do total
de 41 a 50 anos 29,2 % do total
de 51 a 60 anos 16,3 % do total
de 61 e mais anos 10,4 % do total

Quanto à antiguidade dos militantes, também segundo dados de 1 de Janeiro de 1973, e em percentagem relativamente ao total, temos que:

Até 5 anos 19,1
de 6 a 10 anos 22,5
de 11 a 20 anos 26,9
de 21 a 30 anos 22,1
de 31 a 40 anos 6,2
de 41 a 50 anos 2,9
mais de 50 anos 0,3

QUAL A DISTRIBUIÇÃO DOS COMUNISTAS NOS SECTORES DA ECONOMIA NACIONAL?

A principal tarefa da URSS, tal como expressa o Programa do PCUS e as resoluções do XXIII e XXIV Congressos, consiste na criação da base técnica e material do comunismo. Como é lógico, o Partido faz todo o possível para que o maior número de comunistas trabalhe na economia, em sectores decisivos da produção material.

Quase três quartos do total dos comunistas trabalham nos sectores da produção material. Encontram-se nas primeiras filas entre os que levaram à prática os planos de fomento económico do país, traçados pelo XXIV Congresso do PCUS, para cumprir e superar as tarefas traçadas pelo nono plano quinquenal, promover a ciência e a técnica e elevar por todos os meios a eficácia da produção social.

O aumento do número de comunistas empregados na indústria, construção, transportes e agricultura reflecte-se no quadro seguinte:

	1946	1973
Indústria	1 697 874	3 704 885
Construção	165 301	979 846
Transportes	532 190	906 561
Agricultura	1 318 241	2 383 363

Nos últimos anos, realizou-se um imenso trabalho para fortalecer as organizações do Partido nos principais sectores da indústria. Desde o XXIV Congresso, o número de comunistas nas indústrias de extração e de refinação de petróleo e na petroquímica aumentou 25 %; na indústria de gás, 60 %; na indústria química, 28 %; na de automóveis, 44 %; na electrónica, 58 %; na energética e de electrificação, 31 %; no fabrico de máquinas e meios de automatização, 38 %. Igualmente se verificou um grande aumento do número de comunistas empregados nas indústrias de produção de artigos de grande consumo. Por exemplo, nas indústrias de carnes, de leite e nas pescas o número de comunistas aumentou 24,8 %.

O QUE SÃO AS ORGANIZAÇÕES DE BASE E AS ORGANIZAÇÕES LOCAIS DO PCUS?

As organizações de base do Partido funcionam em quase todas as colectividades de trabalhadores da cidade e do campo, levando à prática a política do Partido, educando o homem soviético e consolidando os laços entre o Partido e as massas.

O total das organizações de base em Janeiro de 1975 era de 386 696. Como se verifica pelo quadro seguinte (referente a Janeiro dos respectivos anos) tem sido notável o crescimento das organizações de base do Partido:

	1922	1946	1952	1975
	32 281	244 707	343 976	386 696

QUAIS OS ÓRGÃOS DIRIGENTES DO PCUS?

O organismo dirigente superior da organização do Partido é a assembleia geral (para as organizações de base), a conferência (para as organizações distritais, de freguesia, de cidade e de região), o congresso (para os partidos comunistas das repúblicas federadas e para o Partido Comunista da URSS). Os delegados às conferências e aos congressos são eleitos pelas organizações de base do Partido. A assembleia geral, a conferência ou o congresso elegem, por escrutínio secreto, uma comissão ou um comité que são os órgãos executivos e dirigem todo o trabalho corrente da organização do Partido. O Comité Central do PCUS é eleito pelo Congresso.

Todas as organizações do Partido gozam de plena independência e autonomia na solução dos problemas locais, segundo a orientação geral e a política do Partido. Todos os assuntos do Partido são decididos numa ampla base democrática. O PCUS faz todo o possível para que todos os comunistas participem activamente nos trabalhos das organizações do Partido. Ampliam-se constantemente as fileiras de activistas. Os órgãos eleitos do Partido compõem-se de cerca de quatro milhões de pessoas. São eles o Comité Central, a Comissão Central de Controlo, os comités regionais, territoriais e os CC dos PC das repúblicas federadas, com as respectivas comissões de controlo; os comités, comissões, secretariatos e secretariatos adjuntos das organizações de base; comissões, comités, secretariatos e secretariatos adjuntos das organizações de Partido em secções e secretariatos de grupo.

Foram eleitos no XXIV Congresso os 241 membros efectivos e os 155 membros suplentes do Comité Central e os 81 membros da Comissão Central de Controlo.

Elis alguns dados relativos à composição dos organismos eleitos em congressos e conferências do Partido (membros efectivos e suplentes dos CC dos PC das repúblicas federadas, dos comités territoriais, regionais, de comarca, urbanos e distritais): 98,2 % são operários e kolkhosianos; 16,2 % são funcionários do Partido; 7,2 % são homens de ciência, trabalhadores do ensino, da cultura e da saúde. Entre os eleitos, 23,2 % são mulheres.

QUAL A INSTRUÇÃO DOS MEMBROS DOS ÓRGÃOS DIRIGENTES DO PCUS?

Para os órgãos dirigentes do Partido são eleitos militantes bem preparados politicamente e organizadores activos. Uma das preocupações consiste em elevar o nível de instrução dos secretários dos comités distritais, urbanos, de comarca, regionais e territoriais, e dos CC dos partidos comunistas das repúblicas federadas: 60 % dos secretários dos comités de Partido são engenheiros, peritos, agrónomos, economistas. Um em dois terminou a escola superior do Partido. Em 1 de Janeiro de 1973, o nível de instrução dos secretários dos diferentes comités era a seguinte:

	Superior	Superior incompl.	Média	Média incompl.	Primária
Secretários dos comités regionais e urbanos	97,7 %	1,9 %	0,4 %	—	—
Secretários dos comités regionais, territoriais, e dos CC das repúblicas federadas	99,2 %	0,1 %	0,7 %	—	—
Secretários das organizações de base	42,1 %	4,7 %	44,4 %	8,2 %	0,6 %

O QUE FAZ O PCUS PARA ELEVAR A FORMAÇÃO DOS SEUS FUNCIONÁRIOS?

O Partido presta particular atenção ao desenvolvimento das qualidades políticas e da actividade de todos os seus funcionários. Criou-se um completo sistema de formação e aperfeiçoamento dos quadros do Partido. Funciona uma Academia das Ciências Sociais anexa ao CC do PCUS, uma Escola Superior do Partido e uma Escola Superior, de frequência externa, anexa ao CC do PCUS, 14 escolas superiores em repúblicas e inter-regionais com cursos de 2 e 4 anos, 19 escolas de especialização de quadros. Existe uma ampla rede de cursos permanentes. Entre o XXIII e o XXIV Congresso do Partido Comunista da União Soviética, finalizaram cursos de aperfeiçoamento cerca de 200 mil quadros do Partido e dos Sovietes e nos anos que se seguiram ao XXIV Congresso, 120 mil. Cumprindo as indicações do XXIV Congresso o CC do PCUS adoptou a disposição especial «sobre as medidas para melhorar o sistema dos cursos de aperfeiçoamento dos quadros dirigentes do Partido e dos Sovietes».

Formas de estudo muito difundidas são as universidades nocturnas de marxismo-leninismo, as escolas urbanas e distritais de activistas do Partido, seminários teóricos e conferências científico-práticas.

O QUE É UM CONGRESSO DO PCUS?

O Congresso é o organismo supremo de todo o Partido. Os congressos são convocados pelo menos de cinco em cinco anos.

O primeiro congresso do Partido foi marcado pela sua fundação sob o nome de Partido Operário Social-Democrata da Rússia (POSDR) e realizou-se em Março de 1898 em Minsk (Bielo-Rússia). O último congresso do PCUS, o XXIV, realizou-se em 1971. O XXV Congresso foi convocado para o passado dia 24 de Fevereiro, por decisão do Plenário do Comité Central do PCUS, a 13 de Abril de 1975.

O congresso do Partido é extremamente importante não somente para o próprio Partido mas também para todo o país dos Sovietes. Nos congressos estabelece-se a orientação do Partido e do Estado Soviético nas questões de política interna e externa, analisam-se e tomam-se decisões sobre os problemas essenciais da edificação do comunismo. O povo soviético considera as decisões do Congresso do Partido como as suas próprias decisões e não poupa esforços para as levar à prática. Por exemplo, nos últimos cinco anos as decisões do XXIV Congresso do PCUS tomaram-se o programa de acção de todo o povo soviético. Esta acção desenvolveu-se com grande sucesso e os trabalhadores soviéticos souberam preparar-se para acolher dignamente o XXV Congresso do Partido.

QUAL O PRINCÍPIO ORIENTADOR DA ACÇÃO DO PCUS?

Ao longo de toda a sua história, o princípio orientador do Partido Comunista foi sempre e continua a ser o centralismo democrático, posto em prática por Lênine desde o início do nosso século.

Para dirigir correctamente as massas, o Partido deve estar organizado segundo os princípios do centralismo, com Estatutos e um Programa únicos, com uma mesma disciplina para todos os seus membros, com o respeito pela maioria, com a hierarquia da estrutura organizativa, com a aplicação na prática, em todas as organizações, da linha geral e das decisões do Comité Central e do Congresso. Sem estas condições o Partido não pode cumprir a sua tarefa, que consiste em ser o dirigente da classe operária, do povo.

O centralismo permite que o Partido centralize a actividade de todos os seus membros e organizações numa grande força comum e a oriente para a realização dos objectivos gerais.

Mas o centralismo só por si é insuficiente. Por isso é completado por uma ampla vivência democrática no interior do Partido, exprimindo-se através da eleição de todos os organismos dirigentes do Partido, da base ao topo; de relações periódicas dos organismos dirigentes perante as respectivas organizações; do exame livre e concreto de todos os problemas da política do Partido nesta ou naquela organização assim como no conjunto do Partido; da crítica de princípio a todas as insuficiências no trabalho que se verificarem nas organizações ou nos comunistas no desempenho do seu cargo; da informação ampla aos membros do Partido de todas as questões de que o Partido se ocupa e de todos os problemas em vias de resolução.

O centralismo democrático, que engloba um centralismo rigoroso e uma ampla democracia, confere ao Partido uma grande força. Mas o centralismo democrático é um princípio que tem que ser aplicado de acordo com as condições objectivas nas quais o Partido luta.

Por exemplo, nas condições da autocracia czarista, que submetia o Partido a perseguições e ataques, o trabalho era clandestino e as exigências de uma rígida centralização ocupavam o primeiro plano. Pelo contrário, quando o Partido saiu da clandestinidade e entrou numa fase de luta aberta, tomando-se um Partido legal, reforçaram-se os princípios da democracia.

A experiência destes últimos anos testemunha eloquentemente que quando o princípio do centralismo democrático é violado na estrutura dos partidos comunistas e operários se iniciam processos perigosos que conduzem ao enfraquecimento da organização.

O caminho percorrido pelo PCUS confirma plenamente a grande vitalidade da teoria leninista acerca do Partido como forma superior de organização revolucionária da classe operária, a firmeza ideológica e organizativa das suas bases, elaboradas por Lênine.

Testemunho convincente da força extraordinária do Partido entre as massas são os resultados do cumprimento das decisões do XXIV Congresso do PCUS. «Pode-se afirmar com segurança — dizia o Secretário-Geral do CC do PCUS, Leonid Brejnev, em Junho de 1975, a propósito do Congresso em curso, — que o próximo Congresso fixará novas e importantes etapas no caminho para atingir os grandes objectivos pelos quais o nosso Partido luta e a cuja realização conseguimos todas as nossas forças».

CC de partidos comunistas das repúblicas federadas 14
Comités territoriais 6
Comités regionais 148
Comités de comarca 10
Comités urbanos 791
Comités de distrito urbano 540
Comités de distrito rural 2 853

Nos últimos anos, nas organizações distritais e urbanas verificou-se um notável desenvolvimento. A 1 de Janeiro de 1946 existiam 400 comunistas em média por cada comité de distrito rural; a 1 de Janeiro de 1973 este número era já de 1850.

CONTRA OS DESPEDIMENTOS

Depois de ter utilizado os lucros avultados da firma no seu proveito próprio o dono de uma fábrica de toldos quer lançar no desemprego 48 operários. E o Ministério do Trabalho, por enquanto, não tomou nenhuma posição

A Sociedade Industrial de Toldos e Encerados é uma fábrica com 48 trabalhadores onde se trava uma luta contra a sabotagem do patronato.

Os trabalhadores reclamam da administração da empresa o pagamento do subsídio de Natal, de férias do ano passado do subsídio outras e de outras remunerações em dívida que neste momento ronda perto dos 700 contos. Exigiram por seu turno do Ministério do Trabalho uma

indivíduo à empresa a fim de se demonstrar a viabilidade económica da empresa. Aliás os trabalhadores neste momento debatem-se com um problema mais grave pois o patrão pretende simplesmente fechar a

fábrica pondo assim no desemprego mais de 40 famílias. As suas preocupações e as suas queixas já as colocaram de há uns meses para cá a vários órgãos do poder sem que até agora tivessem obtido resposta. Pensam mesmo que se alguma resposta vier poderá ser tarde.

Entretanto, a administração é acusada de desvios de capitais da firma para investimentos pessoais (a firma até chegou a pagar os tachos que o patrão utiliza na sua cozinha, conforme facturas que existem e todos os dias um dos telefonos da firma fica ligado para casa do patrão que não poupa nas chamadas — resultado, quem paga as chamadas telefónicas é a fábrica à custa do trabalho de 48 pessoas que lá labutam) e os mais diferentes arranjos foram feitos à custa da empresa, que servia para tudo.

Vale a pena referir que a empresa estava localizada num prédio na Rua Vale de Santo António, que pertencia ao patrão e onde a renda era de 600\$00. Como o patrão tivesse vendido o prédio para demolição passaram a ocupar outras instalações, que pertencem igualmente ao patrão e que foram construídas utilizando o trabalho dos empregados da fábrica, onde a renda subiu para a «médica» — quantia de 25 contos mensais, mas o contrato de arrendamento não foi passado, possivelmente para se furtar aos impostos que teria de pagar.

Mas o patrão, Sebastião Dias Gomes, é um homem para quem o 25 de Abril e o fim da exploração dos trabalhadores não tem o mínimo significado, pois até há pouco tempo mantinha uma empregada a ganhar 1800\$00 mensais quando todos sabemos que o ordenado mínimo nacional é de 4000\$00. Sobre este assunto da empregada foi enviada uma exposição ao Ministério do Trabalho, que em princípio é para defender os interesses dos trabalhadores, onde se dava conta da situação de injustiça. Até agora não se verificou nenhuma resposta e já lá vão alguns meses.

Mas em relação ao Ministério do Trabalho queixam-se os trabalhadores que aquele organismo nunca se interessou muito pelos seus problemas e constatarem que o patrão é lá sobejamente conhecido.

Razão para perguntar se agora não é o ministério do patronato? Denunciam os trabalhadores da empresa que o dr. Baptista de ter informado o patrão do que se estava a passar pois aquele mostrava-se conhecedor de todo o processo.

Entretanto o patrão suspendeu sem fundamento um elemento da comissão de trabalhadores. Em contrapartida o Ministério do Trabalho impôs o regresso de um elemento da administração que os trabalhadores tinham saneado por toda a sua actividade contra os interesses trabalhistas e que agora faz da repressão a nota dominante.

Assim a comissão de trabalhadores, face aos graves problemas que existem na empresa, dirigiu-se ao Conselho da Revolução reclamando a pressão das autoridades sobre a administração para readmitir o trabalhador suspenso e entabular conversações com os representantes dos trabalhadores.

Entretanto, verificando-se por parte da entidade patronal uma sabotagem dos bens da firma com a intenção clara de declarar a falência técnica, provocando o desemprego, os trabalhadores decidiram fazer pipquetes de vigilância junto às instalações da empresa.

Os trabalhadores sabem que com uma administração eficiente e uma prospeção de mercado as viabilidades económicas da firma estão garantidas. Por isso não podem aceitar a decisão patronal em lançar para o desemprego dezenas de trabalhadores. Mas este é apenas um dos milhares de casos onde é flagrante a ofensiva da reacção contra os interesses dos trabalhadores.

CONDECORAÇÃO POLACA PARA MÉDICA PORTUGUESA



O embaixador da Polónia condecora a médica portuguesa. A dr.ª Adelaide Constantino Viegas, durante a última guerra mundial, prestou uma relevante assistência aos refugiados polacos em Lisboa, não só no âmbito do seu trabalho profissional, como no plano humano. Estes factos levaram a República Popular da Polónia a conferir àquela médica portuguesa uma condecoração polaca, a «Cruz de Ouro da Ordem de Mérito», em cerimónia efectuada na Embaixada daquele país, em Lisboa, com a presença do embaixador polaco, camarada Chabasinsky, a dr.ª Adelaide Viegas foi também galardoada com a «Medalha de Ouro» da Cruz Vermelha Polaca, a mais alta distinção daquele organismo.



Quando da visita há mezes efectuada à RDA, o camarada Álvaro Cunhal foi fraternalmente saudado pelos trabalhadores alemães

RDA: PROTESTOS CONTRA AS INGERÊNCIAS DO IMPERIALISMO ALEMÃO EM PORTUGAL

Em amplas reuniões e comícios, os trabalhadores da RDA manifestam a sua solidariedade para todos os que em Portugal lutam contra a reacção interna e externa

Na República Democrática Alemã segue-se com profundo interesse a actividade das forças progressistas portuguesas que se esforçam por assegurar e preservar as conquistas democráticas. A opinião pública internacional está consciente de que a luta contra a reacção interna que procura conduzir o nosso país cada vez mais para a direita está estreitamente ligada à defesa contra as tentativas de ingerência das forças imperialistas estrangeiras.

Por isso mesmo, na RDA, a opinião pública acolheu com surpresa e indignação as evidentes tentativas de chantagem do ministro dos Negócios Estrangeiros da RFA, aquando da sua visita a Portugal. Enquanto que a RFA e outros Estados membros da NATO recusavam abertamente a ajuda económica a Portugal numa altura em que o processo revolucionário e democrático estava em pleno progresso, os 640 milhões de marcos prometidos por Genscher servem hoje, com toda a evidência, para reforçar o contexto capitalista e impor uma política pró-imperialista. A este aspecto, há a acrescentar a tentativa descarada de Genscher de impor ao Governo Português uma política favorável à NATO e à RFA no que se refere à República Popular de Angola e ao MPLA.

As tomadas de posição que a seguir transcrevemos testem-nham a condenação dessa ingerência imperialista da RFA por todas as camadas da população da República Democrática Alemã.

Moção aprovada por 1200 operários do complexo de RUHLA (relajoaria), durante um comício de solidariedade com Portugal:

«Face às tentativas das forças imperialistas mais reacçãoárias que procuram reconquistar os seus privilégios em Portugal, afirmamos aos nossos irmãos de classe e a todos os homens progressistas desse país a nossa profunda solidariedade. Estamos convosco na luta pela defesa das conquistas da revolução portuguesa. Enchem-nos de indignação as tentativas de chantagem do grande capital, desejando que aniquilais as conquistas alcançadas.»

«Protestamos contra a recente ingerência do ministro dos Negócios Estrangeiros da República Federal Alemã nos assuntos internos portugueses. A sua tentativa de impedir o reconhecimento por Portugal da República Popular de Angola e do seu governo legal dirigido pelo dr. Agostinho Neto, vai mais longe do que a simples contradição com os princípios do direito internacional e do espírito de Helsínquia. As forças dirigentes da RFA, que nunca se preocuparam em criticar o fascismo português e o regime colonialista em Angola, colocam-se assim no mesmo plano que os sul-africanos que intervieram em Angola.»

«Conhecemos e condenamos o papel particular desempenhado em Portugal pelo imperialismo da RFA (desde o apoio ao anticomunismo até às pressões económicas exercidas pelos monopólios, passando pela chantagem política da NATO). Falamos de democracia, mas por esta palavra entendem a ditadura do capital monopolista.»

Tomada de posição dos membros da direcção da circunscrição da cidade de Karl Marx, do Partido Liberal-Democrata da Alemanha:

«Indignamo-nos ao verificar que políticos como o sr. Genscher, ministro dos Negócios Estrangeiros da RFA, que se reclamam de tradições políticas liberais e democratas, desenvolvem na prática uma vasta ofensiva contra a verdadeira democracia em Portugal, contra a democracia do povo. Os democratas sinceros não podem associar-se às tentativas de chantagem que têm por fim afastar Portugal da via da democracia. Um verdadeiro democrata não poderá, como o faz o sr. Genscher, exercer pressões sobre o Governo português, para que este não reconheça o governo legal do dr. Agostinho Neto em Angola.»

Tomada de posição de sindicalistas da empresa do Estado «Friedrich Engels» (fabricação de fibras sintéticas), em Premnitz:

«Portestamos energicamente contra as tentativas de ingerência do ministro dos Estrangeiros da RFA nos assuntos internos portugueses. Pensamos que quando um responsável político de um país que sempre manteve excelentes relações com o regime de Salazar e Caetano e apoiou activamente a guerra colonial contra os povos de Moçambique e Angola, pretende ditar a Lisboa normas de conduta política, está a escarnecer das forças democráticas deste país.»

«A imprensa burguesa da RFA a propósito da visita do sr. Genscher a Lisboa, falou de «uma ponte lançada para a democracia» em Portugal. Estas pontes lançadas para a democracia lembram-nos tristes recordações. Foi com esta expressão que o imperialismo da RFA qualificou o seu golpe contra-revolucionário tentando opor-se ao desenvolvimento democrático na RDA, em Junho de 1953, assim como as outras tentativas visando atacar e boicotar a RDA.»

Esta «ponte lançada para a democracia» é hoje em Portugal sinónimo de chantagem política e económica, dirigida contra a democracia do povo. Neste contexto, nós estamos resolutamente ao lado dos verdadeiros democratas que apelam para a vigilância e se opõem firmemente aos crimes da reacção interna e externa.»

«Portestamos energicamente contra as tentativas de ingerência do ministro dos Estrangeiros da RFA nos assuntos internos portugueses. Pensamos que quando um responsável político de um país que sempre manteve excelentes relações com o regime de Salazar e Caetano e apoiou activamente a guerra colonial contra os povos de Moçambique e Angola, pretende ditar a Lisboa normas de conduta política, está a escarnecer das forças democráticas deste país.»

«A imprensa burguesa da RFA a propósito da visita do sr. Genscher a Lisboa, falou de «uma ponte lançada para a democracia» em Portugal. Estas pontes lançadas para a democracia lembram-nos tristes recordações. Foi com esta expressão que o imperialismo da RFA qualificou o seu golpe contra-revolucionário tentando opor-se ao desenvolvimento democrático na RDA, em Junho de 1953, assim como as outras tentativas visando atacar e boicotar a RDA.»

Esta «ponte lançada para a democracia» é hoje em Portugal sinónimo de chantagem política e económica, dirigida contra a democracia do povo. Neste contexto, nós estamos resolutamente ao lado dos verdadeiros democratas que apelam para a vigilância e se opõem firmemente aos crimes da reacção interna e externa.»

Esta «ponte lançada para a democracia» é hoje em Portugal sinónimo de chantagem política e económica, dirigida contra a democracia do povo. Neste contexto, nós estamos resolutamente ao lado dos verdadeiros democratas que apelam para a vigilância e se opõem firmemente aos crimes da reacção interna e externa.»

Esta «ponte lançada para a democracia» é hoje em Portugal sinónimo de chantagem política e económica, dirigida contra a democracia do povo. Neste contexto, nós estamos resolutamente ao lado dos verdadeiros democratas que apelam para a vigilância e se opõem firmemente aos crimes da reacção interna e externa.»

MADEIRENSES CONTRA A COLONIA

Caseiros-colonos da Madeira divulgam propostas no sentido de completar e melhorar o Projecto de Decreto-Lei sobre a extinção da colónia

O regime de colónia, uma das formas mais extremas de exploração, herdada do feudalismo, que atinge pequenos agricultores na Madeira, está finalmente em vésperas de ser abolido por decisão do Ministério da Agricultura.

No entanto, ainda que considerem conter aspectos positivos, os caseiros — colonos da Madeira, levantam algumas críticas ao projecto de decreto-lei.

Um movimento de caseiros-colonos tem vindo a engrossar com o objectivo de discutir o documento e de apresentar ao Ministério da Agricultura propostas de emendas que consideram fundamentais. Numa recente reunião em Machico, no Sítio do Paraíso, foram tomadas públicas algumas posições:

«1. Considerando que numerosos caseiros foram vítimas de injustiças e arbitrariedades ao longo destes anos, as quais até ao presente não foram reparadas, exigem que o decreto-lei, que abolirá a colónia, estipule a revisão de todos os casos de injustiça praticados de há 15 anos até à data da saída do referido decreto, desde que o caseiro, no prazo de um ano, a partir da mesma data, o requeira;»

«2. Considerando a não existência no Arquipélago da Madeira, de Associações de classe dos caseiros, ligas ou outros organismos que os possam representar devidamente, em grande parte devido à falta de autoridade revolucionária que sempre se fez sentir, não dando confiança e garantias às populações contra as prepotências da reacção;»

«3. Considerando a não existência no arquipélago do Instituto de Reorganização Agrária, como o referido projecto do Ministério da Agricultura refere no Art.º 2.º, n.º 3, os caseiros presentes denunciam estas deficiências e sublinham a sua preocupação pela impossibilidade prática de o decreto vir a ser aplicado caso venha a ser aprovado mantendo a sua actual redacção.»

Na mesma reunião foi ainda decidido nomear uma Comissão de divulgação dos pontos acordados junto dos caseiros e recolher assinaturas de adesão dos mesmos pontos. Sabemos que foram recolhidas cerca de

trezentas assinaturas de caseiros-rendeiros, as quais foram entregues ao Ministério da Agricultura.

A extinção do regime de colónia constitui um primeiro passo para a reorganização do sector agrícola na Madeira, onde outros problemas prementes se colocam: o problema das águas, garantia de preços de escoamento dos produtos aos pequenos e médios agricultores, estímulo ao cooperativismo, nomeadamente às cooperativas de comercialização, problemas de crédito, reconversão de algumas culturas, aplicação da Lei de Arrendamento Rural no arquipélago e outras medidas tendentes ao desenvolvimento da

agricultura e à resolução dos problemas dos pequenos e médios agricultores.

Os camaradas da DORIA do nosso Partido, Martins Coelho e José Freitas, tiveram uma entrevista com o Primeiro-Ministro, quando este se deslocou à Madeira, debatendo com o almirante Pinheiro de Azevedo questões relativas ao regime de colónia, e aproveitando a oportunidade para expor a situação política do arquipélago, caracterizada por um avanço das forças de direita que abertamente utilizam a intimidação e o terrorismo, impedindo na prática o exercício das liberdades democráticas.

Baseando-se nos seus ensinamentos do marxismo-leninismo e na experiência da URSS e dos outros países socialistas, o autor analisa a questão respeitante ao sistema de pluralidade dos partidos e ao partido único nas condições do socialismo, os métodos de direcção da sociedade pelo partido, as formas de democracia representativa e directa. O autor dedica uma atenção especial ao princípio da liberdade individual e aos aspectos concretos da sua realização na sociedade socialista.

Pedidos a:
CDL — Central Distribuidora Livreira, R. Pedro Nunes, 9-A, Lisboa-1

«Portestamos energicamente contra as tentativas de ingerência do ministro dos Estrangeiros da RFA nos assuntos internos portugueses. Pensamos que quando um responsável político de um país que sempre manteve excelentes relações com o regime de Salazar e Caetano e apoiou activamente a guerra colonial contra os povos de Moçambique e Angola, pretende ditar a Lisboa normas de conduta política, está a escarnecer das forças democráticas deste país.»

«A imprensa burguesa da RFA a propósito da visita do sr. Genscher a Lisboa, falou de «uma ponte lançada para a democracia» em Portugal. Estas pontes lançadas para a democracia lembram-nos tristes recordações. Foi com esta expressão que o imperialismo da RFA qualificou o seu golpe contra-revolucionário tentando opor-se ao desenvolvimento democrático na RDA, em Junho de 1953, assim como as outras tentativas visando atacar e boicotar a RDA.»

Esta «ponte lançada para a democracia» é hoje em Portugal sinónimo de chantagem política e económica, dirigida contra a democracia do povo. Neste contexto, nós estamos resolutamente ao lado dos verdadeiros democratas que apelam para a vigilância e se opõem firmemente aos crimes da reacção interna e externa.»

Esta «ponte lançada para a democracia» é hoje em Portugal sinónimo de chantagem política e económica, dirigida contra a democracia do povo. Neste contexto, nós estamos resolutamente ao lado dos verdadeiros democratas que apelam para a vigilância e se opõem firmemente aos crimes da reacção interna e externa.»

Esta «ponte lançada para a democracia» é hoje em Portugal sinónimo de chantagem política e económica, dirigida contra a democracia do povo. Neste contexto, nós estamos resolutamente ao lado dos verdadeiros democratas que apelam para a vigilância e se opõem firmemente aos crimes da reacção interna e externa.»

Esta «ponte lançada para a democracia» é hoje em Portugal sinónimo de chantagem política e económica, dirigida contra a democracia do povo. Neste contexto, nós estamos resolutamente ao lado dos verdadeiros democratas que apelam para a vigilância e se opõem firmemente aos crimes da reacção interna e externa.»

METALÚRGICOS EM LUTA

Os trabalhadores metalúrgicos paralisam, hoje, lutando pelo CCT, vertical e contra a recuperação capitalista e reacçãoária

Os trabalhadores da metalúrgia e metalomecânica efectuam, hoje, uma greve nacional das 15 às 17 horas, conforme proposta da reunião da comissão sindical de negociações, formada pela Federação dos Sindicatos Metalúrgicos, Federação Nacional dos Sindicatos do Comércio, Sindicato dos Electricistas do Sul, Sindicato da Construção Civil do Distrito de Lisboa, Sindicato Nacional dos Técnicos de Desenho e Sindicato dos Engenheiros Técnicos do Sul, e apresentada a semana passada, em Conferência de imprensa.

Esta decisão teve em conta a disposição da luta manifestada em dezenas de reuniões realizadas de norte a sul do país. Factor determinante, foi a recusa do ministro Tomás Rosa e do Secretário Marcelo Curto em conceder um entrevista aos dirigentes sindicais do sector, que foram recebidos por um dispositivo policial que os impediu de entrar no Ministério do Trabalho (os trabalhadores já lhe chamam das Cooperações) enquanto abrem as suas portas, de par em par, aos patrões.

Além disso, os problemas avolumam-se e agravam-se, estando a maior parte do CCT por negociar; negando-se muitos patrões a cumprir a portaria de 8 de Setembro; continuando a subir, em flecha, o custo de vida; estando congelada a contratação colectiva; retirando-se credenciais às Comissões de Trabalhadores das empresas em autogestão; não se publicando o decreto do controlo operário; afastando-se os trabalhadores da gestão da Previdência; aumentando constantemente o desemprego e sucedendo-se atentados de bombistas contra os trabalhadores e suas organizações.

A proposta do CCT para a metalúrgia e metalomecânica foi enviada em Maio de 1975 aos representantes do patronato, que nem sequer apresentaram uma contraproposta. A 7 de Outubro, o ministro Tomás Rosa, assinou um documento em que se comprometia a levar as associações patronais à mesa das negociações. Ora, o ministro do Trabalho faltou ao seu compromisso!

Por tudo isto, os trabalhadores do sector metalúrgico, continuando a sua luta, encetam, hoje, esta movimentação nacional. Durante a paralisação de trabalho, efectuam-se plenários em cada empresa, onde se aprovaram moções a enviar aos órgãos de poder e se discutirão formas de luta a adoptar, caso não haja resposta desses mesmos órgãos do poder às reivindicações dos trabalhadores.

Na Conferência de imprensa, realizada a semana passada, salienta-se a aprovação de uma moção de censura aos órgãos de informação não presentes (Rádio, TV, maioria dos jornais estatizados) e de repúdio pela política de informação do Ministério da Comunicação Social.

A luta dos metalúrgicos não está isolada, é parte integrante da resposta que com ânimo e coragem o movimento operário e popular está a dar às tentativas de recuperação capitalista e reacçãoária, e é mostra evidente do empenhamento e firmeza dos trabalhadores em defender as conquistas populares.

A VOZ DO «GRANDE EDUCADOR» É CADA VEZ MAIS TÊNUE...

Na Utic, os trabalhadores unidos não quiseram perder tempo a ouvir as forroncas de Arnaldo Matos

A classe operária mostrou, uma vez mais, que não está disposta a suportar as provocações dos seus inimigos de classe. Tal como já aconteceu na Sorefama, antontem, na Utic, o chefe-de-fila do MRPP não pode realizar a sessão de provocação que o seu bando de estracoeiros tinha previsto para aquela empresa.

O «explicador» e «preceptor» do MRPP foi forçado a abandonar as instalações da Utic por clara decisão dos trabalhadores desta empresa que, gritando «Morte à CIA», exigiram o abandono das instalações do Arnaldo Matos e mais do grupo de gorilas que o costumam acompanhar nestas andanças.

O provocador Arnaldo Matos entrara à sucapa para as instalações da Utic, quase uma hora antes do início da sessão de provocação, a que os seus apauçados pomposamente chamam «sessão de esclarecimento».

No fim de contas, a sessão de esclarecimento realizou-se, mas foi dirigida ao bom do Matos: os trabalhadores da Utic, bem como os da Sorefama, não têm que dialogar com a tropa de choque da reacção e do fascismo. Era bom que o senhor Arnaldo aprendesse a lição, mas pelos vistos, é melhor explicador que aluno. E como é cácula, sujeita-se a ter que ouvir várias vezes lições deste tipo...

Um comunicado da base local do MDP/CDE, do núcleo do PS e da célula do nosso Partido foi divulgado horas antes e afirmava a disposição dos «trabalhadores que querem o socialismo» não desejarem dialogar «com gente desta, com os amantes de castelos e grandes educadores».

O comunicado conjunto dos militantes dos três partidos na Utic finalizava alertando para o perigo da direita e apelava para a unidade de todos os trabalhadores e de toda a esquerda.

Mais uma vez, o «educador» não deu aulas! Mais uma vez a unidade dos trabalhadores fez gorar as manobras provocatórias dos lacaios da reacção!

«O MRPP» osau chefe-de-fila podiam aprender a lição. Façam ao menos como o Vilar do castelo de Guimarães que se limita a divulgar as suas forroncas contra-revolucionárias através de comunicados e conferências, porque esse ao menos sabe que, se for junto dos trabalhadores, ver-se-á em dificuldades para explicar como é que um martelo e uma espiga se podem transformar num castelo à custa do PPD...



DOS PIONEIROS DE MOSCOVO PARA AS CRIANÇAS PORTUGUESAS

A carta que transcrevemos chegou-nos de Moscovo. Ela não precisa de comentários. Temos a certeza que o abraço fraterno, a mensagem e as sugestões nela contidas chegarão ao seu destino.

«Queridos amigos portugueses da nossa idade: Nós somos alunos das escolas de Moscovo, membros do Clube da Amizade Internacional, com o nome de IURY GAGARIN, do Palácio dos pioneiros da nossa cidade. Estamos muito contentes pela oportunidade que temos de vos transmitir as nossas mais calorosas saudações e os melhores votos. Desejamos muito tornar-nos muito vossos amigos e temos a certeza que os nossos desejos realizar-se-ão sem falta. Nós todos seguimos com grande atenção os acontecimentos de Portugal. De todo o coração, desejamos a vocês e a todas as crianças do vosso país felicidades. Estamos contentes por haver muita rapaziada na associação «Portugal-URSS» e por muitos desejarem aprender o russo. Com muito prazer nós vos ajudaremos. Escrevam-nos, pedindo o que vos interessa, o que gostaríamos de saber. Ultimamente, no nosso Palácio dos Pioneiros estiveram muitos convidados portugueses. Foram encontros muito alegres. Chegará também o tempo em que receberemos visitas dos nossos amigos portugueses da nossa idade. Mas até lá vamos contar-vos um pouco sobre o nosso Palácio.

É um grande clube das crianças (400 divisões!) São salas, laboratórios, salas de espectáculos) à beira do rio Moscovo, nas montanhas Lenine. Temos das mais diversas actividades para os jovens técnicos, desportistas, filólogos, para os amantes de arte, literatura ou música. Cada rapaz e rapariga tem a possibilidade, depois do estudo nas escolas de vir aqui fazer qualquer actividade. E cá no Palácio temos aproximadamente 800. Nestas actividades participam 15000 crianças moscovitas. Ainda temos actividades interessantes pelo assunto como por exemplo astronáutica, filatelia, automobilismo.

Nós somos membros do Clube de Amizade Internacional que tem o nome do 1.º cosmonauta do mundo, Iury Gagarin. A palavra de ordem do nosso clube é: «Solidariedade, paz e amizade antiimperialista». No clube temos encontros com crianças estrangeiras da nossa idade, temos correspondência com crianças de muitos países, aprendemos línguas. Mas o principal para nós é sermos verdadeiros amigos dos que lutam contra o fascismo e o imperialismo, para a felicidade de todas as crianças no mundo e participar activamente na luta comum pela paz em todo o mundo.

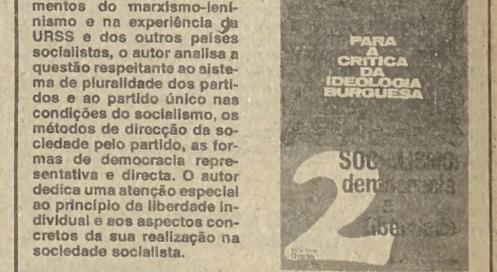
Queridos amigos! Esperamos cartas vossas. Um caloroso abraço. Desejamo-vos muitas alegrias e êxitos no estudo. Os vossos amigos moscovitas são membros do Clube de Amizade Internacional com o nome de Iury Gagarin do Palácio dos Pioneiros e dos Escolares.

O nosso endereço é: — CCCP MOSCOVO 117433 PALÁCIO DOS PIONEIROS — CLUBE DA AMIZADE INTERNACIONAL

Próximos lançamentos

SOCIALISMO: DEMOCRACIA E LIBERDADE
G. Chakhnazarov
Preço: 50\$00
Código: 61.02

«O desenvolvimento da democracia socialista é um dos princípios fundamentais da edificação do comunismo. As questões relativas a este problema são objecto de uma luta encarniçada entre os adeptos do marxismo-leninismo e os seus adversários.»



Pedidos a:
CDL — Central Distribuidora Livreira, R. Pedro Nunes, 9-A, Lisboa-1

A REACÇÃO ATACA OS TRABALHADORES DA EMPRESA DE CONCENTRADOS ALVALADE

Um exemplo da tentativa de recuperação capitalista e reaccionária, a que o jornal «A Luta» deu cobertura em termos caluniosos e deturpadores

«A Luta», jornal que vem ultimamente servindo de suporte ideológico à ofensiva de recuperação do capitalismo, publicou recentemente um artigo com o título «Oportunistas ditam leis na fábrica de Concentrados Alvalade». Sobre o teor de tal documento, digno de figurar nas páginas de uma antologia sobre a estratégia e a tática da reacção nas campanhas de alienação da opinião pública, pronunciaram-se os trabalhadores da Fábrica de Concentrados de Alvalade ECA. Num plenário sem votos contra e sem abstenções, não tendo votado 10% dos trabalhadores, decidiram manifestar o seu apoio à Comissão Administrativa da empresa e aos membros do Governo atingidos pelo citado artigo e repudiaram «energicamente a falsidade e a má-fé do referido artigo, obra-prima que deveria ser assinada pelos fascistas do ELP e do MDLP, ou pelos reaccionários do CDS ou PPD, como etapa primeira num processo de recuperação capitalista».

RAZÕES QUE DETERMINARAM A OCUPAÇÃO DA EMPRESA

A tremenda exploração a que foram sujeitos os trabalhadores da ECA, e, muito particularmente, os do sector do campo nos tempos em que os latifundiários e capitalistas se apoiavam e serviam de apoio ao regime fascista, constituía razão suficiente para determinar a ocupação da empresa. Tal movimento, a verificar-se, corresponderia à legítima pretensão dos trabalhadores em se libertarem dos seus exploradores e algozes. Porém, a

este respeito, o delegado do Governo afirma-nos: «Eram contratadas logo no início das plantações dos viveiros em meados de Janeiro e mantinham-se num regime de trabalho eventual até Outubro-Novembro, altura em que terminava a campanha do tomate. Este regime permitia aos donos da empresa dispensá-las por dois ou três meses até nova campanha, poupando, assim, os subsídios de férias e de Natal, aplicação de contratos colectivos de trabalho, satisfação das reivindicações, encargos sociais, etc.»

Daqui resultou um facto que viria a ser bastante explorado pelos patrões: a divisão profunda entre os trabalhadores do campo e os trabalhadores fabris.

Pouco tempo antes da intervenção estatal, ao abrigo do Decreto 660/70, a 9 de Junho de 1975, cerca de 30 a 40 operários ocuparam a fábrica, baseando-se nos boatos reaccionários. As instalações seriam recuperadas pelas Forças Armadas e instaurado um inquérito, que não chegou a realizar-se a pedido da Comissão Administrativa, colocada pelo Governo a 13 de Junho.

atrasada desde Fevereiro de 75, abertura de um posto médico, com consultas e medicamentos grátis para todos os trabalhadores fabris, do campo e seareiros, serviço este que abrange as respectivas famílias.

Entretanto, no fim da campanha de 1975, depois de se ter apurado que haviam entrado na fábrica cerca de 53 mil contos de tomate, verificou-se que faltavam apenas pagar aos produtores cerca de 10 mil contos, sendo até Novembro liquidados ainda 5500 contos (de notar que anteriormente, só recebiam a partir de Fevereiro do ano seguinte).

Até Dezembro de 75, a ECA tinha vendido apenas 20% da sua produção total, 6500 toneladas. O artigo em que «A Luta» desvirtua a luta dos trabalhadores da ECA insere-se num aspecto específico da campanha reaccionária, ou seja, no ataque à Reforma Agrária, uma das principais conquistas do processo revolucionário. Isto porque quando da criação das unidades colectivas de produção, a ECA, seguindo uma efectiva política de apoio e

defesa dos pequenos agricultores e seareiros, emprestou as máquinas necessárias, de modo a ajudar as cooperativas em formação e obtendo, em contrapartida, serviços e produtos. É neste quadro que é criada a União de Cooperativas Seara Vermelha, que, juntamente com a Empresa de Concentrados de Alvalade-ECA, estruturaram os canais que vão da produção à comercialização, superando assim os boicotes sofridos.

Quando a reacção ataca a ECA (utilizando a intimidação física, as ameaças, a criação de conflitos artificiais, a mentira despuradora), o que pretende atingir é toda a estrutura organizada a nível organizativo das cooperativas de produção, objectivo que se inclui na ofensiva de recuperação do capitalismo.

Mas os trabalhadores da ECA, cuja actuação tem merecido o incondicional apoio de amplas massas trabalhadoras, saberão manter-se firmes e unidos, descobrindo em cada momento a tática a adoptar face às manobras reaccionárias.

MOVIMENTO DOS RENDEIROS ESTENDE-SE ÀS BEIRAS

O Movimento dos Agricultores Rendeiros do Norte amplia-se para as Beiras, região onde é também urgente a unidade e organização dos rendeiros para defesa dos seus legítimos e ignorados interesses.

«Somos um grupo de rendeiros das Beiras que associados a técnicos que nos ajudam, queremos levar ao conhecimento de todos aqueles que trabalham a terra, que não é sua, mas arrendada, que existe no Norte um Movimento de Rendeiros, MARN, que tem constituído numerosas comissões, cujos fins são:

— fazer sentir junto do Governo e das autoridades competentes as aspirações dos rendeiros.

Deste modo se dirige aos rendeiros da região a Comissão Promotora do Movimento de Agricultores Rendeiros do Norte nas Beiras, zona onde urge a sua organização, quer pela amplitude dos trabalhadores do campo nestas condições, quer porque na zona se vêm verificando casos de atropelo constante à lei por parte de senhorios que querem continuar a manter os rendeiros na situação de servos da terra.

A Comissão Promotora chama os rendeiros das Beiras à criação de um grande movimento de classe. Com esse objectivo, explicita: «Como vamos fazer? — Vamos criar comissões de

rendeiros em todas as freguesias;

— Vamos fazer reuniões e encontros de rendeiros para discutir os nossos problemas».

Entretanto, encontra-se já em funcionamento uma sede da Comissão, em Coimbra, na Av. Fernão Magalhães, 87, que se encontra aberta todos os dias 7 e 23 de cada mês e às quartas e sábados das 10 às 13 horas. Ali se encontram técnicos que informarão os agricultores rendeiros, sendo os serviços gratuitos.

A Comissão Promotora do Movimento de Agricultores Rendeiros do Norte nas Beiras, termina os seus comunicados aos agricultores rendeiros, com um apelo: «Temos de defender os nossos Direitos» «Temos de fazer aplicar a Lei do Arrendamento!»

AS DETURPAÇÕES DE CERTA IMPRENSA SÃO UMA TRAIÇÃO A TODOS OS TRABALHADORES

«A Luta» insiste no ataque à Reforma Agrária. Mas usa argumentos balofos e as suas mentiras nem sequer chegam a parecer verosímeis...

Inserindo-se na campanha de deturpação do processo de Reforma Agrária, sendo mesmo um dos mais persistentes animadores dessa campanha da reacção, o jornal «A Luta» ataca e desvirtua conscientemente os factos. Assim que aos assanhados redactores de «A Luta» uma determinada realidade surge como de salvaguarda dos interesses dos trabalhadores, ei-los que põem as antenas da reacção a funcionar e emitem calúnias e mentiras tão a torto e direito que sacrificam,

mesmo para os menos esclarecidos, a verosimilhança à sua cega fúria.

Assim, no mesmo dia em que publicaram o vergonhoso caudal de mentiras sobre a Cooperativa ECA, na mesma página e destacada em caixa, saiu uma nota sobre a «herdade» dos Conqueiros sob o título significativo «Ocuparam e agora arrendam...»

Refere-se a notícia à Cooperativa dos Conqueiros, ocupada segundo o espírito da lei da Reforma Agrária, pois

compreende 900 hectares de regadio e 300 de vinha. Como nessa propriedade se encontravam rendeiros, a Cooperativa decidiu que 150 hectares de regadio continuassem à disposição de quem os quisesse arrendar. Trata-se de uma decisão cuja justiça se mete pelos olhos dentro: na realidade, o seu objectivo é não somente permitir que aqueles que exploravam parcelas de solo na propriedade e que não aderiram à Cooperativa o continuem a fazer em melhores

condições, mas até ampliar esse número. Quem não quiser entrar na Cooperativa não perde, portanto, o direito ao trabalho e à exploração da terra tal como sempre foi afirmado e praticado pelos trabalhadores agrícolas envolvidos no processo revolucionário da Reforma Agrária. Inclusive, o dinheiro das rendas assim obtido será aplicado na assistência a trabalhadores impossibilitados por invalidez ou velhice.

Pois é contra o facto de se distribuir terra aos seareiros que a não têm e cuja socialização política se encontra num estágio em que não encaram ainda a entrada, que só pode ser voluntária, nas unidades colectivas, que o «magnânimo» jornal «A Luta» se insurgiu. Na raiz deste protesto está, aparentemente, o saudosismo por situações generalizadas no tempo do regime fascista em que os agrários nem cultivavam a terra nem a arrendavam e, quando o faziam, era imposta rendas de intensa exploração.

Mas há mais: na mesma nota, um exemplar mísmo de mistura de reaccionarismo, mentiras e sentimentalismo balfo, é lamentado o caso de um agricultor, Horácio Vaz, que «ficou sem os dois hectares que tinha» e que andava agora a trabalhar como tractorista «para ter com que se alimentar».

Note-se que este «oprimido» agricultor (ex-tractorista do proprietário expropriado que lhe pagava bem menos do que recebe agora em virtude da grande luta dos trabalhadores pelo cumprimento do contrato colectivo que, graças ao seu esforço, obtiveram) não se viu a semear trigo no restolho de tomate, atraído para a luta dos trabalhadores interessados no restabelecimento da economia nacional (repare-se que temos tido produções largamente excedentárias de tomate, que há dificuldade em exportarmos, enquanto a produção de trigo, só este ano, em virtude da aplicação da Reforma Agrária, cobre as necessidades de consumo interno, sendo de prever, no entanto, ainda importações para semente). Por outro lado, o tal Horácio, lacaio do ex-proprietário, posteriormente à formação da cooperativa veio a exigir desta o que jamais havia pedido ao proprietário, e quando foi contactado pelos seus camaradas de trabalho e pelo seareiro para a formação da cooperativa, teve como única resposta atirar-lhes para cima com o jeop que conduzia na altura, fugindo depois a alta velocidade. Realmente, a «A Luta» só pode defender «trabalhadores» deste cariz...

1) — Não condescender com oportunistas que falseiam, e põem em causa, os verdadeiros e pequenos e médios agricultores.

2) — Os longos debates havidos com os trabalhadores das unidades colectivas.

3) — A necessidade do fortalecimento de uma profunda aliança entre os trabalhadores agrícolas e os pequenos e médios agricultores, condição indispensável para garantir o avanço da Reforma Agrária.

4) — A necessidade destes aderirem definitivamente à Reforma Agrária não por meios coercivos mas sim pela clara compreensão do processo, decidiram:

1) — Que o arrendamento não exera uma área de cinco hectares por seareiro (área superior à média avaliada no ano transacto), nem exceda a renda de dois mil e quinhentos escudos por hectare.

2) — Que o seareiro continue a ter o direito adquirido no último ano, através da sua luta contra os latifundiários, de poder fazer seara de trigo sobre o restolho do tomate.

3) — Que a cooperativa reserve-se o direito de utilizar os restos e as palhas, para pastagens, podendo contudo os seareiros levarem as palhas que necessitarem para algum gado que eventualmente possuam.

4) — Que o dinheiro das rendas, reverta na sua totalidade em favor dos trabalhadores da região, que por doença ou velhice se encontrem impossibilitados de ganhar o seu sustento, e, em situação de mendicância, reconhecendo-se contudo que esta função social cabe ao Estado.

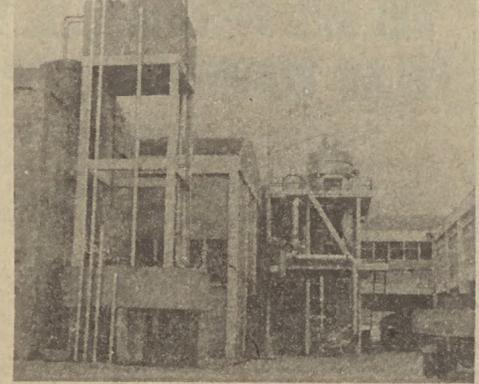
5) — Viva a aliança dos trabalhadores agrícolas com os pequenos e médios agricultores.

6) — Avante com a reforma agrária, rumo ao socialismo».

O comunicado que aqui transcrevemos foi distribuído, em Dezembro, ao Ministro da Agricultura e Pescas, à Secretaria de Estado de Reestruturação Agrária, à Comissão de Gestão do Regadio de Campilhas e Alto Sado, ao Centro Regional da Reforma Agrária do Distrito de Setúbal e aos órgãos de «informação escrita e falada».

As omissões e deturpações de «A Luta» não constituem, pois um reflexo de incompetência ou desinformação mas antes são, concretamente, um exemplo de competência reaccionária.

Como diz a União Cooperativa Seara Vermelha/Com União Venceremos, que integra qualquer das unidades colectivas mencionadas em «A Luta», este jornal, com artigos deste género, «não atraição os trabalhadores deste ou daquele partido; atraição todos os trabalhadores! Atração o processo democrático em curso!»



Eca: unidade contra as calúnias

razão determinante da ocupação da fábrica não foi esta. Conta-nos o delegado do Governo: «Uma das razões da ocupação da fábrica não foi esta. Conta-nos o delegado do Governo: «Uma das razões da ocupação da fábrica e que levou à agudização da situação, foi o facto dos trabalhos dos viveiros, que se deveriam iniciar em princípios de Janeiro, ainda não terem sido feitos até meados de Fevereiro, o que punha em risco todo o trabalho de campanha de 75. É bom que se diga que um dos argumentos utilizados pelo patronato, para responder a essa situação, foi o de que a empresa tinha possibilidades económicas para se aguentar um ano fechada».

Este o rastilho que levaria a esmagadora maioria dos trabalhadores, com destaque para a acção dos trabalhadores do campo, a participarem no afastamento da administração. Acrescenta-se que em consequência dos atrasos nos trabalhos dos viveiros, os prejuízos viriam a traduzir-se em cerca de mil e duzentos contos e a compra de plantas que se teve de efectuar representou mais duzentos e cinquenta contos.

Manter-se-ia fiel à administração o sector de escritórios em Lisboa, onde os senhores Passanha, Glória Pacheco e Bejas da Costa ou os seus representantes, continuaram em funções. Alguns quadros técnicos, a soldo da administração, lançaram-se então nas habituais campanhas de divisionismo do confusãoismo de modo a quebrar a unidade nas fileiras dos trabalhadores em Alvalade do Sado. Segundo estes arautos da divisão e saudosistas do capitalismo, «a fábrica seria obrigada a encerrar se a administração não voltasse; o Estado não interferiria na empresa, pois só intervinha nas empresas

MENTIRAS E CALÚNIAS

Não deixa de ser significativo, o facto de «A Luta» se admirar com a passagem à efectividade de todo o pessoal decidida na altura. Segundo os trabalhadores, as razões que levam «A Luta» a incomodar-se tanto com o facto são as mesmas que incomodavam os Passanhas e quejandos, «se nos lembramos que este termo que dizer que as 113 mulheres que periodicamente eram despedidas e admitidas, passaram assim a ter todos os direitos como trabalhadores da empresa, que na realidade sempre foram».

Como resultado do esforço heróico dos trabalhadores, de Junho a Novembro, foram produzidas 6500 toneladas de concentrado.

Apesar das calúnias de «A Luta» acerca da água suja (o que correspondeu à realidade durante um curto prazo de tempo devido a uma acção de «sabotagem» do exame da firma H.P. Sauce (especializada e das mais importantes do ramo em Inglaterra) bem como as análises do laboratório de Fitofarmacologia da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas e da Junta Nacional de Frutas, aprovaram a qualidade do produto, e autorizaram a sua exportação.

Quando às tentativas de «A Luta» em pôr em causa a capacidade gestora da Comissão Administrativa, basta referir um breve resumo do trabalho desenvolvido desde Junho de 1975: total desmontagem das máquinas em Junho de 1975, que é executado com enorme atraso, dado o boicote feito pelos patrões a este trabalho imprescindível, tentativas de sanar os diferendos que opunham trabalhadores a trabalhadores, passagem à efectividade de todos os que trabalhavam por conta da empresa no campo, o que dá origem a mais 130 postos de trabalho, integração da ECA no grupo nacional de comercialização, grupo este com intervenção do Estado, normalização da contabilidade

TRABALHO E MATERIAL ESCOLAR DE LISBOA PARA O ALENTEJO

Correspondendo ao apelo da célula do nosso Partido na Administração-Geral do Porto de Lisboa, trabalhadores deste organismo foram em jornada de solidariedade à Unidade Colectiva de Produção «É difícil, mas é nossa». E vão voltar mais vezes

Apanha da azeitona é, este ano, feita com o esforço comum dos trabalhadores das Unidades Colectivas de produção, esforço estimulado pelas múltiplas jornadas de solidariedade que trabalhadores de outros sectores de actividade têm desenvolvido.

Correspondendo ao apelo da Célula do nosso Partido na Administração-Geral do Porto de Lisboa, muitos trabalhadores e seus familiares participaram recentemente numa destas jornadas, levando à prática a unidade dos trabalhadores da cidade e dos campos na luta contra a reacção e pela democracia. A Unidade Colectiva de Produção visitada foi a «É difícil mas é

nossa», em Sobral da Adiça, no distrito de Beja.

Os trabalhadores da AGPL não levaram apenas aos companheiros alentejanos o seu trabalho, as palavras de confiança e estímulo. Levaram também jogos, brinquedos, material didáctico e outros presentes, para crianças, que entregaram ao Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas do Distrito de Beja. Os trabalhadores da Unidade Colectiva de Produção «É difícil mas é nossa», considerando que «eram muitas» as ofertas que lhes eram destinadas, decidiram distribuir por outras unidades colectivas alguns dos brinquedos e material.

As provas de solidariedade sucedem-se, porque um espírito de fraternidade cada vez mais profundo caracteriza os trabalhadores, aproximando-os cada vez mais do homem novo que só o combate revolucionário pode forjar.

Os trabalhadores da AGPL viram as dificuldades dos seus companheiros da unidade colectiva. Sabem que ficou ainda muita azeitona para apanhar. Por isso, sob iniciativa da célula do nosso Partido na AGPL, promover-se-á nova jornada de trabalho na mesma Unidade de Produção nos próximos dias 6 e 7 de Março.

Próximos lançamentos

edições Avante!

MICO SOCIALISTAS COMUNISTAS

Ernest Henri, conhecido especialista de política internacional, demonstra nesta obra, com grande profundidade de exemplos, que a social-democracia de direita nunca criou nada de grande. Mas, sempre que os socialistas renunciaram ao anticomunismo e marcharam lado a lado com os comunistas e as outras forças de esquerda na luta pelos direitos dos trabalhadores, pela paz, contra a reacção e o fascismo, foram alcançadas grandes vitórias.

A unidade de acção de socialistas e comunistas é vantajosa para todos os seus participantes — e os factos históricos que o autor nos lembra mostram-no convincentemente. Ao mesmo tempo, ela não implica de modo nenhum que uns ou outros tenham de renunciar às suas convicções. É natural que subsistam diferenças de opinião sobre numerosas questões. Todavia, o acordo em que é preciso lutar contra a reacção, pela paz, a democracia e o progresso social justifica, só por si, a unidade de acção. A história de muitos países prova que comunistas e socialistas podem cooperar na luta pelos interesses vitais dos trabalhadores e mais do que isso, na construção da sociedade socialista.

Autor: Ernest Henri
Título: Socialistas e Comunistas: é possível a cooperação?
Coleção: Problemas Políticos do Movimento Comunista e Operário Internacional
Código: 62.02
Preço: 40\$00

Pedidos a:
CDL — Central Distribuidora Livreira, Rua Pedro Nunes, 9-A, Lisboa-1.

UNIDADES COLECTIVAS TOMAM POSIÇÃO

Em plenário efectuado no dia 15 de Fevereiro de 1976, por 13 unidades colectivas de produção do concelho de Santiago de Cacém, face aos acontecimentos verificados ultimamente, relacionados com a ECA e a Reforma Agrária neste concelho, decidiram por unanimidade manifestar o seu repúdio pela reportagem do jornal «A Luta» de 10 de Fevereiro de 1976, que consideram um manancial de calúnias, bem como dar o seu incondicional apoio à administração da ECA, à sua comissão de trabalhadores e ao técnico Rogério Brito, do Centro Regional da Reforma Agrária de Alcácer do Sal.

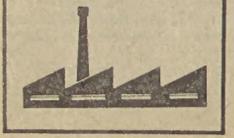
Mais decidiram dar conhecimento desta moção ao sr. Presidente da República, ao Conselho da Revolução, aos srs. ministros do Trabalho e Agricultura e Pescas, ao secretário de Estado da Estruturação Agrária, e ao sr. director do Centro Regional da Reforma Agrária, em Alcácer do Sal.

Conscientes da justiça da sua luta, em plenário decidiu-se ainda, e uma vez mais, convidar os membros do Governo a deslocarem-se a Alvalade-Sado, a fim de se poder realizar uma reunião conjunta com os trabalhadores agrícolas e pequenos e médios agricultores, para completo esclarecimento da situação, que se tem traduzido num constante ataque à Reforma Agrária com realce para todo o tipo de pressões que se tem verificado junto do Governo, por parte de elementos de contestada idoneidade.

Subscrevem esta moção as seguintes unidades colectivas de produção:

Estrela Vermelha, Conqueiros, Passos de Lenine, Fidel de Castro, Che Guevara, Revolução em Marcha, Vai ou Racha, Estrela da Liberdade, Flor do Alentejo, Humberto Delgado, Unidos Venceremos, União Faz a Força, Boa Esperança e Unidade.

DIVULGA O Avante! NO TEU LOCAL DE TRABALHO



O FASCISMO NO BRASIL E A POSIÇÃO DO PCB

O Comité Central do Partido Comunista Brasileiro, em documento que reproduzimos na íntegra, analisa a política da ditadura de Geisel, aponta as tarefas dos comunistas e apela para a unidade de acção contra um regime que se transformou no principal ponto de apoio do imperialismo na América Latina

As profundas modificações, que vêm ocorrendo, nos últimos anos, na situação internacional criam condições cada vez mais favoráveis para a luta do nosso povo contra o fascismo e pela democracia. Os êxitos da política da distensão internacional tornam mais difícil a propagação do anticomunismo e a preparação do Brasil para desempenhar o papel de retaguarda segura do imperialismo, contribuindo para o avanço das forças democráticas no País e criando condições mais propícias para que se desenvolva a solidariedade internacional à luta do povo brasileiro contra o fascismo.

Entretanto, o imperialismo é um inimigo poderoso, que emprega todos os meios para recuperar as posições perdidas e contra-atacar. O Brasil — pela sua importância no continente latino-americano — foi transformado no principal ponto de apoio do imperialismo nessa região do mundo, na principal base de expansão do fascismo e de agressão aos povos que lutam contra o imperialismo, pela democracia e pelo socialismo.

O fascismo no Brasil é um avanço para a política de distensão internacional se estendia à América Latina e está transformando o nosso país num possível foco de guerra no continente. Assim, foi criada a IMBEL (Indústria de Material Bélico) e assinado o acordo nuclear com a RFA, que abre ao regime fascista brasileiro, a possibilidade de fabricar a bomba atômica.

O fascismo existente no Brasil é uma ditadura militar terrorista ao serviço dos monopólios internacionais e nacionais, e particularmente dos sectores mais reaccionários do capital financeiro norte-americano. É um sistema de domínio apoiado numa repressão violenta e ao serviço dos interesses anticomunistas.

É na luta contra o fascismo, pela democracia e a defesa da soberania nacional que se está aglutinando todas as forças de oposição no Brasil, num amplo processo de formação e consolidação da frente antifascista e patriótica, que vem avançando nos últimos anos.

A SITUAÇÃO ACTUAL DO PAÍS

No momento em que o chamado «milagre económico brasileiro» foi reconhecidamente enterrado, revelando-se a incapacidade da ditadura fascista para resolver os problemas básicos da economia nacional, em que o País ingressa num período de crise económica e de dificuldades crescentes, a ditadura recorre a «soluções» que significam sacrifícios ainda maiores para a população e os trabalhadores e novas concessões criminosas ao imperialismo.

Assim, o governo de Geisel cometeu mais um crime contra a soberania nacional, ao autorizar a assinatura pela Petrobrás dos contratos de risco. Essa medida foi imposta pelos imperialistas como condição para conceder novos créditos ao regime fascista, o verdadeiro responsável pelas dificuldades económicas que o País atravessa, e que não serão solucionadas com a queda do monopólio estatal do petróleo — conquista gloriosa do nosso povo, inscrita na Constituição. Essa medida revela em toda a sua nudez o verdadeiro carácter imperialista da ditadura fascista que empolgou o poder no Brasil, que não vacila em esbanjar os recursos naturais do País.

Entretanto, cresce o repúdio nacional pela política de vende-pátria do governo Geisel. Até mesmo sectores da burguesia, que antes apoiavam o regime se colocam em oposição à sua política, o que ficou particularmente evidente quando das eleições de 15 de Novembro de 1974. A vitória da oposição nas eleições foi o acontecimento mais importante no Brasil desde 1964. As massas compreenderam a importância de utilizar o voto como arma de protesto. A classe operária, os trabalhadores e todas as forças de oposição votaram no MDB como forma de expressar o seu descontentamento com o governo e o seu protesto contra a sua política.

O êxito da oposição representou também uma vitória da orientação política dos comunistas e confirmou a justiça da linha política do PCB durante a campanha eleitoral, encontraram eco junto às amplas massas do povo as palavras de ordem do nosso Partido, assim como as reivindicações mais sentidas do movimento operário e democrático, demonstrando que as eleições podem desempenhar um valioso papel na aglutinação da frente antifascista e na luta pela derrota da ditadura. Com a vitória de Novembro de 1974 as forças democráticas e patrióticas deram importante passo no processo de formação da frente antifascista e patriótica.

O avanço do movimento antifascista e patriótico é evidenciado também pelo surgimento de programas cada vez mais convergentes dos diferentes sectores que tendem a unir-se na frente antifascista e patriótica e, principalmente, pelo carácter cada vez mais unitário das acções conjuntas desse movimento que vem crescendo e reforçando-se.

Actualmente, o traço principal da situação política nacional está no surgimento e desenvolvimento de um amplo movimento de opinião pública contra a ditadura e no fortalecimento da oposição ao regime fascista, quando já existe no País um movimento democrático de massas que cada vez luta com maior vigor contra o fascismo e pela democracia.

Entretanto, a debilidade principal desse movimento consiste em que a classe operária ainda não está suficientemente organizada, se bem que venha aumentando as suas acções, e revela um nível ainda insatisfatório de mobilização na luta contra a ditadura. Por outro lado, o sector mais consequente e combativo do movimento operário — o PCB — foi duramente golpeado por parte da reacção, golpe este que atingiu também o movimento sindical e outros sectores democráticos.

A frente antifascista e patriótica tem avançado no processo de sua formação, mas ainda não foi alcançada a correspondência entre a insatisfação crescente das massas e as formas concretas de sua manifestação.

Diante do avanço do movimento democrático, o regime fascista tem recorrido, cada vez mais, não só à repressão brutal contra o PCB e outras forças antifascistas, como também a todo o tipo de manobras políticas. Assim, ao mesmo tempo que desenvolve esforços para unificar as forças do fascismo, particularmente as Forças Armadas, tentava realizar a manobra da «distensão», visando não só «vender» ao exterior a imagem de um suposto «Brasil



regime» (identificados como comunistas). Ao tentar dividir desta forma a oposição, a ditadura pretende isolar os comunistas, debilitar e retardar a formação da frente antifascista.

Num momento de crise política, qualquer que seja o seu desenvolvimento, é particularmente importante a participação activa das massas no cenário político, lutando com firmeza e flexibilidade pela sua plataforma unitária, principalmente pelas liberdades democráticas. Os comunistas entendem que para derrotar a ditadura fascista será necessário acção enérgica e conjugada das massas, em que a classe operária desempenha um papel de destaque.

Diante da perspectiva de um provável agudização da luta política e de classes cabe aos comunistas estarem preparados para, em função das condições concretas de cada momento e tendo como centro a luta pela liberdade democráticas unir e mobilizar não só as forças fundamentais da frente antifascista e classe operária, os camponeses e as camadas médias e urbanas — mas também estabelecer um amplo sistema de

Actuando junto de todos os sectores do movimento democrático, contribuindo para a sua mobilização e organização na luta contra a ditadura, os comunistas entendem que a sua tarefa principal é organizar a acção da classe operária, desenvolvendo todos os esforços para transformá-la na força aglutinadora e condutora da frente antifascista e patriótica. Com esse objectivo é necessário trabalhar não só dentro dos sindicatos e junto às direcções sindicais, mas principalmente nas empresas industriais, onde estão concentradas as grandes massas das classes operárias. As plataformas unitárias aprovadas nos congressos sindicais são um importante instrumento de luta, visando esses objectivos.

Entre as diversas palavras-de-ordem que mobilizam a classe operária contra a ditadura, continua, mais do que nunca, na ordem-do-dia a luta contra a política salarial do Governo. A mobilização contra o congelamento salarial é a principal forma concreta da classe operária se integrar na luta contra a ditadura e pela democracia.

Derrotar o congelamento é uma tarefa política da maior importância, que só poderá ser cumprida com a participação decisiva das grandes massas operárias, apoiadas pelos demais sectores do movimento democrático. Nesse sentido, uma palavra-de-ordem como a de descarregar sobre as empresas monopolistas o onus principal dos aumentos salariais pode contribuir para a unidade da classe operária com os sectores não monopolistas.

Ao mesmo tempo, é possível unir a classe operária e o movimento sindical em torno de outras bandeiras. Levando em consideração e desenvolvendo a experiência já existente de greves por empresas deve-se estimular o movimento operário e sindical a organizar a desobediência colectiva contra os patrões e o Governo, passando por cima da legalidade consentida pela ditadura e defendendo as suas reivindicações e as das demais forças democráticas. As palavras-de-ordem levantadas devem visar não somente a unidade da classe operária, como também o fortalecimento dos seus laços com os demais sectores da frente antifascista e patriótica.

Factor de grande importância para a formação da frente é a luta das mulheres pela igualdade de direitos, contra a carestia e pela democracia. Igualmente indispensável é a contribuição da juventude na defesa do direito ao trabalho, ao divertimento, ao estudo, à democratização do ensino e da Universidade e pelas liberdades democráticas.

Na luta contra a ditadura fascista, os comunistas consideram necessário aglutinar todas as forças que, em maior ou menor grau, estão em contradição com o regime, incluindo não só o MDB, a Igreja e a burguesia não-monopolista, mas também sectores das Forças Armadas da ARENA e até mesmo de alguns representantes dos monopólios descontentes com o carácter fascista assumido pelo regime.

c) CONTRIBUIR PARA A ELEORAÇÃO DE UMA PLATAFORMA COMUM DE TODAS AS FORÇAS ANTIFASCISTAS E PATRIÓTICAS. Em contraposição à política de tração nacional do regime fascista que oprime o nosso povo, os comunistas propõem para o Brasil um futuro em que seja assegurado o bem-estar do povo, um desenvolvimento democrático, o florescimento da cultura nacional e uma independência que garanta o progresso efectivo do País. Como primeiro passo para atingir esse objectivo, os comunistas propõem os seguintes pontos para a plataforma comum de todas as forças antifascistas e patrióticas:

1) — Luta pelo respeito dos direitos humanos e pelas liberdades democráticas. Revogação do AI-5, do decreto-lei 477, de toda a legislação de excepção. Liquidação de todos os instrumentos e instituições que constringem o Estado fascista a criado após o golpe de 1964. Por uma Constituição democrática. Pela anistia geral dos presos e condenados políticos. Pela punição, de acordo com as normas jurídicas, de todos os responsáveis pelos crimes cometidos no período da ditadura. Luta contra a corrupção em todos os escalões do Governo fascista.

2) — Defesa das reivindicações imediatas da classe operária, dos camponeses, dos trabalhadores em geral. Luta pela igualdade dos direitos da mulher. Contra a carestia de vida e por uma política habitacional progressista.

3) — Defesa dos interesses específicos das camadas médias e de sectores da burguesia não-monopolista, tais como redução de impostos, incentivos do Estado à pequena e média indústria e aos pequenos e médios produtores agrícolas, etc.

4) — Defesa dos interesses nacionais. Contra a acção espoliadora dos monopólios imperialistas. Defesa da Petrobrás, contra os contratos de risco.

5) — Desvinculação das Forças Armadas da sua função de carrasco do nosso povo e ameaça à paz e à liberdade dos povos irmãos. Por uma política em que as Forças Armadas ocupem o seu justo lugar não só de defensores da soberania nacional, mas também no processo de desenvolvimento económico, social, científico, tecnológico e cultural, independente e democrático, do País.

6) — Defesa de uma política externa independente, de paz, de relações com todos os povos e de

AS TAREFAS DO PARTIDO NO MOMENTO ACTUAL

Frente à situação actual do País, as tarefas do Partido são:

a) FAZER FRENTE ÀS MANOBRAS DO GOVERNO GEISEL, ISOLAR E DERROTAR A DITADURA. Para isso é necessário localizar onde é que o regime recuou, os seus pontos fracos, e saber aproveitá-los através da acção de massas no sentido de aprofundar as suas contradições, isolá-lo e levá-lo a novas derrotas, conquistando posições para a oposição. O combate ao regime fascista, às suas manobras, só poderá ter êxito se for feito não apenas através de denúncias mas, principalmente, pela acção política das massas. Nesse sentido devem ser aproveitadas todas as possibilidades políticas legais.

Com essa orientação, o movimento de massas pode e deve cobrar o cumprimento das promessas demagógicas do Governo Geisel, mostrando que a primeira condição para uma real distensão é a revogação do AI-5, cuja vigência no País significa a consagração do arbítrio total do ditador e o desrespeito à própria Constituição. Uma real distensão só será viável com a revogação também do Decreto-Lei 477, de toda a legislação fascista, com o fim da censura, das torturas, sequestros e assassinatos, com a decretação de uma amnistia geral para todos os presos e perseguidos políticos.

Para fazer frente às manobras da ditadura é necessário combater tanto a tendência para apolar Geisel, como um suposto combente contra a «linha dura», como a posição de que o inimigo principal seria a «distensão». A primeira posição confunde amplos sectores da oposição quanto à essência real das manobras do Governo, e entorpece a sua resistência ao fascismo.

A segunda conduz o movimento democrático ao isolamento e à passividade na luta contra a ditadura.

b) ACELERAR O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE UMA PLATAFORMA COMUM DE TODAS AS FORÇAS ANTIFASCISTAS E PATRIÓTICAS. Para isso, no momento actual, — quando crescem as tendências para a convergência dos diversos sectores da oposição — é necessário que participem cada vez com maior vigor na luta contra o fascismo, pela democracia e a defesa da soberania nacional, é necessário desenvolver a unidade e a acção conjunta das mais amplas forças antifascistas.

não-ingerência nos assuntos internos de outros povos. Apoio à política de distensão internacional e condenação da corrida aos armamentos, solidariedade activa à luta de todos os povos contra o imperialismo e a guerra, pela democracia e a paz.

Os comunistas consideram que a não aceitação de alguns desses pontos por determinadas forças oposicionistas não devem servir de impedimento para a sua aglutinação na frente antifascista e patriótica, e a sede que participem efectivamente na luta pelas liberdades democráticas. Os comunistas estão prontos a examinar qualquer outra proposta de plataforma, que seja apresentada por essas forças.

d) DEFENDER O CALENDÁRIO ELEITORAL E ORGANIZAR A PARTICIPAÇÃO DAS MASSAS NAS ELEIÇÕES DE 1976 E 1978. Levando em consideração que as eleições podem transformar-se num acontecimento importante no processo da luta contra a ditadura fascista, é necessário desde hoje exigir que o calendário eleitoral seja cumprido, que seja garantida a posse dos eleitos e fidedigno, portanto, o voto do eleitorado, contra toda e qualquer medida do Governo que vise modificar as regras do jogo com o objectivo de impedir a vitória do MDB.

Ao mesmo tempo, os comunistas, desde já, a partir de cada empresa, fazenda, escola, organização de bairro, local de trabalho, a partir de cada município, respeitando as peculiaridades locais, devem contribuir para a elaboração de programas comuns unitários e o lançamento de candidatos unitários às eleições de 1976, acentuando sempre o carácter político, antiditatorial e antifascista, que deverá ter a campanha eleitoral chamando os eleitores a utilizar o voto como arma de protesto, votando nos candidatos do MDB, a fim de derrotar a ARENA e o Governo.

A elaboração de programas unitários e o estabelecimento de alianças políticas devem ter em vista principalmente o MDB, mas é necessário desenvolver esforços para que, como já ocorreu em alguns casos, nas eleições de 1974, forças vinculadas à ARENA apoiem o programa comum, venham a aderir ao MDB ou a descarregar a sua votação (mediante compromissos e acordos) nos candidatos oposicionistas, na perspectiva de participar os futuros governos estaduais de oposição. Trata-se de unir todas as forças descontentes com o carácter fascista assumido pelo regime, através de um amplo sistema de alianças, em torno de um programa democrático ou mesmo de alguns pontos desse programa.

O nosso empenho deve ser no sentido de, nesse processo, consolidar a unidade pela base, fortalecer as organizações de massas nos locais de trabalho e unificar todas as correntes e tendências oposicionistas, assim como promover aqueles candidatos a vereador ou a prefeito que sejam mais unitários e que mais se disponham a levar a campanha eleitoral para junto das massas, para os seus locais de trabalho e de residência.

e) COMBATER O CARACTÉR EXPANSIONISTA DA DITADURA FASCISTA, DESMASCARAR A SUA POLÍTICA AGRESSORA E INCENTIVAR A SOLIDARIEDADE À LUTA DOS POVOS IRMÃOS DA AMÉRICA LATINA, DA ÁFRICA E DE TODO O MUNDO. É necessário encontrar, na difícil situação criada pela repressão, os meios e formas de estimular e tornar evidente a solidariedade das grandes massas do nosso País à luta de todos os povos pela democracia, pela independência nacional, pelo socialismo e pela paz mundial. Solidariedade com o povo cubano, que constrói o socialismo, não obstante as ameaças do imperialismo. Solidariedade com a luta dos patriotas chilenos contra a Junta militar fascista. Solidariedade com os esforços realizados pelos povos peruanos e panamenos para consolidar e aprofundar as suas conquistas de carácter anti-imperialista e progressista. Solidariedade com a classe operária e os comunistas argentinos, que a frente das lutas regulares do seu país, se vêem, neste momento, ameaçados pelo cerco de cinco ditaduras reaccionárias. Solidariedade com os povos da América Latina, que vivem sob o terror dos regimes fascistas como os da Bolívia, Uruguai e Paraguai, mais directamente ameaçados pelo expansionismo brasileiro, e os da Guatemala e Nicarágua, exigindo a libertação dos presos políticos existentes e o fim da repressão policial. Solidariedade ao povo de Porto Rico em sua luta pela independência nacional. Solidariedade, enfim com os demais povos da América Latina e da África, sobre os quais pesa a ameaça do expansionismo brasileiro, assim como a luta do povo português, ameaçado pelas antigas colónias de Portugal, principalmente com o de Angola, que enfrenta no momento a agressão das forças reaccionárias e dos mercenários imperialistas.

f) REALIZAR ESFORÇOS PARA CRIAR UM AMPLO MOVIMENTO INTERNACIONAL DE SOLIDARIEDADE À LUTA ANTIFASCISTA E DEMOCRÁTICA DO POVO BRASILEIRO E DO ISOLAMENTO MUNDIAL DA DITADURA. Um trabalho sistemático e permanente deve ser efectuado de modo a informar e esclarecer a opinião pública mundial acerca dos factos relacionados, de um lado com os crimes e a repressão da



100 MIL PESSOAS JÁ PASSARAM PELAS MASMORRAS DE PINOCHET

Desde que os fascistas estão no poder, 3 mil prisioneiros foram executados sem julgamento ou morreram devido às torturas, enquanto 50 mil deixaram o país para escaparem às perseguições

«A repressão, as torturas, o tratamento desumano dos homens, a violação dos direitos elementares e das liberdades cívicas, tornaram-se um traço característico da Junta Militar chilena» — afirma o relatório publicado em Genebra, do grupo de trabalho especial da Comissão da ONU para os Direitos do Homem, que efectua actualmente um inquérito acerca da violação dos Direitos do Homem no Chile.

A Direcção Nacional de Informação (DINA), e outros organismos repressivos da Junta utilizam todos os meios possíveis contra os seus adversários políticos. As prisões e os campos de concentração do país estão superlotados com detidos políticos, condenados a uma morte lenta e penosa. As torturas sistemáticas, a alimentação frugal e de má qualidade, a proibição dos recreios, a total ausência de qualquer ligação com

o mundo exterior, inclusivamente com a família mais chegada, não demoram muito a comprometer a saúde, já de si débil, dos detidos. Como assinala o documento, depois do derrocamiento do governo legítimo da Unidade Popular, os agentes de Pinochet prenderam, «devido a razões políticas», perto de 90 mil pessoas, das quais 3 mil, segundo dados claramente inferiores aos reais, foram executadas sem julgamento ou instrução, ou morreram em consequência das torturas. Alguns exemplos destas torturas bastam para compreender este facto: é usual enterrar os homens na areia, de maneira a deixar apenas a cabeça de fora, exposta ao sol tórrido; ou prender a vítima a uma cama metálica, aplicando-lhe seguidamente uma corrente eléctrica às feridas abertas; ou ainda esmagar lentamente o prisioneiro com um camião...

Neste momento, encontram-se pelo menos 5 mil presos políticos nas masmorras fascistas. Entre eles, recordamos nós, inclui-se o camarada Luis Corvalán, secretário-geral do P.C. do Chile. No total, durante o governo da Junta, passaram pelas prisões 100 mil pessoas, ou seja, um chileno em cada cem. O relatório acentua ainda os numerosos desaparecimentos de milhares de cidadãos chilenos. Foi essa a sorte de 2 mil pessoas da província de Santiago. Para escaparem às perseguições, cerca de 50 mil chilenos deixaram o país. O grupo de trabalho especial expressa uma profunda inquietação quanto à sorte dos detidos e de todo o povo chileno: «O Povo do Chile, esta digna nação de passado glorioso, deve ser libertado do sofrimento e da humilhação», conclui o relatório.

O grupo de trabalho especial expressa uma profunda inquietação quanto à sorte dos detidos e de todo o povo chileno: «O Povo do Chile, esta digna nação de passado glorioso, deve ser libertado do sofrimento e da humilhação», conclui o relatório.

O grupo de trabalho especial expressa uma profunda inquietação quanto à sorte dos detidos e de todo o povo chileno: «O Povo do Chile, esta digna nação de passado glorioso, deve ser libertado do sofrimento e da humilhação», conclui o relatório.

O Comité Central do Partido Comunista Brasileiro

Cabe aos comunistas indicar ao nosso povo que a derrota da ditadura fascista é apenas o primeiro passo a ser dado rumo a uma efectiva e completa emancipação nacional e social. Esta exige a liquidação do poder dos monopólios nacionais e estrangeiros, com o consequente estabelecimento de um poder nacional e democrático, que abra caminho para a vitória da revolução socialista no Brasil. A importância da derrota do fascismo para o desenvolvimento ulterior de todo o processo da revolução brasileira determina o

papel de destaque destinado à classe operária na luta antifascista. Para que a classe operária possa cumprir com êxito o papel que lhe está destinado nas lutas do nosso povo, é necessário que o Partido esteja profundamente enraizado em suas principais concentrações. A luta contra o fascismo e pela construção do Partido na classe operária são duas tarefas inseparáveis e complementares.

Um passo importante para atingir tal objectivo é coordenar e dar maior amplitude ao trabalho que o Partido já vem realizando nesse sentido.

g) FORTALECER O PARTIDO. O êxito da orientação política depende, em grande medida, da actividade do nosso Partido, da sua capacidade de mobilizar as massas e levá-las à acção, de organizá-las. Num momento, quando a ditadura fascista faz do nosso Partido o alvo principal dos seus ataques, é necessário lutar com firmeza pelo reforço do Partido, ligando-o cada vez mais às massas, velando pela sua unidade e segurança e intensificando a vigilância contra as acções externas e internas do inimigo de classe.

h) REALIZAR A PROPAGANDA PERMANENTE DA LINHA POLÍTICA DO PCB. Os comunistas devem desenvolver a formação da frente antifascista e patriótica e pela derrota da ditadura, não ocultam os seus objectivos finais. Ao contrário devem desenvolver os maiores esforços para que estes sejam divulgados, esclarecidos e aceites pelas mais amplas massas. A propaganda da nossa linha política é uma tarefa permanente de cada comunista, que deve desenvolver todos os tipos de iniciativa para que a nossa orientação atinja as mais amplas massas do nosso povo e, em primeiro lugar, a classe operária.

Tradução directa da Edição Soviética de 1974

manual de economia politica

N. D. KOLESOV

Academia de Ciencias da U.R.S.S.

Distribuido e pedidos a: CDL — Central Distribuidora Livraria SARI

Informação

● Um deputado justicialista revelou, no Congresso argentino, pormenores detalhados acerca da estrutura da organização terrorista clandestina Aliança Anticomunista Argentina (AAA). As revelações do deputado incluíram a divulgação de um organograma que indica como principal responsável da sinistra organização fascista o ex-ministro do Bem-Estar Social, José Lopez Rega. Execuções, atentados, perseguições, eis o «bem-estar social» que as forças da direita e do fascismo querem dar ao povo argentino...

● O Comité de Estado para o Desporto da URSS adoptou a resolução relativa à criação, a partir deste ano, de clubes de futebol que deverão ter uma equipa de seniores, duas de juniores e várias formações de adolescentes. Estes clubes terão como principal objectivo coordenar a preparação dos seniores e dos adolescentes e das equipas dos empreendimentos industriais. A eles poderão aderir os entusiastas do futebol, que participarão nas várias actividades.

● O camarada Luis Corvalan, secretário-geral do Partido Comunista Chileno, preso pelos esbirros da Junta Militar fascista na sequência do sangrento golpe de Pinochet, será julgado por um tribunal militar, segundo anunciou um dos militares da Junta.

● As eleições gerais na Argentina foram marcadas para o dia 12 de Dezembro deste ano, segundo anunciou um informador do Governo de Estela Perón.

● Uma das mais famosas editoras da República Democrática Alemã, «Edition Leipzig», publica este ano livros especializados destinados a apoiar os operários dos países em vias de desenvolvimento na sua formação. 187 obras contendo técnicas elementares e processos tecnológicos foram já editadas e atingiram tiragens perto de um milhão de exemplares. Estas obras são editadas em inglês, francês, espanhol e árabe, ao mesmo tempo que a referida editora lança, nessas quatro línguas, dicionários técnicos, numa edição de dez volumes.

● A delegação da República Popular de Angola, que, pela primeira vez, tomou o lugar que legitimamente lhe cabe na Organização da Unidade Africana, foi aplaudida por numerosos delegados de países africanos quando entrou na sala da OUA em Addis-Abeba, a fim de participar na Conferência desta organização que decorre na capital etíope.

● Em Roma, uma grande greve decretada pelas três centrais sindicais foi a primeira resposta firme dos trabalhadores italianos à constituição de um governo minoritário composto por personalidades da democracia-cristã.

● O camarada Gus Hall, secretário-geral do Partido Comunista dos Estados Unidos, é o candidato dos comunistas norte-americanos às eleições presidenciais que este ano se realizam.

● No Canadá, existe um partido político que utiliza a designação, algo estranha e contraditória de Partido Progressista Conservador.

● Henry Kissinger, o caixeiro viajante da agressão imperialista americana, anda em digressão pela América Latina, contactando com os governos fantoches dos países subjugados ao domínio das multinacionais.

● Um processo secreto sobre o líder do Partido Liberal britânico, Jeremy Thorpe, desapareceu de um dos gabinetes da Câmara dos Comuns. O processo desaparecido continha numerosos documentos recolhidos durante um inquérito realizado em 1971 e destinado a averiguar se o líder liberal era ou não homossexual.

● Nos próximos cinco anos, serão construídos na União Soviética três mil quilómetros de vias férreas, o que equivale à distância entre Moscovo e Paris. A rede ferroviária da URSS tem actualmente 140.000 quilómetros de extensão, transportando anualmente 3,4 milhões de passageiros.

● A Comissão dos Direitos Humanos da ONU acusou formalmente o Governo de Pinochet de praticar a tortura como instituição e de constantemente violar os direitos humanos dos presos políticos.

● A Albânia é um dos poucos países da Europa que ainda não reconheceu o legítimo Governo da República Popular de Angola.

● Em Hanói, por ocasião da festa do «Tet», o vice-ministro da construção mecânica e metalúrgica da República Democrática do Vietname, visitou a Escola de Amizade Vietname-RDA. Actualmente, 600 jovens operários estudam nesse estabelecimento a fim de obterem, após três anos de estudos, o seu certificado de especialistas metalúrgicos.

● A visita do sr. Kissinger a diversos países da América Latina tem sido assinalada por grandes manifestações populares de repúdio pela ingerência do imperialismo americano nos assuntos internos dos países daquela região. As forças policiais dos países por onde Kissinger tem passado tem reprimido os manifestantes e protegido o representante americano.

● Entrou em vigor no passado dia 24, em Cuba, a nova Constituição que foi aprovada por 5.472.867 cubanos, ou seja, 97,7% da população da ilha da Liberdade. Esta grande vitória do povo cubano, que assim vê legisladas as conquistas duramente obtidas ao longo de vários anos constitui a primeira constituição socialista do hemisfério ocidental.

● O sr. Richard Nixon, que um escândalo afastou da Presidência dos Estados Unidos, foi recebido em Pequim, em plena luta pelo poder, com honras de chefe de Estado.

● Realizou-se em Berlim o VI Festival da Canção Política, no qual participaram representantes do nosso País. No espectáculo de encerramento participaram 16 conjuntos e solistas de vários países. Durante 8 dias, mais de quarenta grupos e autores de canções de 30 países ergueram a sua voz contra o imperialismo e a guerra, pela paz e o progresso.

● A RDA está disposta a participar em projectos da UNESCO que sirvam para fomentar a paz e o entendimento entre os povos e a pôr à disposição daquela organização da ONU as experiências adquiridas pela RDA no âmbito da política cultural socialista.

● Os partidos progressistas do Líbano decidiram, na passada semana, não participar no próximo Governo do país.

● Dois países europeus, membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO), cortaram relações diplomáticas, na sequência da chamada «guerra do bacalhau».

● Foi estreada com grande êxito num dos teatros da capital da República Democrática Alemã, uma peça de teatro, «Uma Cruz Sobre o Niagara», do autor peruano Alonso Alegria. Esta obra teatral obteve o prémio de teatro no concurso literário anual promovido pela «Casa de Las Américas», de Havana.

Na Bolívia, estudantes e mineiros: a mesma luta

Na Bolívia, mais de 30 000 mineiros realizaram uma greve de 24 horas como forma de apoio à luta dos estudantes contra o governo direitista de Hugo Banzer.

Invocando tratar-se de uma «medida de precaução», os militares conservadores da Bolívia encerraram primeiro a Universidade Mayor de San Andrés, em La Paz e, depois, a Universidade de Tomas Frias, várias centenas de quilómetros a Sueste da capital boliviana, e uma vez que os estudantes deste último estabelecimento tinham entrado em greve de protesto contra o encerramento da primeira.

No centro da luta estudantil — e de todo o povo da Bolívia — estão os objectivos patrióticos da liberdade e da reforma democrática do ensino o que, evidentemente, é contrário aos ideais dos militares que se encontram no poder depois de terem derrubado pela força o governo progressista do general Torres, que gozava de amplo apoio popular.

Entretanto, a ditadura militar boliviana encara «com muita preocupação» a crescente mobilização popular na luta pela liberdade. Na Bolívia, que mantém relações amigáveis com o assassino Pinochet, as alterações recentemente verificadas na hierarquia militar significam o reforço das posições direitistas e repressivas dos apaiados de Hugo Banzer. Assim e por exemplo, foi recentemente nomeado para comandante do Exército o general Raul Alvarez Peñaranda, que se «distinguiu» em 1974 ao dirigir a célebre matança de camponeses conhecida como o «massacre do vale».

Mas onde existe repressão existe resistência. E é por isso que a unidade de acção entre os estudantes e os mineiros bolivianos na luta pela liberdade ganha uma grande importância.

A greve dos 30 000 mineiros foi decretada pela Federação Sindical de Trabalhadores Mineiros da Bolívia, com grande experiência de luta contra a ditadura. A acção conjunta dos mineiros e dos estudantes é a primeira grande movimentação da classe operária e dos estudantes bolivianos contra a ditadura de Banzer desde que este tomou violentamente o poder, mas é a promessa de que os tempos se vão tomar cada vez mais difíceis para as ditaduras da América Latina, apesar do imperialismo americano encarar um reforço da sua posição nesta região, como o reflecte a actual viagem de Kissinger.

Prossegue a ingerência dos EUA na vida interna dos povos

Enquanto os trabalhadores espanhóis se manifestam cada vez mais firmemente, pelo estabelecimento de um regime político e social em que as liberdades de todos os cidadãos estejam asseguradas, pondo-se fim à ditadura franquista ou ao «marcelismo» de Juan Carlos, o Governo de Madrid, reprimindo os trabalhadores, assina com os Estados Unidos um acordo válido por cinco anos relativo a questões de «defesa e cooperação».

Nos termos deste acordo, mantêm-se os estreitos laços militares dos imperialistas americanos com os continuadores de Franco.

Os Estados Unidos estão interessados em manter esses laços militares com a Espanha em virtude da situação estabelecida na bacia mediterrânica, com o aparecimento de tensões motivadas pelos conflitos do Médio Oriente e de Chipre, pelo enfraquecimento do flanco sul da NATO, o que origina alguma incerteza na posição estratégica do imperialismo nessa zona.

Como se sabe, a Grécia tomou sob seu controle todas as instalações militares americanas no seu território, ao mesmo tempo que deixou de manter tropas suas sob o comando da NATO. A Turquia pôs em causa os direitos dos imperialistas americanos no que toca ao controle de várias bases dos EUA neste país. Por outro lado, Washington nutre algumas apreensões face à possibilidade de uma participação dos comunistas no Governo italiano. Neste aspecto, o próprio Gerald Ford numa atitude de clara ingerência nos assuntos internos de um país, exprimiu já a sua discordância face à possível participação do PCI num Governo da Itália. Convém recordar que, neste país do Mediterrâneo, estão instaladas nove bases militares dos Estados Unidos, sem contar com as instalações militares pertencentes à NATO.

Por isso, o interesse renovado dos imperialistas americanos em estabelecer acordos que militarmente lhes sejam favoráveis com os governantes de Madrid. No entanto, as perspectivas de evolução da situação política espanhola levantam inquietações nos meios políticos da Casa Branca.

Com a assinatura deste documento com os sucessores de Franco, os imperialistas americanos apoiam as autoridades governamentais espanholas que, embora com nova capa, tentam manter a mesma ordem política e social do ditador fascista. A concessão da ajuda militar de Washington a Madrid só se pode interpretar como o reforço do regime pós-franquista, no qual as liberdades e os direitos mais elementares dos trabalhadores continuaram a ser sistematicamente ignorados, enquanto que serão concedidas novas facilidades de exploração ao capitalismo espanhol e ao imperialismo americano que o sustenta.

Cooperação ideológica entre partidos comunistas e operários irmãos

Representantes dos partidos comunistas e operários da Bulgária, da Hungria, da RDA, de Cuba, da Mongólia, da Polónia, da Roménia, da Checoslováquia e da União Soviética exprimiram a sua satisfação face aos «notáveis progressos realizados nos últimos tempos na cooperação ideológica bilateral e multilateral dos partidos irmãos».

Tais resoluções vêm contidas num comunicado recentemente publicado na sequência da reunião dos secretários responsáveis pelas questões ideológicas e pelas relações internacionais dos comités centrais desses partidos-irmãos, realizada em Varsóvia no final de Janeiro.

A intensificação da cooperação no domínio dos assuntos ideológicos tem-se reflectido em vastos campos como os da informação e da propaganda, das ciências sociais, da educação nacional, tal como na actividade das organizações sociais, segundo se refere no comunicado.

Os participantes na reunião aprovaram unanimemente o conteúdo histórico da Conferência de Helsínquia, que veio criar novas possibilidades para a consolidação da

segurança na Europa, o que corresponde, por sua vez, aos interesses dos povos de todos os continentes, no sentido da paz e da cooperação mundial.

A difusão das reais conquistas de cada país socialista no domínio da economia, das ciências e da cultura, nomeadamente o aumento do nível de vida dos trabalhadores e o desenvolvimento da democracia socialista, foi considerada pelos participantes da reunião como uma tarefa fundamental.

Os representantes dos partidos comunistas e operários presentes à reunião de Varsóvia sublinharam a necessidade de activar «a luta contra qualquer tentativa que vise falsear o conteúdo da política externa e interna dos países socialistas, contra a ideologia reaccionária imperialista e sua propaganda, contra a política de violência e de imposição, contra o colonialismo e o neocolonialismo, contra o anticomunismo, o fascismo e o racismo».

Finalmente, foi reafirmada a solidariedade dos países socialistas com a luta do povo da República Popular de Angola.

Os maoistas e os imperialistas contra a paz e a liberdade dos povos

A política externa dos dirigentes chineses comprova a traição cometida pelos maoistas aos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, ao mesmo tempo que ferece aos povos, que em todo mundo lutam pela paz e pela independência, novos factos que demonstram a aliança estabelecida entre os dirigentes de Pequim e os imperialistas americanos.

A oposição chinesa ao estabelecimento da segurança colectiva na Ásia encoraja as novas ameaças imperialistas na zona do Oceano Índico. A propaganda de Pequim não perde uma única ocasião para atacar essa ideia que ganhou o apoio das largas massas populares da Ásia.

Neste continente, produziram-se ultimamente profundas e positivas modificações. No Vietname, no Laos, no Camboja, os imperialistas americanos sofreram profundas e humilhantes derrotas. Os povos da Indochina, após as vitórias obtidas na luta pela libertação nacional, lançam-se na luta pelo progresso económico, social e político. Mas este progresso só é possível com o estabelecimento de uma paz sólida e duradoura, baseada em relações de boa vizinhança.

Vítimas da política imperialista da agressão e ingerência, os povos deste continente enfrentam agora as aspirações expansionistas dos dirigentes de Pequim. Para estes, a criação de um sistema de segurança colectiva na Ásia é um obstáculo aos seus planos de grande potência.

Os povos asiáticos acabaram por estabelecer um sistema de segurança colectiva naquela região do mundo, apesar dos esforços dos partidários da tensão, porque os povos da Ásia têm como interesse comum a salvaguarda da paz e da cooperação e estão resolvidos a acabar de vez com a ingerência imperialista nos seus assuntos internos. A Ásia acabará por constituir um continente de paz, de amizade e de cooperação.

Mas a política de traição dos dirigentes maoistas manifesta-se ainda em outros aspectos da sua política externa. O órgão central do Partido Comunista de Cuba, «Granma», em editorial recentemente publicado, denuncia: «Os maoistas coincidem com os mais ferozes imperialistas, com os mais desenfadados contra-revolucionários, com os inimigos da paz, da libertação e do progresso dos povos».

Salientando que o apoio e a colaboração prestada à Junta fascista do Chile e às forças reaccionárias que agredem o povo de Angola «mostram que a direcção chinesa se coloca ao serviço do imperialismo e da reacção», o «Granma» refere a ajuda financeira dada pelos Estados Unidos e pela direcção chinesa ao regime militar chileno que priva o povo dos seus mais legítimos «direitos, humilhando, prendendo, torturando e assassinando os comunistas, os socialistas e os outros sectores políticos progressistas e patriotas».

«Granma» refere igualmente a ajuda prestada pela direcção maoista às forças reaccionárias que atacam o Governo Popular de Angola, salientando que, com esta atitude, os dirigentes de Pequim provam, uma vez mais, o seu conluio com o imperialismo, contra a libertação nacional, contra o socialismo, contra a revolução.

Não podendo mais ocultar aos povos de todo o mundo as lutas intestinas pelo poder, os dirigentes de Pequim mostram cada vez mais abertamente a sua política de traição à causa da liberdade, da paz e do socialismo, e agem como autênticos renegados do marxismo-leninismo, aliando-se vergonhosamente aos imperialistas americanos.

Campanhas eleitorais e contos do vigário

A campanha eleitoral do candidato à nomeação do Partido Republicano dos Estados Unidos, Ronald Reagan, atingiu, na semana passada, as Nações Unidas, de forma algo insólita mas, de qualquer modo, coerente com as habilidades que os candidatos «republicanos» ou «democratas» costumam utilizar.

Ronald Reagan enfrenta um poderoso adversário. Nem mais nem menos do que Gerald Ford, o actual ocupante da Casa Branca.

Para obter a candidatura Ronald Reagan tem lutado! Uma carta por si assinada e na qual explica as grandes linhas do seu «programa político» foi recebida por várias delegações internacionais acreditadas nas Nações Unidas.

Nesta americana maneira de propaganda eleitoral, Ronald Reagan afirma, a determinado passo: «Devemos olhar o mundo de modo realista, porque compreendemos a grave responsabilidade que somos obrigados a enfrentar enquanto líderes do mundo livre».

Reagan, ex-cowboy mediocre do mediocre cinema de Hollywood, critica severamente o seu adversário Ford, nomeadamente certos aspectos económicos da sua administração e, para política externa, apresenta, seguidamente, um bastante ambicioso programa, prometendo empreender uma cruzada contra a política de desanuviamento internacional e contra o comunismo.

Os sonhos de Reagan são muito grandes. Para os concretizar, o ex-actor promete colocar no primeiro plano da sua futura actuação como presidente dos EUA o reforço das forças militares e estratégicas do imperialismo.

Numa das cartas mostradas a um jornalista nas Nações Unidas, Reagan pede o envio de contribuições voluntárias para o financiamento da sua campanha. «Se está convencido da nossa causa, peço-lhe então que me mande hoje a sua contribuição».

No final da carta, escrita pelo próprio punho do ex-governador da Califórnia, lê-se: «As mais recentes sondagens de opinião que vi são muito encorajadoras. Estou certo de que, com um apoio financeiro suficiente e com esforços voluntários, conseguiremos a vitória».

O primeiro grande problema que preocupa neste momento os bastiões da ONU é saber se Reagan aceita «traveller's-check» ou apenas metal sonante. O segundo grande problema é saber o que acontecerá com as «contribuições voluntárias», caso Reagan não chegue à Casa Branca. Finalmente, o terceiro grande problema, e talvez o maior que se coloca a muitas das delegações acreditadas na ONU, e aos trabalhadores de todo o mundo é se esta operação-Reagan não se tratará de mais um conto do vigário...

A África no limiar da libertação

A África Austral está no limiar da grande viragem. A descolonização portuguesa naquela região do continente africano veio permitir novas perspectivas para a libertação total dos povos africanos, desde sempre submetidos à opressão humilhante e cruel das minorias brancas.

Os novos sintomas de mudança começam já a fazer-se sentir em Zimbawe (Rodésia), antiga colónia britânica, na qual a minoria dos colonos ingleses proclamou unilateralmente a independência, há mais de dez anos, para deste modo continuar a manter os seus escandalosos privilégios, à custa da exploração desenfreada da população africana.

E se na altura a reacção da Inglaterra e das outras potências capitalistas se caracterizou por ameaças vagas, que de antemão se sabia que não viriam a ser cumpridas, como não foram, favorecendo deste modo os desígnios racistas de Ian Smith, hoje também não se vislumbra que o governo inglês ou o governo norte-americano estejam dispostos a entrar numa aventura cujos resultados não se prevêem promissores.

Por seu turno, a República da África do Sul tem ainda o sabor amargo da aventura angolana para repetir o erro de se envolver sózinha, ou com um apoio muito distante dos Estados Unidos, na defesa do regime minoritário branco que governa a Rodésia.

E, contudo, a África do Sul sabe que a Rodésia é o único bastião dos interesses do «Apartheid» que ainda se mantém fora das suas fronteiras. Perdida aquela posição apenas lhe resta fechar-se na sua concha e tentar prolongar o fim que, como sabe, é inevitável.

A independência das ex-colónias portuguesas veio renovar a chama da libertação do continente africano. Libertação essa que não poupará os últimos regimes minoritários brancos nem tão pouco os governos lacaios dos grandes monopólios.

Os acontecimentos recentes de Angola demonstram bem os interesses que animam o regime de Pretória. Apoiar a República da África do Sul é apoiar a manutenção da opressão mais cruel sobre o povo africano, já que naquele país qualquer indivíduo cuja cor não seja a branca não tem direito à mínima regalia e a sua vida pode ser suprimida caso afecte os interesses dos brancos.

Os estados africanos, por muito reaccionários que sejam os seus governos, sabem pois o perigo interno que representaria um entendimento com Pretória.

Também Washington sabe que para a manutenção dos seus interesses não se deve indispor com a maioria dos Estados africanos. Por isso a recente nota do Departamento de Estado sobre a situação política na Rodésia, onde se apela para o regime minoritário de Smith «no sentido de negociar realisticamente, não desperdiçando o que poderá ser a sua última oportunidade para obter um acordo negociado».

Entretanto, também alguns deputados ingleses expressaram bem claro no Parlamento que a Inglaterra não deveria envolver-se em qualquer confronto que possa vir a suceder caso a posição irreduzível de Ian Smith provoque uma resposta enérgica, isto é um reforço das acções armadas, por parte dos nacionalistas africanos.

Com efeito, a Rodésia joga agora a última oportunidade.

O anacronismo da sua política é uma das últimas aberrações que o colonialismo produziu. Manter durante mais tempo as posições irreduzíveis que prolongou durante todos estes anos — com o apoio declarado do regime fascista português e do governo sul-africano ao mesmo tempo que contava com a indiferença cúmplice da Inglaterra e dos Estados Unidos é um erro grave que pode acarretar repercussões incalculáveis.

Um entendimento agora restituído à comunidade africana o direito que legitimamente lhe pertence será a garantia de que se poderá avançar na cooperação entre as duas comunidades e, desde que essa posição seja tomada com sinceridade, de certo que os erros do passado poderão ser esquecidos e ultrapassados. Mas esta posição será mais difícil caso a comunidade africana não tenha outro recurso senão a força para impôr os seus direitos, até agora sistematicamente espezinhados. A Rodésia tem aberta a porta da negociação. Saberá aproveitá-la?

Entretanto, a imprensa capitalista começa já a lançar todo o tipo de calúnias sobre a justa luta dos nacionalistas africanos.

E a sua preocupação centra-se sobre o apoio que vários países e diversas organizações prestam à luta do povo africano daquela ex-colónia inglesa, esquecendo deliberadamente que nenhum povo pode ser ajudado contra a sua vontade. E neste caso não há lugar para dúvidas: a população africana da Rodésia deseja ser livre e para isso conta com todas as ajudas desinteressadas que lhe prestem. E o mesmo sucede com os africanos da República da África do Sul e da Namíbia. O continente africano alcançará a sua libertação total.

REVISTA INTERNACIONAL
PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO Preço: 20\$00 ASSINATURAS

SAI BREVEMENTE

- NOVO FORMATO
- NOVA APRESENTAÇÃO INTERIOR
- MAIOR FACILIDADE DE LEITURA

Distribuição e assinaturas:
CDL — Central Distribuidora Livreira
Rua Pedro Nunes, 9-A Lisboa 1

A RPA AFIRMA-SE INTERNACIONALMENTE

Finalmente, Portugal reconheceu a República Popular de Angola. Mais vale tarde do que nunca. Resta agora recuperar o tempo perdido e estabelecer entre os dois povos relações fraternais de amizade

Portugal reconheceu, por fim, o governo da República Popular de Angola. Reconheceu aquele país africano cento e três dias depois da proclamação da independência. Portugal foi o 88.º país a tomar a decisão de reconhecer oficialmente o governo angolano.

que agora se verifica. Tarde, mas é sempre possível recuperar o tempo perdido.

QUE REPRESENTA O MPLA?

A imprensa ocidental tem expandido uma densa nuvem de falsidades sobre Angola. As forças reaccionárias daquela imprensa têm-se servido de todos os meios para desorientar a opinião pública mundial. Certos meios norte-americanos esforçam-se por aí desempenhar um papel particularmente activo apresentando, obstinadamente, os acontecimentos em Angola sob uma falsa luz, o que é dizer, deturpando-os. Pequim, de quem sempre a reacção internacional se serve nestes casos, dá também a sua ajuda.

Qual é pois a real situação em Angola? O Movimento de Libertação Nacional apareceu e afirmou-se em Angola como parte integrante do processo geral da luta de libertação nacional africana contra o imperialismo, o colonialismo e o racismo. Este movimento foi encabeçado pelo MPLA, formado em 1956. Há 15 anos, o povo angolano iniciou a luta armada directa pela libertação do seu país. Foram precisos longos anos de luta heróica para que o MPLA, que reuniu à sua volta os representantes dos diversos grupos nacionais patrióticos, étnicos e sociais, pudesse proclamar, a 11 de Novembro de 1975, a República Popular de Angola, Estado soberano.

Hoje, o Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA) é a vanguarda reconhecida do povo angolano. Os seus objectivos precisos desempenharam um papel importante na vitória do movimento: a supressão da dominação colonial portuguesa, a transformação de Angola num país independente, economicamente, num país industrializado, moderno e forte, a realização da reforma agrária, a provisão do estabelecimento de limites à grande propriedade e a entrega da terra aos camponeses sem ela, a outorga de direitos iguais a todos os angolanos sem considerações de raça. O não-alinhamento foi proclamado como orientação principal de política externa.

O povo angolano e o seu governo legal são, actualmente, uma peça importante no Movimento de Libertação Nacional do continente africano, trazendo já a sua contribuição válida para o aprofundamento deste mesmo movimento. Angola trilha os mesmos passos já dados pelos povos de outros países africanos, apoiando-se nas resoluções da Organização das Nações Unidas (ONU) e da Organização de Unidade Africana (OUA), quanto à descolonização e à supressão do racismo e do «apartheid».

Hoje, a vitória do MPLA é um facto consumado em todo o vasto território angolano. Os movimentos fanflocos que subsistiam graças à ajuda do imperialismo norte-americano e dos seus aliados chineses encontram-se esmagados pela vontade férrea do povo angolano e apenas têm forças para profereirem os seus desvarios habituais e as calúnias que a sua falta de imaginação tece.

As próprias forças sul-africanas que hoje ocupam uma parcela diminuída do Sul de Angola, depois de terem tentado atingir Luanda juntamente com mercenários portugueses antes da data da independência, começam já a pensar numa solução negociada, já que um compromisso pela força não lhes foi favorável, antes se saiu numa derrota humilhante.

Mas a experiência mostra-nos igualmente outros factos: o caminho que conduz os povos à

opussese a todos os países progressistas do continente africano. Não é segredo que os interesses militar-estratégicos e económicos desempenham aí um papel que está longe de ser secundário. Os meios militaristas de certos meios ocidentais, os monopólios imperialistas, compreendem bem que o reforço do poder popular em Angola protegerá as riquezas naturais e a população do país contra a exploração das multinacionais, o que será um poderoso estímulo para o incremento de lutas de libertação do povo da Namíbia, da África do Sul e do Zimbábue contra os regimes racistas, o que impulsionará a luta dos povos africanos pelas transformações socioeconómicas, pela supressão definitiva no continente dos vestígios de colonialismo e do racismo.

Todas estas forças que se opõem ao povo de Angola, permaneciam indiferentes ao seu destino, quando aquele se encontrava debaixo do regime fascista de Portugal, em condições de jugo colonial. Mas, desde os anos 60, logo que tiveram a perspectiva real do êxito da sua luta pela independência, começaram a manifestar um estranho interesse pelos assuntos desse longínquo país africano. Começaram então a dar o seu apoio não dissimulado ao regime fascista português que levava a cabo uma guerra colonial sangrenta, deram os primeiros passos no sentido da formação de organizações separatistas que vendidas aos seus patrões imperialistas deram, mais tarde, origem à FNLA e à UNITA.

O secretário de Estado dos EUA, que recentemente discursou em S. Francisco, empenhou-se em provar o improvável: a ingerência da União Soviética nos assuntos internos de Angola e, paralelamente, a justificar a incoerência manifesta e dissimulada dos Estados Unidos nos acontecimentos angolanos, ingerência essa que data de há muito. Parece, todavia, que o orador desconheceu os factos e a lógica. Ele esforçou-se por fazer desaparecer a diferença entre a ingerência real nos assuntos da RPA, que é a invasão das forças armadas sul-africanas e o apoio que a URSS concede ao governo legítimo (e sublinhamos, legítimo) a pedido deste último, para pôr fim à agressão estrangeira contra o novo Estado de África.

Quem não sabe, hoje, que os Estados Unidos concedem «em segredo» uma ajuda financeira à FNLA e à UNITA? Conhecem-se igualmente as dimensões desta ajuda. Mesmo Washington falou dela. Esta ajuda assume a forma de importantes fornecimentos de armamento aos separatistas, de milhões e milhões de dólares, de tentativas de estrangulamento económico do jovem Estado e de outras acções subversivas, além da pressão política sobre outros Estados africanos.

Também já não é segredo que foi precisamente com o apoio externo que a FNLA e a UNITA conseguiram anular, na altura, a actividade do governo de transição em Angola, tendo feito abortar a



declararam que não têm intenções disso.

E mais ainda: o Parlamento racista da África do Sul aprovou inclusivamente, um projecto-lei que permite ao governo o direito à intervenção armada nos Estados Africanos ao Sul do Equador, onde haja «um perigo para a sua segurança». Esta lei sem precedentes significa, que este Estado racista declarou a expansão agressiva como princípio de política externa, facto que é contrário aos princípios mais elementares de direito internacional.

Os dirigentes de Pequim, por sua vez, desempenham um papel vergonhoso na luta contra o movimento de libertação nacional do povo angolano. Pequim envia importantes remessas de armas para os países vizinhos de Angola que são utilizadas pelos separatistas; envia instrutores e militares experientes, treina quadros militares para os traidores do povo angolano. Um dos dirigentes dos separatistas, Holden Roberto, declarou abertamente: «Todos os meus soldados são treinados por chineses... mais, os chineses ajudam-me sem reservas». Os maocistas não só intervêm directamente na Angola independente actuando concertadamente com os imperialistas, como também procuram clinicamente justificar a política do regime racista sul-africano.



destino do povo angolano. A posição da URSS face a este problema está isenta de considerações passageiras ou conjunturais. É uma posição de princípio. Desde o início que a luta levada a cabo pelas forças patrióticas de Angola pela sua libertação do jugo colonial, foi incondicionalmente apoiada pela União Soviética. Do mesmo modo que muitos outros Estados, a União Soviética assinou a declaração da ONU sobre a outorga da independência aos países e povos coloniais onde se afirma: «Todos os povos têm direito à autodeterminação... e devido a este direito, eles estabelecem livremente o seu estatuto político e realizam o seu desenvolvimento económico, social e cultural».

Sabe-se igualmente que a resolução adoptada pela 29.ª sessão da Assembleia Geral da ONU apelava directamente para todos os governos concederem

aos povos em situação de denominação colonial «toda a ajuda moral e material para que eles possam ascender à independência nacional».

Fiel aos princípios enunciados por aquelas resoluções assim como por outras das Nações Unidas, a União Soviética concedeu ajuda e apoio ao povo angolano no plano moral, político e material.

Julius Nyerere, presidente da Tanzânia, acentuou a justo título: «O MPLA não teria podido combater os colonialistas portugueses só com armas e flechas. O Ocidente recusou-se a fornecer armas ao MPLA, ao apoiar os colonialistas. Foi então que a União Soviética e os seus aliados os forneceram. Agora, Angola é independente». Isto são palavras verdadeiras.

A União Soviética continua a dar a Angola toda a ajuda moral, política, diplomática e outras. A URSS não crê que a solução do

problema angolano só passe pela via militar. A União Soviética não se opõe nem se opõe a uma solução política. Sabe-se que ela saudou a formação do governo de transição em Angola com a participação dos representantes dos diversos movimentos. Sob a influência externa, os separatistas da FNLA e da UNITA boicotaram a sua actividade. O nosso país sempre aprovou os esforços desenvolvidos pelo governo da RPA tendo em vista a consolidação das forças patrióticas que têm por fim a independência autêntica e o desenvolvimento democrático do país.

O povo angolano tem em grande estima o apoio dado pelos seus amigos. Agostinho Neto, presidente da República Popular de Angola, sublinhou: «Desde o início da luta contra os colonialistas portugueses, como hoje, na luta contra o imperialismo, são os países progressistas de África e do mundo os nossos verdadeiros amigos. Eles dão à nossa luta o seu apoio moral, material, político e diplomático. A ajuda mais importante, a mais considerável, desde o início da nossa luta, é a concedida pelos países da comunidade socialista».

Na nossa época, a tendência principal da actual situação mundial, apesar da sua complexidade, é o desanuviamento. Mas o atenuamento da tensão internacional não significa liberdade de acção para os agressores, a conservação das possibilidades para os colonialistas e racistas de continuar a saquear as riquezas nacionais dos povos e, logo que se possa pôr um termo a isto, de tentar a recuperação pela força das posições perdidas. São acções que criam tensões e agravam a situação. Vê-se bem, pois, quem tem a responsabilidade de tudo isto. E também se vê claramente a base sobre a qual se pode e deve regularizar a situação em torno de Angola.

A ESTRATÉGIA IMPERIALISTA E O PAPEL DE PEQUIM

Mas a experiência mostra-nos igualmente outros factos: o caminho que conduz os povos à



Mas a grande verdade, e vale a pena pensarmos seriamente neste aspecto, é que os interesses de todos os que abandonaram Angola devido a uma situação instável criada pelos interesses do imperialismo monopolista não foram defendidos com o atraso do reconhecimento da RPA.

Pode o PPD e o CDS e outras formações políticas de direita dizerem alto e bom som que estão interessados na sorte de todos os portugueses que abandonaram aquele território, mas a prática política que seguiram demonstra claramente que assim não é.

Milhares de portugueses pretendem regressar, a cooperação de Portugal com Angola é uma necessidade que pode beneficiar os dois países e isto só se pode verificar desde que exista uma situação normal. É o

independência e ao desenvolvimento independente na via do processo social, é espinhoso e complexo. Os primeiros tempos do jovem Estado estão ligados a uma luta acesa contra os seus inimigos devendo fazer frente à reacção da união das forças mais reaccionárias do mundo actual: os imperialistas e os racistas sul-africanos que tratam mercenários prontos a matar não importa quem, nem onde, desde que ganhem alguns dólares. É sobejamente conhecido o facto de estes mercenários serem recrutados nos Estados Unidos, na RFA, na Grã-Bretanha e noutros Estados Ocidentais e depois transferidos, organizadamente, para Angola.

Os neocolonialistas e os racistas pretendiam conservar, no Sul de África, um bastião que se

possibilidade de um entendimento político e aberto a via para a intervenção estrangeira armada.

A vista de todo o mundo, a África do Sul participou na luta contra o governo local de Angola, invadindo com tropas regulares o território angolano, desencadeando, assim, uma agressão aberta contra um Estado independente. Os efectivos das tropas africanas que actuam actualmente em Angola, atingem, daquele país, vários milhares de homens. Também Washington reconhece que as tropas do regime sul-africano invadiram Angola com o apoio dos Estados Unidos e respondendo ao pedido directo da UNITA. Em resposta às comunicações que afirmavam que a África do Sul se apressaria a retirar os seus homens, as autoridades sul-africanas

A POSIÇÃO DA COMUNIDADE SOCIALISTA

A União Soviética, como os outros países da comunidade socialista, não são indiferentes ao

A VERDADE E A MENTIRA

Os inimigos internos e externos do povo angolano gostariam de apresentar os acontecimentos de Angola apenas como uma luta íntestina ou uma «guerra civil» mas os factos provam o contrário. Trata-se da agressão imperialista declarada contra a República Popular de Angola, Estado soberano; trata-se da luta do seu povo contra a grosseira ingerência nos seus assuntos. Mas as acções criminosas contra um Estado independente não poderão nunca fazer parar o processo da evolução da sociedade actual e Angola não constitui excepção.

É pois questão de vida ou de morte assegurar ao povo angolano todas as condições necessárias para libertar a sua pátria, estabelecer a sua integridade territorial e avançar na via do processo social em clima de paz e independência. Só existe um meio de regular os destinos do povo angolano: é aquele que ele próprio escolhe. Angola apenas pertence ao povo angolano e este exprimiu-se firmemente nesse sentido — para tal existe um governo legítimo de Angola na capital legítima do país.

Cada dia que passa testemunha o reforço das posições do governo da República Popular de Angola no plano interno e externo. Mais de metade dos Estados do mundo já reconheceram o jovem Estado, dos quais 26 são países africanos, ou seja, a maioria dos Estados membros da OUA. A República goza de largo apoio da parte da opinião pública mesmo dos países que, por uma ou outra razão, ainda não reconheceram oficialmente o seu governo legal.

A POSIÇÃO DA COMUNIDADE SOCIALISTA

A União Soviética, como os outros países da comunidade socialista, não são indiferentes ao

ALEGRIA EM BEJA E ALJUSTREL

Sob a iniciativa do nosso Partido, e com a adesão de outras forças democráticas, milhares de trabalhadores festejaram entusiasticamente o reconhecimento da RPA por parte de Portugal

«Finalmente imperou o bom-senso. Mais vale tarde do que nunca», estas são algumas das afirmações que se ouviram no passado domingo na manifestação-cômico que o nosso Partido levou a efeito em Beja, festejando o reconhecimento da República Popular de Angola, por parte de Portugal.

Esta jornada fez afluir à Praça da República não só muito povo de Beja, como ainda 500 operários da Cintura Industrial de Lisboa que vieram ao Alentejo confraternizar com os camponeses num dia de trabalho gratuito para a apanha da azeitona.

Na sequência das intervenções proferidas da tribuna improvisada sobre uma camioneta, dois trabalhadores da Cintura Industrial manifestaram, em nome dos restantes, a solidariedade militante com o povo angolano, com o MPLA, sua vanguarda revolucionária.

Em seguida, o dirigente do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Beja, José Boeiro, salientou através de um curto mas expressivo improviso, a importância do reconhecimento do Governo angolano, deste acto de justiça que só peca por ser tardio. Mais adiante agradeceu a ajuda prestada pelos operários da margem sul e de Lisboa às herdades colectivas.

«Depois de muitos dirigentes políticos terem andado a enganar o povo português com falsos argumentos para evitar o reconhecimento da RPA, o bom senso imperou e as habilidades eleitoralistas tiveram de se vergar perante um acto de justiça, que veio ao encontro dos povos de Angola e Portugal», declarou, a dado passo da sua intervenção, Ana Emília, militante do MDP/CDE, organização que aderiu a esta jornada.

Seguidamente, falou ainda o camarada João Honrado que, em nome da Comissão Distrital de Beja do PCP, saudou fraternalmente o povo irmão de Angola, «que, de armas na mão, sob a orientação do MPLA, soube

impor-se aos olhos de todo o Mundo».

«A ajuda fraterna da União Soviética e de Cuba aos patriotas angolanos não se pode confundir com a agressão imperialista e reaccionária das tropas regulares do Zaire e da África do Sul, que actuaram com os mercenários recrutados na Europa ou com os do ELP» frisou o camarada Honrado. «O auxílio material cubano e soviético tem permitido ao MPLA lutar contra a cobiça imperialista e contra todos os métodos de neocolonialismo».

«A ajuda fraterna do povo angolano e do MPLA, sua vanguarda revolucionária, não se pode confundir com a agressão imperialista e reaccionária das tropas regulares do Zaire e da África do Sul, que actuaram com os mercenários recrutados na Europa ou com os do ELP» frisou o camarada Honrado.

«O auxílio material cubano e soviético tem permitido ao MPLA lutar contra a cobiça imperialista e contra todos os métodos de neocolonialismo».

«A ajuda fraterna do povo angolano e do MPLA, sua vanguarda revolucionária, não se pode confundir com a agressão imperialista e reaccionária das tropas regulares do Zaire e da África do Sul, que actuaram com os mercenários recrutados na Europa ou com os do ELP» frisou o camarada Honrado.

«O auxílio material cubano e soviético tem permitido ao MPLA lutar contra a cobiça imperialista e contra todos os métodos de neocolonialismo».

estratagemas da reacção interna e externa.

Com vivas ao MPLA e à República Popular de Angola, os milhares de trabalhadores ainda escutaram as palavras emocionadas de um camarada operário da Mague, que informou, perante a alegria de todos os presentes, que só nos concelhos de Serpa e Moura se tinham apanhado 60 mil quilos de azeitona.

Foi emocionante. Trocaram-se abraços, cerraram-se punhos de confiança e determinação nestes momentos intensamente vividos.

A aliança operário-camponesa e a afirmação do internacionalismo proletário, deram os braços no dia do reconhecimento da República Popular de Angola.

EM ALJUSTREL

Convocada pela Comissão Concelhia de Aljustrel do nosso Partido, realizou-se, no passado

domingo pelas 19 horas, uma concentração popular nas imediações do jardim desta localidade, em apoio ao reconhecimento, por parte de Portugal, do Governo da República Popular de Angola, sob a bandeira do MPLA.

Aderiram ainda a esta jornada de internacionalismo, o MDP/CDE, o Movimento Democrático das Mulheres, o Sindicato dos Mineiros de Aljustrel e várias comissões de moradores.

A preceder a manifestação, que vinta a percorrer as principais artérias da vila, usaram da palavra o camarada João Pedro do nosso Partido, Edmundo da Silva, do MDP/CDE, Maria Arlete, do MDM, e Maria do Rosário que, em nome das comissões de moradores, propôs no final uma moção a enviar ao Presidente da República e ao Conselho da Revolução, pelo acto de reconhecimento da RPA.

No final interveio ainda, o presidente da Comissão Administrativa da Câmara.

☆

Grande festa de carnaval

28 e 29 Fevereiro

NA F.I.L. (À PRAÇA DAS INDÚSTRIAS, ENTRADA PRINCIPAL)

PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

ORGANIZADO PELO COMITÉ LOCAL DE LISBOA UEC E UJC

DA 28 às 21 HORAS

BAILE até de MADRUGADA

DA 29 às 16 HORAS

TARDE INFANTIL

AS 21 HORAS

CANTO LIVRE

AS 24 HORAS

BAILE

*

CINEMA

VARIEDADES*

SERVIÇO de BAR